PÁGINA 4: QUAL O FUTURO DE «O METROPOLITANO DE LISBOA»?

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 557 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

O nevoeiro, esta manhã, levou á suspensão dos cacilheiros que circulam entre o Cais do Sodré e Cacilhas. O tráfego no rio só viria a normalizar-se ao meio-dia. O Aeroporto acusou também o contratempo do nevoeiro: não foi possível efectuar qualquer aterragem, tendo diversos aviões divergido para Faro e Barcelona. (Ler notícia na ult. pág.)

PARALISAÇÃO DOS AUTOCARROS E ELÉCTRICOS EM ROMA

ROMA, 23 — (A. N. I.) — O pessoal dos autocarros e dos carros eléctricos de Roma entrou em greve á meia-noite. A suspensão das carreiras foi feita por dois períodos — o primeiro, de oito horas, começa ao fim da tarde.

Esta é a quarta greve do pessoal destes transportes publicos, que exige aumento de salários.

Em Olbia, Sardenha, onde ontem começou uma greve geral de 48 horas, houve tumultos. Ficaram feridos catorze polícias e três grevistas e foram detidas umas doze pessoas.

Os grevistas bloquearam o tráfego rodoviário e ferroviário e a Polícia, mesmo com o recurso ás granadas de gás lacrimogéneo, só ao fim de algumas horas conseguiu restaurar a ordem.

HOJE 28 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

À ENTRADA DO KREMLIN

ATACADOS A TIRO OS COSMONAUTAS

MOSCOVO, 23 — (F. P.) — Um cidadão soviético atacou ontem o carro que transportava os quatro cosmonautas, perto duma das portas do Kremlin — soube-se de fonte geralmente bem informada.

O veículo, descapotável, estava a chegar à Torre Borovitski, que marca a entrada do Kremlin, quando um homem saiu do passeio e disparou muitos tiros de pistola contra o automóvel.

O motorista foi atingido. O seu estado é desesperado. Ignora-se como parou o carro ou se foi de encontro a algum obstáculo. Nenhum dos quatro cosmonautas foi atingido.

O general Georgy Berogovoi, piloto da «Soyuz 3», que ia no banco detrás, apanhou com alguns estilhaços de vidro.

O autor do atentado foi dominado imediatamente pela multidão e preso pela Polícia. Ignora-se a sua identidade.

Segundo informações complementares, seria uma mulher.

Os quatro cosmonautas acabavam de mudar de carro, passando de um fechado para um descapotável.

Por causa do frio (25 graus abaixo de zero) é que tinham vindo em carro fechado desde o aeroporto. Só no centro da cidade, na Rua Dimitrova, perto do rio, é que mudaram para o carro descapotável a fim de percorrerem o ultimo quilómetro e o mais «triunfal» que faltava para chegarem ao Kremlin.

O carro dos cosmonautas precedia directamente o dos dirigentes soviéticos Leonid Brejnev, secretário-geral, e Nicolas Podgorny, chefe do Estado.

Segundo certas especulações, o autor do atentado teria a intenção de disparar contra o carro em que seguiam os dois dirigentes soviéticos e não contra o dos cosmonautas.

Com efeito, Alexis Kossyguine não esteve presente ao lado dos outros dois membros da «Troika» o que não acontecia desde a subida ao Poder.

Nota-se hoje que o «meeting» triunfal no Palácio dos Congressos, no Kremlin, começou com perto de quarenta minutos de atraso.

Quando os dirigentes soviéticos chegaram á tribuna notou-se, sem se supor a causa, o ar anormalmente grave e preocupado dos membros da «Troika».

«RALLYE» DE MONTE CARLO

A equipa portuguesa obrigada a desistir

• Os «Porsche» ocupam os primeiros lugares

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL
AVELÃS COELHO

MONTE CARLO, 23 — (Pelo telefone) — A dureza do percurso Monaco - Val-les-Bains - -Chambery-Monaco, que terminou ontem de manhã, ultrapassou afinal todas as expectativas. Apenas 56 concorrentes (dos 156 que alinharam á partida) chegaram a Monte Carlo após os 1500 quilómetros, e, daqueles que chegaram, doze estão eliminados por terem ultrapassado a tolerancia de 30 minutos concedida pela organização.

A equipa portuguesa do Cooper n.º 101, António-Peixinho e Burnay Bastos, desistiu antes da partida para o troço cronometrado de La Chartreuse. Com os pneus já gastos e sem possibilidades de substituição, o carro atravessou-se na estrada por duas vezes. Com 700 quilómetros ainda a percorrer e quatro troços cronometrados a cumprir não restava outra alternativa senão desistir: a

(Continua na ultima página)

Adolf von Thadden, chefe do Partido Nacional Democrático, neonazi, da Alemanha Ocidental. Segundo Thadden, o seu partido está preparado para as eleições gerais que se efectuam em Outubro próximo, esperando obter entre oito a 13 por cento do total dos votos

A partir de amanhã:

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

«Dónde vas, Uruguay?»

ALGURES NO MUNDO, um repórter do «Diário de Lisboa», testemunha directa de acontecimentos, sintonizador de opiniões, observador de pessoas e gestos, transmite na hora própria a imagem fiel dos lugares onde a História se faz. Assim aconteceu com a série de reportagens sobre o Brasil que Joaquim Letria, jovem jornalista de 25 anos, enviou regularmente do outro lado do Atlântico.

Cabe agora a vez a outra nação sul-americana, talvez aquela que, depois do Brasil, tem estado mais em foco nos últimos tempos. Que se pasa na República Oriental do Uruguai? Que vicissitudes são as suas, como se explica a profunda crise em que o país mergulhou? Para onde, e movida por que forças, caminha a terra que já foi chamada a «Suíça da América do Sul»? «Dónde vas, Uruguay?»

Dois milhões e meio de habitantes rarefazem-se numa superfície de 187 mil quilómetros quadrados — duas vezes a de Portugal —, mas a emigração sangra diàriamente o território, a ponto de a vizinha Argentina dar hoje trabalho a um milhão e meio de uruguaios. Perspectivas imediatas do país, dessa «tierra de ningún provecho» de que falavam os espanhóis? Poderá o Uruguai sair de dez anos de crise económica, agravada desde 1963 com o colapso da carne e da lã, principais produtos de exportação? Acabaram de vez os anos de prosperidade?

A tudo isso etá atento o repórter do «Diário de Lisboa», cujas impressões começamos a publicar amanhã. É mais um serviço informativo de alta qualidade. Como tínhamos prometido. Como devemos em qualquer circunstância, aos nossos leitores.

Falta pessoal técnico para o Gabinete de Urbanização do Município de Coimbra

COIMBRA, 23

Na reunião da Câmara Municipal, op residente, eng. Araujo Vieira, deu conta da visita do sr. ministro das Obras Públicas e, depois, de uma troca de impressões sobre os mais importantes problemas de Coimbra, da qual disse que saiu muito animado.

Interessado na execução imediata de um plano regulador da cidade, aquele membro do Governo, tendo conhecimento da dificuldade de contratar pessoal técnico para o Gabinete de Urbanização da Camara Municipal, determinou que aquele plano fosse feito em gabinetes privados, especializados na matéria. Para o efeito, foi ouvido o urbanista sr. prof. Costa Lobo, a quem se pediram os elementos necessários, e foram já comunicadas essas diligências ao sr. ministro das Obras Publicas Na mesma audiência em que o presidente do Município deu conta das referidas diligências, foram, ainda, tratados outros grandes problemas da cidade, nomeadamente os da abertura da Avenida Tencral e da esta-Francisco Cortês, solicitar aos Serviços Municipalização de tratamento de esgotos e distribuição de água ás zonas rurais, pelo que vão ser estudadas novas formas de financiamento que permitam executar, com a necessidade que se impõe, esses importantes melhoramentos. Aquele membro do Governo prometeu ajudar o Município e patrocinar soluções que conduzem á solução desses presentes problemas, que vão ser estudados em pormenor, como se impõe, para sugerir as referidas soluções que pareçam válidas e estejam dentro das possibilidades do seu Ministério.

A Câmara deliberou adquirir duas pequenas parcelas de terreno, uma de 416 m2 para a construção do caminho municipal á Povoa do Pinheiro; e outra de 150 m2 para construção de um muro de suporte da estrada municipal em Cernache; e, por proposta do vereador sr. dr. dos a electrficação dos lugares de Vale de Rosas e Carecos, na freguesia de Lamarosa.

Por fim, o vereador sr. dr. Viriato Namora solicitou esclarecimentos sobre as obras na Rua dos Combatentes da Grande Guerra; e o sr. eng.º Araújo Vieira elucidou a vereação sobre o andamento das diversas obras em curso na cidade.

Trabalhos de urbanização

Dentro do Plano de Urbanização do Estádio Municipal, começaram os trabalhos de urbanização da Praça Salazar, do lado sul do referido estádio.

As obras principiaram pela abertura de um arruamento que vai do apeadeiro de São José á Rua D. João III, em frente da bilheteira do Estádio, do lado nascente.

A 1.ª assembleia geral do Museu Dr. Joaquim Manso efectua-se no sábado

O Museu Etnológico e Etnográfico da Nazaré, a que foi dado o nome do fundador do «Diário de Lisboa» e seu primeiro director, instalado que está na casa que foi de Joaquim Manso, tem a sua primeira assembleia geral no próximo sábado.

Estará presente o doador da casa que tornou possível a instituição, o comendador Amadeu Gaudêncio. Presentes também muitos outros, com certeza que á Nazaré se deslocarão para marcar com sua presença, essa primeira assembleia de uma instituição que a todos interessa.

Os associados que não possam assistir pessoalmente podem enviar as suas representações por carta, até sábado á noite, em que se efectua a assembleia.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O noso prezado colega «O Almonda», de Torres Novas, transcreveu do «Diário de Lisboa» o artigo da nossa ilustre colaboradora dr.ª D. Elina Guimarães, intitulado «Quando o casamento é benéfico»; e fizeram transcrições ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «A Província de Angola» (Luanda), «Diário de Luanda» e «Antena», de Lisboa.

Conte connosco...
...contamos consigo
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Que carne aprecia mais?

Parece que as pessoas devem comer, todos os dias, determinada quantidade de carne. Isto (que em teoria é muito bonito) não tem, por razões óbvias, aplicação prática, pelo menos tanto quanto seria para desejar. Ora vejamos:

● *O menino Carlos Fernando Rodrigues Maria, de 12 anos, paquete, responde:*

— Gosto muito de carne de porco. Principalmente as costeletas...

— E costumas comer carne muitas vezes?

— Costumo.

— Todos os dias?

— Era bom, era...

● *A sr.ª D. Gertrudes Esteves, doméstica, tem outras preferências:*

— Aprecio principalmente a carne de vaca, mas também gosto muito da de carneiro.

— E como a prepara?

— Gosto da carne em bife ou assada. Mas as costeletas de carneiro são uma delícia.

— Prefere-a fresca, não?

— Sim, carne congelada não é comigo.

● *Por sua vez, o sr. Henrique Fiúza, repórter fotográfico, para surpresa nossa, responde:*

— Não gosto de carne. Sou vegetariano, embora mais teórico que prático...

— Quer isso dizer que...

— ... De vez em quando lá como um bife de vaca grelhado. Mas tem de ser carne bem fresquinha.

DE ONTEM PARA HOJE

DIA DE S. VICENTE

O Dia de S. Vicente, patrono principal da cidade e da diocese de Lisboa, foi comemorado na Sé com missa solene de pontifical, seguida de exposição e osculação da relíquia do mártir, actos a que presidiu o cardeal-patriarca. As cerimónias, promovidas em colaboração com o Município, iniciaram-se ás 18 e 30, sendo concelebrantes do pontifical os cónegos D. João de Castro, provigário-geral do Patriarcado; dr. Figueiredo Sarmento e dr. Isaías da Rosa Pereira; beneficiado Policarpo Canas e padres Tobias Duarte, prior da Estrela, José Mendes Serrazina, vice-reitor do Seminário Maior Patriarcal de Cristo-Rei, nos Olivais, e João de Brito, prior da freguesia da Penha de França. Encarregou-se dos canticos a «Schola Cantorum» do Seminário dos Olivais, dirigida pelo rev. dr. Manuel Luís, estando ao órgão o rev. dr. João Morais. Assistiram os arcebispos de Mitilene e de Cízico, presidente e vice-presidentes do Município, vereadores e funcionários superiores. O cardeal-patriarca, na altura oportuna, proferiu uma alocução. O sr. general França Borges, findas as cerimónias, esteve no camarim do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, onde lhe apresentou cumprimentos pela passagem do 39.º aniversário da sua posse.

«SOCIOLOGIA DOS POVOS IBÉRICOS»

No Instituto de Ciências Sociais, iniciou ontem o prof. Manuel Lizcano uma série de três lições, cujo título geral é o de «Sociologia dos Povos Ibéricos». Nesta primeira conferência, o prof. Lizcano, que é secretário-geral da Associação de Sociólogos da Língua Espanhola e Portuguesa, presidente do Instituto de Sociologia e Desenvolvimento da Área Ibérica e director das revistas «Comunidades» e «Anuário de Sociologia dos Povos Ibéricos», faltou, com grande desenvolvimento, de «A Área Ibero-Americana», ou seja, fez uma análise pormenorizada da sociedade ibero-americana.

CORPORAÇÃO DO COMÉRCIO

Na sede do Grémio dos Importadores de Material Electrónico foi empossada a direcção recentemente eleita. Conferiu a posse o sr. Manuel de Andrade e Sousa, presidente da Corporação do Comércio. O presidente da direcção empossada, sr. Sérgio Teixeira Queirós, depois de agradecer ao presidente e secretário-geral da corporação o apoio constante que o novo organismo lhes tem merecido, afirmou: «Este acto de posse, pouco mais de dois anos decorridos da data do alvará de constituição do Grémio, marca a entrada da actividade gremial na normalidade estatutária — o que é motivo de sincero regozijo para todos e, em especial, para a comissão directiva cessante.

MÉDICOS HOMENAGEADOS

O ministro da Saude reuniu ontem num almoço os srs. prof. Salazar Leite e drs. Santos Junior, Santos Bessa, Cerqueira Gomes, Pais Ribeiro, Castro Salazar, Agostinho Cardoso, Alves Moreira, Gomes Garcia, Leonardo Coimbra, Brás Guerreiro e Gonçalves Soares, deputados á Assembleia Nacional e licenciados em Medicina. Devido a afazeres profissionais, não pôde comparecer o deputado sr. dr. Manuel Nazaré. Foram convivas, também, a sr.ª dr.ª Maria Luísa Van-Zeller, directora-geral de Saude, e os srs. drs. Raul Amaral Marques e Rocha Paris, respectivamente chefe do gabinete e secretário daquele membro do Governo.

A SORTE DO CARCEREIRO

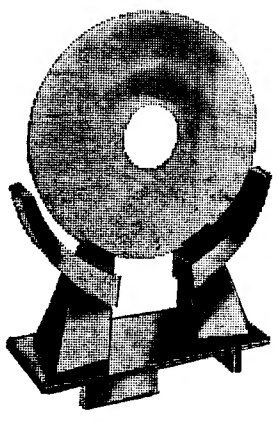
Por arrombamento, evadiu-se da cadeia de Trancoso, Jaime Alves, de 33 anos, casado, natural do Funchal, que fora condenado pelo tribunal de Abrantes e capturado nesta vila, por ordem da autoridade judicial. O carcereiro, pressentindo que o fugitivo se dirigia para França, perseguiu-o, acompanhado do oficial de diligências, e, com tanta sorte o fez, que lhe deitou a mão exactamente no momento em que se preparava para atravessar a fronteira.

D. SEGISMUNDO DE SALDANHA

No gabinete do sr. prof. eng.º Vitória Pires, secretário de Estado da Agricultura, decorreu a cerimónia de imposição ao sr. eng.º silv. D. Segismundo do Carmo da Camara de Saldanha, inspector-chefe da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas vice-presidente do Município, das insígnias de grande oficial da Ordem de Mérito Agrícola Industrial (Classe do Mérito Agrícola). No acto, que foi muito concorrido, falaram aquele membro do Governo e o agraciado.

GILBERTO FREYRE na Faculdade de Filosofia de Braga

Chega ao nosso País no sábado o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, que na segunda-feira iniciará uma série de lições publicas na Faculdade de Filosofia de Braga, sob o título geral «Intelectuais nas sociedades em transição».



TROFÉU DO MIDEM
Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical
Cannes: 18/24 de Janeiro de 1969

PARA O ARTISTA QUE VENDEU MAIS DISCOS EM 1968

Valentim de Carvalho, C. I., S A R L, tem a honra de informar que o troféu MIDEM 1968 para PORTUGAL, foi atribuído pela 3.ª vez, à sua artista exclusiva:

AMÁLIA RODRIGUES

DISCOS Columbia

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA MÚSICA
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

TAPETES
Carpélio
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

A MEIO SÉCULO DA JORNADA DE MONSANTO

Por RAUL REGO

Ficou na história contemporanea de Portugal essa arrancada heróica do povo de Lisboa, vibrante de entusiasmo e indignação, em correria heróica atirado pela serra de Monsanto acima para, no forte onde se haviam entrincheirado os inimigos da Republica, arriar a bandeira símbolo do regime deposto em 5 de Outubro de 1910.

Foi há cinquenta anos e os moços de então alquebrados dos anos, nem por isso deixam ainda de sentir os calafrios e a onda que a todos irmanou fossem eles estudantes, empregados no comércio, operários ou serventes humildes, na instrução militar sumária ministrada por oficiais e sargentos quantos deles vindos meses antes das trincheiras da Flandres ou dos areais de Africa, e depois na escalada que havia de cimentar em sangue e ideal, vontade inabalável, o regime proclamado nove anos antes da varanda da Camara Municipal de Lisboa

As tentativas de restauração tinham principiado pouco tempo volvido sobre o 5 de Outubro em que a Monarquia quase não tivera defensores. Não houvera represálias e o que espanta nos começos da Republica é a generosidade dos novos elementos dominantes, querendo convencer apenas pela força das ideias e a cada tentativa dos seus inimigos se seguindo ampla amnistia, a dar a sensação de impunidade.

A frente dessas tentativas achava-se quase sempre o unico grande defensor do trono, o unico soldado que verdadeiramente não virara a cara ao perigo. Mas as incursões, vindas de terra estrangeira e em Espanha congeminadas e armadas, mal encontravam eco nas quebradas de Trás-os-Montes ou do Minho. Os novos governantes tinham-se mostrado autênticos homens de Estado na forma como souberam administrar o País e ordenar a tradicional barafunda das Finanças da Monarquia. Havia divisões entre eles, mas nem elas obstavam á consolidação das instituições e a que a obra realizada começasse a falar por si mesma, sobretudo a do Governo Provisório e a do primeiro ministério Afonso Costa, em 1913-1914.

Por imperativo nacional, os dirigentes da Republica alinharam com os Aliados na guerra; e bem sabiam eles que os sacrifícios exigidos ao País os condenaria a eles. E não se enganavam. Mas entre os superiores interesses do País e os interesses próprios ou partidários não hesitaram nem tinham que hesitar. O descontentamento surgia naturalmente e na vaga de descontentamento se misturavam os adversários da Republica e todos quantos a intervenção de Portugal na guerra prejudicara nas ambições tantas vezes inconfessáveis. Toda a onda viria concentrar-se nas reacções de Pimenta de Castro e depois a de Sidónio Pais, com prejuízo para a eficiência da nossa participação na frente.

Liquidado na estação do Rossio o consulado de Sidónio Pais, voltava a agitar-se o fantasma da restauração. Paiva Couceiro entrava de novo com as suas hostes pela fronteira Norte do País e proclamara a Monarquia no Porto, em 19 de Janeiro. Fortes da propaganda escancarada dos meses anteriores, ocupando lugares salientes na administração publica, a revolta estalava aqui e além, sobretudo nas províncias do Norte e nas Beiras. Em Lisboa, contavam os conspiradores com os lugares-chave entre a oficialidade dos quartéis. E em 22, as tropas de muitos regimentos saíam para Monsanto onde, a 23, Aires de Ornelas hasteava a bandeira que nove anos antes deixara de ser a bandeira nacional para se tornar na de um partido.

Foi uma descarga eléctrica autêntica a que percorreu Lisboa inteira. Em Monsanto estava o melhor da guarnição, com oficiais superiores, alguns até que tinham sido ministros da Republica em situações de compromisso, outros que dela se tinham servido; mas na cidade estava o povo e o povo não se deu por convencido. Sentindo-se atraiçoado reagiu com uma violência inaudita. Armas bem improvisadas foram as desses milhares de pessoas que do Campo Pequeno (onde André Brun, oficial e escritor que se batera na guerra, orientava os instrutores), se dirigiram depois para a serra de Monsanto. Com o povo, a coluna de Marinha comandada por essa figura de lenda que se chamou Afonso Cerqueira e que também se batera no Sul de Angola

E os marinheiros, os soldados e o povo faziam o cerco a Monsanto, escalavam a serra, então quase desnuda, e verdadeiramente sufocavam a revolta. Lá no alto, em 24 de Janeiro, voltaria a ser hasteada a bandeira nacional. Foi há cinquenta anos

A jornada grande de 23 de

(Continua na 7.ª página)

COMUNICADO

METALCIME — EMPRESA CONSTRUTORA DE REPUTAÇÃO JÁ BEM CONHECIDA, TENCIONA INICIAR BREVEMENTE CONSTRUÇÃO DE GRANDE IMÓVEL [illegible] NA AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO [illegible] 10 ANDARES E CAVES

COM MUITA FREQUÊNCIA SUCEDE QUE DEPOIS DO PRÉDIO JÁ ESTAR EM ADIANTADO ESTADO DE CONSTRUÇÃO OU MESMO ATÉ JÁ CONSTRUÍDO, APARECEM ORGANISMOS OFICIAIS, GRANDES EMPRESAS COMERCIAIS, INDUSTRIAIS, BANCOS, ETC., INTERESSADOS NA SUA AQUISIÇÃO, AQUISIÇÃO ESSA QUE POR VEZES É MUITO DIFICULTADA POR SE TER DADO INÍCIO A UMA CONSTRUÇÃO RESIDENCIAL.

POR CONSEQUÊNCIA, CONVIDAMOS OS EVENTUAIS INTERESSADOS AO SECTOR COMERCIAL A PRONUNCIAREM-SE COM A DEVIDA ANTECEDÊNCIA

METALCIME —
Sociedade Nacional de Construções Urbanas, Lda.
RUA BARATA SALGUEIRO [illegible]

Nota do dia

UM BOM NEGÓCIO

É UMA IDEIA ASSENTE que ensinar é um grande negócio. Não vá, porém, algum leitor apressado sonhar que estamos a dizer que seja negócio para os professores, porque então não haveria medida para a confusão, já que toda a gente sabe e diz que os professores são insuficientemente remunerados. Não, o negócio não é esse, que seria, aliás, negócio miúdo. O negócio é em ponto grande, para os países e para a sociedade àsperamente competitiva que é a do nosso tempo: ensinar as gerações que chegam para que se lancem em força na vida, chegada que for a sua altura.

Mais ensino, mais escolas de tudo, mais universidades é o que por todo o mundo reclamam os grandes capitães de empresa Mas as objecções são várias: primeiro, não há escolas que cheguem; depois, nem toda a gente tem dinheiro para os estudos. Daqui, verem-se aparecer sugestões de uns e reivindicações de outros, todos afinal interessados no mesmo, que é dar ou receber facilidades para a frequência escolar.

Por toda a parte o problema tem sido visto e atacado. Mesmo entre nós, há hoju diversos programas de concessão de bolsas de estudo, por organismos públicos, serviços, fundações (o plural é eufemistico...), até empresas mercantis. Mas não chega para todos, nem mesmo simplesmente para todos os que precisam. Admitiu-se, entretanto, o axioma de que o ensino «rende».

Há várias fórmulas possíveis, umas praticadas, outras ensaiadas, outras simplesmente reivindicadas. Nos ricos e poderosos Estados Unidos, o ensino universitário está longe de ser gratuito: teòricamente, as propinas até são caras. Mas dizemos teòricamente porque, na prática, a maior parte dos estudantes, por isto ou por aquilo, são bolseiros de numerosas instituições. Quase mesmo se pode dizer que excepção é pagar propinas.

Além das bolsas, há o sistema misto (estudar e trabalhar, claro que naqueles sectores para que se está a obter preparação), há o «salário» do estudante (se perde o ano, perde direito ao salário ou aumentam-lhe as propinas) e até há os «empréstimos de honra» (supomos que discretamente praticado, pelo menos em tempos, pela Misericórdia de Lisboa) que o beneficiário resgata quando começa a sua vida profissional.

E os bancos? Actualmente tão empenhados nas suas ofertas de facilidades de dinheiro, não seria possivel pensar-se num programa que facilitasse créditos para estudantes? Até poderia ser negócio rendoso e, a avaliar pela «remonta» anual que alguns bancos hoje fazem pela Universidade, à espreita de jovens de talento, como no começo do século fazia o senhor José Luciano à procura de deputados, alguns renderiam bons juros. Deve ser negócio. E, para o lançar, daqui propomos desde já um «slogan» publicitário: ESTUDE AGORA, PAGUE DEPOIS!

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

LOJAS ALUGAM-SE

Olivais Sul

No dia 25, pelas 10 horas, na Sede da «HABITAÇÕES ECONÓMICAS» — FEDERAÇÃO DE CAIXAS DE PREVIDÊNCIA, Avenida Duque d'Ávila, 169-4.º, vai à praça, por licitação verbal, o direito ao arrendamento de duas lojas sitas nos Olivais Sul.

As condições de arrendamento estão patentes nos Serviços Técnico-Financeiros, da «Habitações Económicas» — Federação de Caixas de Previdência onde serão prestados todos os esclarecimentos.

O PRESIDENTE
Eng.º Rafael dos Santos Costa

RECTÂNGULOS DA VIDA

QUADROS

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

As árvores já não vão crescer mais, talvez sequem um destes dias, talvez já tenham mesmo começado a secar. O seu verde é escuro e é baço, são árvores tristes e soturnas e estéreis, que nunca darão flor nem fruto. Seres estáticos numa natureza que se deteve em dado momento, que parou como quem morre. Há um pedaço de ponte, uma casa que tinha começado a ser construída e ninguém acabou ou então está em ruínas. Mas creio que estava, de facto, a ser construída e que, por qualquer razão, já o não está, e ninguém se preocupa mais com ela. Para ali ficou e ficará pelos séculos dos séculos. As outras casas, ao longe, são cegas e são mudas, devem ser surdas também. Nem um rosto às janelas porque não há janelas, nem um vulto às portas porque elas não existem. Talvez do outro lado, para além das telas que Hogan pintou se encontrem portas e janelas e gente, mas não creio que seja assim. Há um silêncio total e definitivo que não acusa presenças vivas. Se não fossem as superfícies verdes, bem demarcadas, os caminhos direitos de terra batida, dir-se-ia que o fim do mundo tinha chegado Não há um animal no chão, não há uma ave no céu. Também não creio que haja «tempo», ou então fui eu que não dei por ele Não vi nuvens, haveria sol? Vento, nem pensar nisso. Uma tranquilidade total, um vazio completo.

Não são, porém, quadros angustiados de fim de mundo, não. São quadros deste tempo, do nosso. Mas e os homens? E os problemas dos homens? E a fome? E o dia de hoje e o de amanhã? E a vida e a morte?

Mas creio que tudo isso está ali, naquele deserto total que é o mundo indiferente e vazio que tantas vezes nos rodeia, as casas sem portas nem janelas, a gente que não há, o mundo à nossa volta, que por vezes pára.

O METROPOLITANO DE LISBOA

As aglomerações são inevitáveis...

DISSEMOS aqui há dias possuir Lisboa apenas um «minimetropolitano». Assim mesmo. Um «minimetropolitano».

Não se tratava de uma «boutade». E bem o demonstra o que foi dito na última reunião da Câmara Municipal. Lembramos, como exemplo, as seguintes afirmações do vereador sr. dr. Pereira Bernardes:

«Não pode ser indiferente a esta Camara, como «Corporação dos homens da rua», a inadiável necessidade, que subitamente foi posta em evidência, de ampliar a rede do metropolitano de Lisboa. As linhas já em serviço tem acorrido o publico nestes ultimos dias, dando-lhes uma espectacular preferência. E mais não acorre, apenas porque os percursos servidos ainda são poucos. É que o metropolitano é o transporte colectivo em serviço na nossa cidade, mais económico, mais rápido e mais cómodo. O metropolitano é o mais económico, porquanto a sua tarifa unica favorece aquelas pessoas que mais longos percursos têm de fazer, o que já deixou de verificar-se nos transportes de superficie».

Outro vereador, o sr. eng. Santos e Castro, foi muito explícito, ao afirmar: «O congestionamento progressivo do tráfego automóvel impõe cada vez mais o recurso ao transporte subterrâneo. À crescente lentidão de deslocamento que caracteriza os transportes colectivos de superfície também recomenda clamorosamente a necessidade do metropolitano e o vultoso e rápido encarecimento das tarifas de autocarros e «eléctricos» bem revela a economia do transporte subterrâneo. Apesar de todas estas razões, qualquer delas bastante para que nunca se tivesse parado no trabalho de, anualmente, acrescentar um novo troço ás linhas do metropolitano de Lisboa, o facto — lamentável facto — é que as obras não prosseguiram. Sem duvida que haverá razões, ou melhor, circunstancias que explicam a demora. Explicá-la-ão certamente, mas não a justificam.»

Em resumo: quando os transportes á superfície se tornaram lentos e muito caros, o metropolitano asfixia e não pode dar uma alternativa eficiente. E é lástima que assim seja!

● Um mal de raiz...

Tão ou mais grave do que a demora na execução da rede prevista para o metropolitano de Lisboa é o plano inicial, a falta de perspectivas modernas de certas soluções adoptadas.

Já sem falar no ruído — quando se começou a construir o comboio subterrâneo lisboeta já o velho «Metro» de Paris possuia linhas onde circulavam composições com um sistema de rodados pneumáticos, silenciosos — o metropolitano de Lisboa nasceu anão. Esse é o seu mal de raiz.

Já em Abril de 1949 se comunicava oficialmente ter-se decidido a execução de uma 1.ª fase, «pelo estabelecimento nas radiais de términos provisórios»: Praça Mouzinho de Albuquerque (Entrecampos), Sete Rios, Madre de Deus e Alcantara. Esta primeira fase era visivelmente uma rede de fachada, pois nenhuma das linhas de maior percurso e, portanto, de maior interesse para o publico, chegava ao fim — precisamente o inverso do que pareceria lógico e mais necessário. A unica que era programada para construção completa, a de Alvalade, ficou quase totalmente por fazer. A linha n.º 2, ligando o Poço do Bispo a Algés, nem sequer se começou embora a 1.ª fase devesse estabelecer as ligações entre Madre de Deus e Alcantara, com correspondência no Rossio (Figueira).

Portanto, as linhas para Benfica e Lumiar contariam, entretanto, com os eléctricos como serviço complementar, o que faria depender o metropolitano da «Carris», empresa que, a certa altura, se desligou da sociedade «Metropolitano de Lisboa». E os inconvenientes de tal política estão agora á vista, com manifesto prejuízo para o publico.

Além disto, construiu-se a maioria das estações com dimensões acanhadas, para albergarem apenas comboios de duas carruagens, o que é já hoje manifestamente insuficiente nas horas de ponta. O que acontecerá quando as linhas de Benfica e do Lumiar forem completadas? Como aumentar a frequência dos comboios, se há apenas uma linha, da Rotunda ao Rossio?

Dizia a Camara, num documento publicado em 1949:

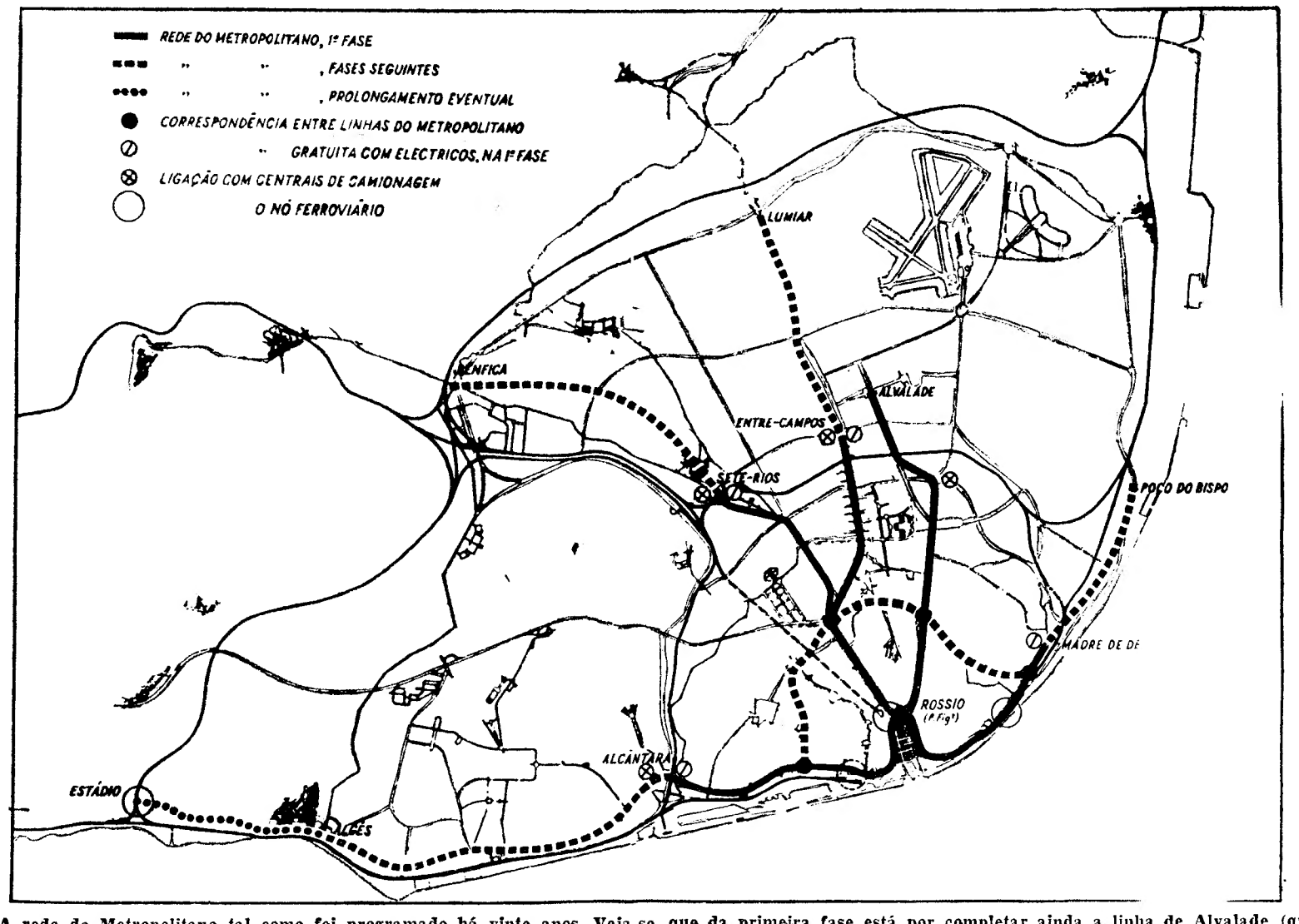
«O objectivo base do metropolitano é o de, em coordenada concorrência com os meios de superfície, assegurar a satisfação das necessidades urbanas em matéria de deslocamentos rápidos, constituindo as suas linhas as artérias principais do sistema total de transportes urbanos. Acrescenta-se que, sendo cada vez mais difícil separar económica e socialmente as cidades dos seus arrabaldes, não poderia limitar-se aquela coordenação aos transportes urbanos e, assim, se tornou extensiva aos suburbanos».

Passaram-se vinte anos e o objectivo base do metropolitano continua por atingir: por falta de visão, por falta de meios financeiros e por falta de dinamismo. Uma coisa é certa: ou o metropolitano de Lisboa toma rápidamente uma forma adulta ou morrerá por asfixia.

A seguir:

OS PROJECTOS E AS REALIZAÇÕES

1-OU O MINIMETROPOLITANO TOMA FORMA ADULTA OU MORRERÁ POR ASFIXIA



A rede do Metropolitano tal como foi programado há vinte anos. Veja-se que da primeira fase está por completar ainda a linha de Alvalade (que funciona apenas até aos Anjos) e a de Madre de Deus até Alcantara nem sequer está começada

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Champanhe Escandaloso» («Le Scandale» — 1966).
REALIZAÇÃO — Claude Chabrol.
INTÉRPRETES — Anthony Perkins, Maurice Ronet, Yvonne Furneaux, Stéphane Audran.

UM TRATADO SOBRE A DESMONTAGEM

Se fizéssemos um balanço dos filmes de Claude Chabrol exibidos entre nós, seriam mais os negativos do que os positivos. Na verdade, Chabrol é um cineasta irregular, que filma um pouco á toa, por vezes por desporto, outras por cabotinismo. O seu mérito quase nunca fica inteiramente demonstrado: é apenas entrevisto naquilo que ele mostra poder fazer, mas não faz. E, contudo, basta ver este seu «Le Scandale» para descobrirmos um autor de espantosos recursos, de uma inteligência felina e de um profundo sentido da realidade fílmica.

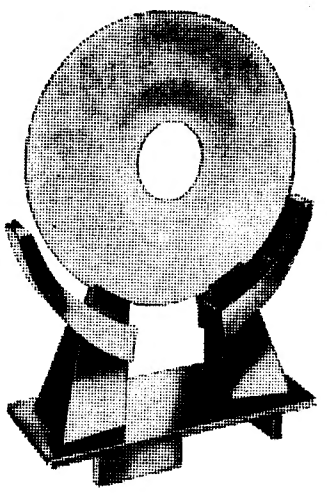
Declarou ele um dia: «O problema do cineasta é duplo: fazer apreender o seu pensamento ao maior numero, o que é uma questão de forma, e desmontar o mecanismo da realidade: fugir do falso sentimento, mostrar que o próprio de uma sociedade alienada está na putrefacção dos valores fundamentais». Convém não acreditarmos excessivamente em tais palavras, até porque a personalidade de Chabrol não nos leva muito a considerar os seus valores fundamentais. E a tão famosa alienação, gazua de que sempre se servem os que nada sabem dizer seja do que for, aparece aqui um pouco deslocada. Contudo, há em Chabrol, não um olhar de moralista ou o rosto puro do militante, mas um asco, um nojo paciente, uma repulsa aplicada, perante um certo mundo que o rodeia e de que ele gosta de se rodear. Não se trata de uma posição ética, mas de um cinismo, de um desencanto, de um processo rigoroso de desmistificação das aparências mais enraizadas — dos lugares, das faces, dos movimentos, das frases. Desmontar, é o termo a utilizar.

E «Le Scandale» é um tratado sobre a desmontagem. Não será com certeza uma obra-prima nem atinge a linearidade exemplar de um Truffaut em «A Noiva Estava de Luto» (que alguns julgaram obra menor dada a menoridade do tema e a ausência de um «conteudo»), mas há neste filme a marca de um notável cineasta. Partindo de um enredo intrincado, Chabrol dá-nos um retrato absolutamente corrosivo dos meios da alta finança. Não para os acusar na perspectiva indignada de uma análise social. Mas para os destruir simplesmente — por desprezo. E grande parte do talento de Chabrol consiste em fazer-nos seguir uma história que é, no fim de contas, policial, sem nunca possuirmos o ponto de vista adequado ao desenvolvimento de um «policial». As imagens, admirávelmente compostas, com um cuidado e uma subtileza assinaláveis, aparecem-nos sempre carregadas de um sentido que se suspende e se desvia em direcções imprevistas. Exemplo, a conversa de Christine com os negociantes americanos, em que vemos, em segundo plano, a secretária de Christine unir os joelhos numa reacção de pudor. Eis como o essencial (talvez) da imagem é a cada passo suspenso e a camara nos desvia para o que se afigura secundário: muitas vezes, a piada frívola ou o pormenor erótico. Nós sentimos a futilidade deste jogo, tal como as personagens sentem o que há de gratuito nos seus brinquedos mecanicos submetidos a caprichos e fantasias. Mas este sistema de desvios, ordenado segundo uma lógica implacável, introduz em cada plano a sua dimensão de ambiguidade: adensa-o e indetermina-o. Temos aqui a raiz de um *suspense*, que não é uma fórmula utilzada, mas um clima que demoradamente se constrói.

Não irei falar do argumento, e o mas importante sobre o estilo de Chabrol já ficou dito. Conta apenas referir o desenho firme das personagens, onde se deverá apontar o bom trabalho de Anthony Perkins (com a sua eterna perversidade agarotada) e de Maurice Ronet. E não será justo esquecer a função significantes da musica, que nunca comenta, mas é elemento integrado na economia dos processos narrativos. Note-se, em particular, a sequência final.

Fiquemos, no entanto, por aqui, neste simples enunciado do interesse de um filme que, para além dos seus motivos que parte do publico considerará futeis, constitui uma lição de cinema — sobretudo, um exercício para o olhar, que nos ensina a repousar os olhos no relevo das

(Continua na 7.ª página)



Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical
Cannes: 18/24 de Janeiro de 1969

TROFÉUS DO MIDEM

Para os artistas que venderam mais discos no segundo semestre de 1967 e no primeiro semestre de 1968 VALENTIM DE CARVALHO, C. I., S. A. R. L. tem a honra de informar que foram distinguidos com troféus MIDEM os seus artistas exclusivos:

Troféus nacionais:

Austrália — THE SEEKERS
Bélgica — ADAMO
Espanha — JOAN MANUEL SERRAT
França — ADAMO
Inglaterra — LULU
ENGELBERT HUMPERDINCK
Portugal — AMÁLIA RODRIGUES
RAU — OUM KALTSOUM

Troféu Internacional:
THE BEATLES

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA MÚSICA
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

50 ANOS
AUSTIN
1919-1969
50 ANOS
COMO DISTRIBUIDOR
AUSTIN
J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.
FUNDADO EM 1913
AUSTIN • RILEY • VANDEN PLAS • AUSTIN HEALEY

Anuncia a abertura de mais um Salão de Vendas de automóveis na Rua Tomás Ribeiro, 50-A, em Lisboa, indo ao encontro das conveniências de uma crescente clientela.

Julio da Costa Trigo informa os seus Clientes e Amigos que assumiu a responsabilidade da chefia dos serviços do Novo Salão de Exposição AUSTIN na Rua Tomás Ribeiro, n.º 50-A, onde terá muito prazer em os receber a partir do dia 24, do corrente.

Distribuidores gerais: J. J. Gonçalves, Sucurs., S. A. R. L. — Lisboa — Porto — Évora — Braga — Santarém — Matosinhos — Agentes em todos os Distritos

GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO

TEMPORADA DE 1968/69
POLITEAMA
3.º PROGRAMA
Amanhã, sábado e 2.ª-feira, às 18.30 horas
3.ª-feira, às 21.30 horas
DANÇAS DE BOYCE
Coreografia: Walter Gore
Música: William Boyce
SINFONIA DA REQUIEM
Coreografia: Milko Sparemblek
Música: Britten
DESPORTISTAS
Coreografia: Walter Gore/Música: Poulenc
BILHETES À VENDA
50 % de desconto aos estudantes
Espectáculos das 18,30: maiores de 6 anos
Espectáculo das 21,30: maiores de 12 anos

Giannini
NÃO SERÁ PARA TODOS
SERÁ PARA MAS SI
DIA 27 IDENTIFICA-SE

A VIDA DESTES HOMENS ERA UMA CONSTANTE AVENTURA ONDE A AUDÁCIA E A VIOLÊNCIA ANDAVAM DE MÃOS DADAS!

CLINT EASTWOOD

em **O BOM, O MAU E O VILÃO**

(THE GOOD, THE BAD AND THE UGLY)

Considerado pelos críticos de New York como um dos dez actores mais populares nos Estados Unidos em 1968 pela sua actuação neste filme

UM ESPECTÁCULO DE EMOÇÃO INTENSA

POLITEAMA HOJE ESTREIA ÀS 21.30 **AVIS**

LEE VAN CLEEF ALDO GIUFFRE | and with MARIO BREGA

TECHNISCOPE® TECHNICOLOR®

e ainda **ELI WALLACH** no papel de Tuco

Realização de SERGIO LEONE

Argumento de AGE-SCARPELLI, LUCIANO VINCENZONI e SERGIO LEONE
Música de ENNIO MORRICONE · Produção de ALBERTO GRIMALDI

RANK FILMES

17 ANOS

TEATRO VILLARET

Sexta-feira, 24 de Janeiro
18.30 horas

(Maiores 12 anos)

RECITAL

pelo compositor e intérprete "folk"

JOAQUIN DIAZ

um dos valores mais sérios da moderna canção espanhola

Bilhetes à venda

Preços normais
50% de desconto aos estudantes

Joaquin Diaz grava exclusivamente para a marca "Sonoplay"

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
ADULTOS

VASCO MORGADO APRESENTA: ÀS 21 e 23 HORAS

RAUL SOLNADO EM

A PREGUIÇA

COM
FERNANDA BORSATTI - ALINA VAZ - MÁRIO JACQUES
ANTÓNIO MONTEZ E DAVID SILVA

2.° MÊS DE UM GRANDE ÊXITO POPULAR

ATENÇÃO: Sábado, 25 «matinée» ás 16.00 horas dedicada aos estudantes universitários. A distribuição dos bilhetes será feita no próprio dia a partir das 14.00.

U M A F A R S A

do conhecido autor **CLAUDE MAGNIER**

No TEATRO **MONUMENTAL**

MUITO BREVEMENTE
em 2 SESSÕES
ÀS 20.45 e 23 H.
UMA TRADUÇÃO DE **Marina de Morais**
ENCENAÇÃO DE **Santos Carvalho**
UM ESPECTÁCULO DE **Vasco Morgado**

CAMILO • FLORBELA

NOS PROTAGONISTAS

• CARLOS COELHO •

CARMEM MENDES • YOLA • LINDA SILVA • ALDA PINTO • ALICE CARLA

CENÁRIO DE LÚCIO ESTRELA SANTOS

As estreias de hoje

No Politeama e Aviz

Título em português — «O bom, o mau e o vilão».
Título original — «The good, the bad and the ugly».
Produção — Americana.
Intérpretes — Clint Eastwood, Lee Van Cleef e Eli Wallach.
Género — Aventuras.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Technicope-Technicolor.
Classificação — 17 anos.

No São Jorge

Título em português — «A Brigada do Diabo».
Título original — «The Devil's Brigade».
Produção — Americana.
Intérpretes — William Holden, Cliff Robertson e Vince Edwards.
Género — Aventuras.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Panavision Color — De Luxe.
Classificação — 17 anos.

UM TIGRE A CAVALO!

SENSAÇÃO NO • CIRCO • **COLISEU**

HOJE, às 21 e 30 — Maiores de 12 anos

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL

Atracções de categoria:

Elefantes ■ Leões e Tigres ● Cavalos
Porcos sábios ● Aramistas ● Palhaços, etc.

Um CIRCO gigantesco ● Bilhetes à venda

CARNAVAL NO COLISEU: o mais animado

CAPITÓLIO

Tel 320379
HOJE ás 21.45 h.
M/17 anos
TANGO
EM 2.° MÊS
DE REPRESENTAÇÕES
pela
COMPANHIA DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Sábado e Domingo ás 16 h.

Teatro LAURA ALVES

Às 21.45 Tel. 864756 (Adultos)

SÁBADO «MATINÉE» ÀS 16 H. PARA TODO O PÚBLICO
(Para os estudantes preço unico de 10$00)

VASCO MORGADO apresenta
O ÊXITO DE QUE LISBOA FALA!

O JOVEM MENTIROSO

SENSACIONAL TRIUNFO DE UM JOVEM ELENCO AO LADO DE CONSAGRADOS ARTISTAS!

PASSE O SEU TEMPO INSÒLITAMENTE NO

INSÓLITO

Av. 5 de Outubro, 170-B
Telf.: 77 52 14

★

Aberto das 18 às 2 horas
(fechado às 2.as-feiras)

A JORNADA DE MONSANTO

(Continuação da 3.ª página)

Janeiro é verdadeiramente a concretização da vontade republicana do povo de Lisboa recusando-se a reconhecer a falta de meios e a confessar-se impotente diante das traições Em 5 de Outubro a luta travara-se entre as forças republicanas e uma resistência amorfa, de tal forma amorfa que houve quem dissesse não representar ela o querer das forças armadas e do povo. Mas a prova provada foi a da escalada de Monsanto. Onde estiveram em Outubro de 1910, os defensores da Monarquia que por ela se batessem com armas ou sem armas, arriscando tudo e contando apenas com a sua vontade? Onde estiveram eles? Mas apareceram, uma vez a Republica em perigo.

E para a luta de Monsanto se tornar verdadeiramente simbólica, surge no final Afonso de Cerqueira, o cavaleiro medievo, sem medo e sem mancha, a cobrir e pronto a defender até á morte, os que momentos antes combatera e agora estavam vencidos Num preso não se toca e é sagrado o vencido!

A generosidade do sentimento republicano ficou bem patente nesse instante. Não ficara ela já bem provada em tantos outros actos, em tantas mais medidas administrativas?

Foi há cinquenta anos que a vontade do povo de Lisboa escudou a Republica. O regime então cimentado adquiriu a solidez precisa quando, dias passados, seria liquidada no Porto, a triste façanha. A Republica era o regime português nem os próprios adversários ousariam discuti-lo outra vez de armas na mão.

RAUL REGO

Primeiras exibições

(Continuação da 5.ª página)

coisas e a revelá-las na sua opacidade. Com *Le Scandale*, Chabrol assinou um filme de excelente qualidade

EDUARDO PRADO COELHO

• NO ODEON

TÍTULO — «A Rainha do Nilo».
REALIZAÇÃO — Fernando Cerchio.
INTÉRPRETES — Jeanne Crain, Vincent Price, Edmund Purdom, Amadeo Nazari, etc.

A cinematografia (comercial) italiana enveredou desde há tempos por um tipo de produção (por vezes super) que, durante anos, foi exclusivo americano, produção essa que tem as suas expressões máximas no filme (dito) histórico e no «western». Um ofício, mesmo artístico, pode, ainda que comercializado e «taylorizado», ser exercido com um mínimo de nível. Acontece até que muitos dos »westerns» — americanos-feitos-em-Itália — primam por um rigor, uma cópia de pormenores e uma sobriedade de métodos que os tornam pequenas-obras deliciosas. O género histórico é, porém, um terreno muito mais resvaladiço onde só toca guitarras quem tem unhas para o efeito adestradas. Assim, não é de estranhar que neste filme do sr. Fernando Cerchio (apesar de uma máquina que sabe mover-se e por vezes se move) tudo seja convencional e falhado. Neferitite, rainha do Egipto, recebe o faraó no quarto com o á vontade real com que Raquel Welsh anuncia aos telespectadores o sabonete «Lux»; o faraó, porém, adere a uma religião pacifista e monoteista com o ardor que só as testemunhas de Jeová sabem; e o Sacerdote Supremo planifica golpes de estado e tenta depôr o faraó-macho e o faraó-fêmea com a serenidade de um general sul-americano.

A. L. S.

Atrás do reposteiro

- *São da autoria de Manuel da Cunha e Silva os cenários da peça infantil que Rosa Mateus está a ensaiar.*
- *A peça «O amor-68» regressa ao Teatro Sá da Bandeira onde deve depois ser apresentada pela mesma companhia a peça «O mundo gato».*
- *Voltou a ser adiada a estreia da nova revista dos Parodiantes de Lisboa.*
- *O empresário Eduardo Damas continua a pensar na organização de uma companhia.*
- *A peça infantil «O preto magalipatão», que serviu de estreia á actriz Milu, e que é da autoria de Almeida Amaral e de Eugénio Salvador, deve ser representada na época de Inverno.*

• A REVISTA DO ÊXITO ESTÁ NO
• MARIA VITÓRIA •
ONDE SE EXIBE, ÀS 20.45 e 23 HORAS
• GRANDE POETA É O ZÉ!...
ADULTOS

(A revista que ganhou o «PRÉMIO DA IMPRENSA — 1968»)
com os populares artistas:
• SALVADOR
• VIANA (Prémio Imp.ª 1968)
• MARIEMA
• MAX • ANITA • DORA • VIT MENDES
e a notável atracção
• MAY AVRIL — com o «virtuose do acordeão ALBERTO GRAZIANO
MAY AVRIL e ALBERTO GRAZIANO

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
DOMINGO, 26 DE JANEIRO, às 11 HORAS DA MANHÃ
Concerto pela
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais C. A. T. e C. R. P.
Direcção: MAESTRO TENENTE SILVA DIONISIO
PROGRAMA
O FURACÃO — Abertura — H. FERNAND — CENAS DE BOÉMIA — Suite — BIZET — CONCERTO DE VARSÓVIA — ADDINSELL — Solista em Piano: Fernando Anes — (1.ª audição pela Banda) — VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA BRASILEIRO — FRANSCISCO BRAGA — NOITE DE S. JOÃO — FREDERICO DE FREITAS — MAEZE PEREZ EL ORGANISTA — Poema sinfónico — JÚLIO GOMEZ — (1.ª audição pela Banda)
Distribuição gratuíta de bilhetes a partir de hoje (Maiores de 6 anos)
Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

Actualidade internacional

REGRESSO INESPERADO DE OTA SIK A PRAGA

PARIS, 23 — (F. P.) — Ota Sik, cujo regresso a Praga por alguns dias acaba de ser anunciado, tomou parte activa na luta política que terminou em Janeiro de 1968 pela eliminação de Antonin Novotny e a instalação no Poder de Alexandre Dubceck e da sua equipa.

Considerado como o «pai da reforma económica checa», Ota Sik mereceu, pelas suas ideias liberais e pela sua atitude após a ocupação do país, a hostilidade dos soviéticos, que o acusaram de querer restaurar na Checoslováquia o capitalismo.

Em Dezembro passado, já instalado na Suíça, recusou-se a participar no plenário da comissão central do Partido, em Praga, por não ter a certeza de poder regressar á Suíça.

Manifestação silenciosa, na capital checa, em memória de Jan Palach, de 21 anos, que se imolou pelo fogo, num gesto de protesto contra o «congelamento» das reformas

OUTRA PERSONALIDADE QUE REGRESSA

PRAGA, 23 — (F. P.) — Eduard Goldstucker, antigo presidente da União dos Escritores Checoslovacos, regressou a Praga — anunciou uma fonte bem informada.

Ignora-se a finalidade da sua viagem e a data da sua chegada á Checoslováquia.

SURPRESA

VIENA, 23 — (F. P.) — Regressando á Checoslováquia, que tinham abandonado em Agosto passado, Ota Sik e Eduard Goldstucker prestam um serviço considerável ao Governo checoslovaco, pois o regresso, mesmo provisório, destes dois eminentes protagonistas da «Primavera política» será interpretado pela opinião publica como um acto de confiança na equipa dirigente, cujo prestigio foi sériamente abalado pelos acontecimentos dos ultimos dias.

O duplo regresso constituiu uma surpresa, mesmo para os amigos de Sik e de Goldstucker que se tinham mantido em contacto com eles, nos seus exilios ocidentais.

Julga-se geralmente que o «pai» da reforma económica e o antigo presidente da União dos Escritores Checoslovacos devem ter recebido sólidas garantias quanto á sua segurança pessoal. Embora considerando-se ambos em férias (não como refugiados politicos) e nunca tendo tomado atitudes incómodas para o Governo actual de Praga, Sik e Goldstucker têm sido frequentemente alvo de ataques por parte da Imprensa soviética e alemã oriental, que os acusam de «coligação com os imperialistas» e de «actividades anti-socialistas».

Ignora-se práticamente tudo acerca das circunstancias e os objectivos do regresso á Checoslováquia de Ota Sik e de Eduard Goldstucker.

No entanto, os observadores da capital austriaca pensam que a sua presença na Checoslováquia poderá contribuir de modo decisivo para a solução da grave crise politica que se tem avolumado no pais, no decorrer das ultimas semanas.

Desanuviamento

PRAGA, 23 — (F. P.) — Dispersaram-se ontem os ajuntamentos e comícios ao ar livre, em Praga onde os jovens operários e estudantes que faziam a greve da fome na Praça Wenceslau puseram termo á sua manifestação.

Os oito estudantes de Brno também interromperam a sua greve da fome.

Embora tenham sido assinaladas diversas manifestações diferentemente seguidas, em várias cidades da província, verifica-se que prosseguiu o desanuviamento iniciado na terça-feira á noite nos meios estudantis, onde se prepara o funeral de Jan Palach para sábado de manhã. A cerimónia, que começará amanhã á tarde, com a exposição do corpo, é organizada pelo Ministério da Educação. Delegações de estudantes já saíram das suas cidades da província para virem a pé até á capital, onde se juntarão ao cortejo que desfilará até á Faculdade de Filosofia, á beira do Voltava. Só alguns íntimos e a família de Jan Palach assistirão á inumação no cemitério nacional de Vyschrad.

A União dos Estudantes repudiou a tentativa de suicídio, a noite passada em Brno, do jovem pedreiro Miroslav Malinka. Este gesto, tal como os de Josef Hlavaty, em Pilsen, e de Frantisek Bogyi, a noite passada, na prisão eslovaca de Leopoldov parecem, com efeito, estranhos aos ideais pelos quais Jan Palach se sacrificou.

Greve dos transportes na Colômbia

BOGOTÁ, 23 — (A. N. I.) — Houve quatro feridos, pois os proprietários de uma estação de serviço dos arredores de Bogotá abriram fogo sobre cerca de um milhar de manifestantes que ontem tentavam incendiar a bomba de gasolina e deitar fogo a vários automóveis, na sequência da greve dos transportes.

Em Cali, onde várias fábricas suspenderam a laboração, os ferroviários também abandonaram o trabalho. O mesmo sucedeu em Palmira, onde 110 grevistas foram presos por tentarem cortar a estrada para Cali.

A situação parece ter-se normalizado em Buenaventura, onde a greve de três mil estivadores obrigara ao desvio de vários barcos do principal porto da região.

Greve geral em perspectiva no Uruguai

MONTEVIDEU, 23 — (A. N. I.) — Os sindicatos uruguaios promoveram ontem a paralisação do trabalho por três horas e ameaçam com a greve geral para hoje, devido á morte de um funcionário municipal, no decurso de uma manifestação.

Cerca de dez mil pessoas acompanharam ao longo de seis quilómetros, pelas ruas de Montevideu, o funeral de Artur Recalde, morto a tiro, na terça-feira, por Camilo Rodriguez, coronel reformado, quando tentava erguer uma barricada em frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Mais duas pessoas ficaram feridas a tiro e três foram hospitalizadas devido aos efeitos de gás lacrimogéneo, nas arruaças que se seguiram á manifestação de rua, na terça-feira, em que mais de três mil funcionários do município pediam o pagamento dos vencimentos em atraso.

A capital esteve ontem relativamente calma, mas a tensão aumentou devido á possibilidade da greve geral de hoje e ás adesões ao movimento de protesto.

POUCO ENTUSIASMO PELA POSSÍVEL REUNIÃO DA N. A. T. O.

BRUXELAS, 23 — (F. P.) — Surpresa, incredulidade e pouco entusiasmo — assim foi recebida nos meios da N.A.T.O., em Bruxelas, a notícia publicada por um jornal americano de Paris, segundo a qual Nixon poderia tomar a iniciativa de realizar, ao nivel de chefes de Governo, a reunião ministerial de Abril próximo.

Salienta-se, nos meios da organização, que não há motivo visível para que os chefes de Governo de 14 países se desloquem nessa altura a Washington, mesmo que seja para comemorar o vigésimo aniversário de um tratado que foi assinado ao nivel de ministros dos Negócios Estrangeiros.

DESMENTIDO

WASHINGTON, 23 — (F. P.) — O departamento de Estado desmentiu ontem que o Governo americano tenha recebido qualquer pedido das delegações permanentes da N.A.T.O., no sentido de que o próximo conselho ministerial da organização, que se deve reunir em Abril em Washington, seja ao nivel de chefes de Governo, e não de ministros dos Negócios Estrangeiros.

Segundo certas notícias provenientes de Paris, os delegados permanentes da N.A.T.O. preparar-se-iam para pedir ao presidente Nixon que convide pessoalmente os chefes dos 14 outros Governos membros da N.A.T.O. a participar na reunião de Abril, em que será comemorado o vigésimo aniversário da Aliança.

CONDENAÇÃO DE ESTUDANTES NA GRÉCIA

ATENAS, 23 — (R.) — Dois estudantes gregos foram condenados, a noite passada, a 16 anos de cadeia por um tribunal marcial de Atenas por conspirarem para derrubar o regime e de estabelecerem na Grécia um Estado de estilo comunista.

Dimitrios Dariotis, de 25 anos, e Kalliopi Tsebelikou, uma jovem de 23 anos, comunistas confessos e adversários do actual Governo apoiado pelo Exército, declararam-se inocentes das acusações.

Três outros estudantes, considerados culpados de acusações semelhantes, foram condenados, com as penas suspensas, a sentenças entre seis meses e dois anos de prisão.

O procurador da coroa pedira a pena de morte para Dariotis e Tsebelikou.

Os réus declararam ao tribunal que a sua luta é legal e que a revolta do Exército em Abril de 1967 fora «ilegal, imposta pela força e contra a vontade do povo grego».

Ao todo, 17 pessoas estão a ser julgadas pelo tribunal por causa das mesmas acusações.

Hoje o tribunal continua o julgamento de um grupo de dez. Dariotis será julgado de novo como um dos elementos desse grupo, oito componentes do qual enfrentam uma acusação adicional de serem responsáveis pela explosão de uma bomba em Atenas em 1967 que causou a morte de uma jovem de 23 anos.

O CHANCELER E OS JOVENS

MUNSTER (Renania — Westfalia), 23 — (F. P.) — O chanceler Kurt-Georg Kiesinger foi vaiado ontem á noite em Munster por cerca de 3000 jovens estudantes que assediavam o palácio municipal onde era hóspede de honra dos comerciantes da cidade.

Kiesinger, numa declaração, condenou a minoria revolucionária que procura derrubar a ordem social existente.

NOSSO TRADICIONAL CRUZEIRO

AO

MEDITERRÂNEO, MAR NEGRO E BÁLTICO

18 DE ABRIL A 11 DE MAIO

A bordo dos paquetes «CHOTA ROUSTAVELLI» «TARASS CHEVTCHENKO»

Escolha de camarotes no momento da inscrição na

AGÊNCIA ABREU

(Fundada em 1840)

LISBOA — Av. da Liberdade, 160 — Tel. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 — Tel. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Tel. 27011/27012

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

ENGENHEIRO DOUTOR

José Marques Pereira Barata

FALECEU

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Maria dos Prazeres da Silveira Brandão Freire Themudo de Vera Pereira Barata, seus filhos, noras e genros e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, sexta-feira, saindo, ás 10 horas, da Igreja de S. Vicente de Fora para jazigo de família em Alcains (Beira Baixa).

P. N. A. M.

Em BUCELAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está á venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

Segunda crítica chinesa tendo por alvo Nixon

HONG-KONG, 23 — (F. P.) — «O presidente Nixon prodigalizou belas palavras a respeito da paz, da unidade, da liberdade e do bem-estar, a fim de adormecer as pessoas e consolidar a sua posição» — disse na quarta-feira a agência Nova China, numa crítica ao discurso inaugural do presidente Nixon.

Foi o segundo ataque do dia ao novo presidente dos Estados Unidos. Com efeito, o jornal «Diário do Povo» havia acusado Nixon de ser, «tal como os seus predecessores, um agente dos monopólios americanos e o seu boneco de palha».

Para a agência Nova China, o discurso inaugural de Nixon «é uma confissão das graves dificuldades do imperialismo americano» e traduz a sua intenção de travar «uma luta decisiva».

A Nova China acusou também Nixon de haver revelado no seu discurso «as ambições do imperialismo americano» e de haver advogado «uma coligação crescente com o revisionismo soviético». Por outro lado, a agência sublinha que as manifestações que assinalaram o acto de investidura de Nixon mostraram que «o povo americano tem cada vez mais consciência de que tanto o anterior como o novo presidente «não são mais do que testas de ferro dos monopólios capitalistas».

«ESQUADRÃO DA VIDA»

— RESPOSTA EM SÃO PAULO AO «ESQUADRÃO DA MORTE»

SÃO PAULO, 23 — (R.) — Detectives criaram um «Esquadrão da Vida», nesta cidade, para salvar as vidas de criminosos marcados para serem executados pelo terrível «Esquadrão da Morte».

O «Esquadrão da Vida» tem como missão a prisão preventiva de criminosos, antes de poderem ser assassinados a sangue frio pelo «Esquadrão da Morte».

A despeito dos desmentidos oficiais, a opinião publica está convencida de que esquadrões da morte clandestinos no Rio de Janeiro e São Paulo são formados por policias que acreditam na teoria de que o unico criminoso bom é um criminoso morto.

O «Esquadrão da Morte» teve a seu crédito cerca de 200 assassínios, o ano passado, na área do Rio de Janeiro e quase 30 em São Paulo, onde as execuções sumárias começaram em Novembro ultimo, após um detective ser assassinado. As vítimas no Rio de Janeiro foram encontradas com a marca da caveira e das tíbias e as iniciais do esquadrão «E. M.».

Um membro do «Esquadrão da Vida» disse que dois cadastrados, marcados para execução em São Paulo — Piragibe Martins, conhecido como o «Pirata», e Carlos Roberto dos Reis, «O Português» — foram detidos sob o maior sigilo e se encontravam agora guardados no comando da Polícia.

«Procuramos cadastrados não para os matar, mas para lhes salvar a vida porque, ao contrário do «Esquadrão da Morte», julgamos que qualquer indivíduo pode ser reabilitado, quaisquer que sejam os seus crimes», declarou ainda aquele membro.

Outro método empregado pelo «Esquadrão da Vida» é chamar parentes e amigos de vítimas em potência e pedir-lhes para persuadirem os criminosos a entregarem-se, antes do «Esquadrão da Morte» os apanhar.

OPINIÃO ISRAELITA

FORÇAS ESTRANGEIRAS NO LÍBANO PODERÃO PROVOCAR UM AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO

JERUSALÉM, 23 — (A. N. I.) — «A entrada de forças estrangeiras no Líbano, coincidindo com os desígnios da Jordânia, da Síria e do Iraque, pode levar a um aumento da actividade das guerrilhas e consequentemente a um agravamento da situação nas fronteiras com Israel» — afirmou o vice - primeiro - ministro israelita Yigal Allon numa reunião politica sem, no entanto, definir o que entende por «forças estrangeiras».

NOVOS MINISTROS LIBANESES

BEIRUTE, 23 — (R.) — O primeiro-ministro libanês Rashid Karame, nomeou ás primeiras horas de hoje, quatro novos ministros, que ocuparão as pastas do Trabalho e Questões Sociais, Negócios Estrangeiros, Turismo e Planificação, deixadas vagas por demissões recentes.

Os novos ministros são todos membros da Camara dos Deputados do Líbano.

O novo ministro dos Negócios Estrangeiros libanês será Habib Kayrouz.

Karame formou em 15 de Janeiro um gabinete de 16 membros, substituindo o do dr. Abdullah Al Yafi, que se demitiu a seguir ás violentas críticas feitas contra a forma como o seu Governo enfrentou a situação após o ataque israelita contra o aeroporto de Beirute em Dezembro passado.

EM CHEQUE O COMANDANTE DO «PUEBLO»

SAN DIEGO (Califórnia), 23 — (R.) — O comandante Lloyd Bucher, do barco de informações americano «Pueblo» foi avisado de que é suspeito de violar regulamentos navais norte-americanos ao entregar o navio.

O capitão William Newsome, advogado da junta naval de inquérito acerca do apresamento, há um ano, do «Pueblo», pela Coreia do Norte, informou hoje o comandante Bucher de que qualquer declaração que faça, a partir deste momento, poderá ser utilizada contra ele em qualquer julgamento que se realize mais tarde.

SITUAÇÃO DRAMÁTICA DO POVO CHINÊS

— SEGUNDO UM JORNAL RUSSO

MOSCOVO, 23 — (F. P.) — A «Izvestia» de ontem traçou um quadro dramático dos sofrimentos do povo chinês, submetido a um racionamento cada vez mais severo e muitas vezes forçado a trabalhar em condições «desumanas».

Segundo o jornal soviético, o racionamento deve-se «á desorganização da economia e ao facto de os lavradores não cumprirem os planos de entrega obrigatória de produtos agrícolas ao Estado». Assiste-se, em vez disso, a uma multiplicação dos mercados livres, onde os preços são inacessíveis aos trabalhadores, e do qual tiram proveito apenas os «capitalistas chineses.

Terceiro submarino para Portugal

LORIENT (MORBIHAN), 23 — (F. P.) — Depois de amanhã, na base de submarinos de Lorient, é entregue ás autoridades portuguesas o submarino «Cachalote» construído em Nantes pela Sociedade Dubigeon-Normandie. É o terceiro dos quatro submersíveis a serem entregues a Portugal. Depois do «Albacora» e do «Barracuda», o «Cachalote» será seguido pelo «Delfim».

Na quinta-feira, 30 do corrente, a bordo do navio-escolta «Comandante Roberto Ivens» o contra-almirante Araujo, chefe da missão portuguesa de construções navais, condecora com a medalha de Mérito Militar o engenheiro-geral Peyrat, o capitão-de-fragata Crouzat, comandante da Segunda Esquadrilha de Submarinos, e o engenheiro-chefe Saleur.

L. A. C. LIMA
CENTRO DE ESTUDOS POR CORRESPONDÊNCIA
Escritórios: RUA AZEDO GNECO, 53 - 2º - Dto. LISBOA-3 Telefone 67 05 15
APARTADO Nº 2644 LISBOA-2
representante geral, para Portugal e Brasil, do CENTRE D'ÉTUDES, de Paris, tem o prazer de apresentar a edição portuguesa de alguns dos seus famosos Cursos Práticos por Correspondência

valorização pessoal e profissional

Curso Pratico de DESENVOLVIMENTO da Memória

Uma verdade científica:
BONS MÉTODOS = BOA MEMÓRIA
Uma verdade prática:
BOA MEMÓRIA = SUCESSO !!!
*
As referências que diàriamente chegam ao nosso escritório (E QUE PODERÃO SER CONSULTADAS) são o testemunho mais vivo e fiel da eficácia dos métodos apresentados neste Curso maravilhoso.
Resultados extraordinários surgem da prática diária e corrente dos processos leccionados. E isto nos mais variados níveis intelectuais, actividades e profissões (estudantes, dirigentes de empresa, quadros de chefia, advogados, professores, empregados de escritório, funcionalismo...).
NÃO DEIXE DE CONHECER A ESTRUTURA DESTE CURSO, QUE TANTO PODE FAZER PELA SUA MEMÓRIA.
Peça-nos o LIVRETO GRÁTIS!

CURSO PRÁTICO DE INGLÊS
COM OU SEM DISCOS
pelo método REFLEXO-ORAL, exclusivo do Centre d'Études

A FONÉTICA DA LÍNGUA INGLESA É APRESENTADA COM SONS PORTUGUESES !!!
*
HOJE, mais do que nunca, o conhecimento do INGLÊS torna-se indispensável.
Conhecer INGLÊS é estar mais preparado e valorizado profissionalmente e intelectualmente.
Este CURSO - que tem merecido um caloroso acolhimento nos países de língua francesa - é o meio ideal (ou revolucionário?) para a aprendizagem ou aperfeiçoamento do INGLÊS.
Peça-nos o LIVRETO GRÁTIS!
Não perca esta OPORTUNIDADE:
PREÇO EXCEPCIONAL DE LANÇAMENTO
para os primeiros 500 inscritos!

Encontra-se agora ao alcance dos Ocidentais o DOMÍNIO DO CORPO e o EQUILÍBRIO DO ESPÍRITO.
O YOGA significa: LEVEZA, JUVENTUDE, DESCONTRACÇÃO, AUTODOMÍNIO. Este Curso - que acaba de ser lançado em França e na Suiça com grande êxito - contém numerosas fotografias, no formato 21x27 cm, que constituem precioso auxiliar do aluno.
Curso Prático de YOGA pelo método EURO-YOGA da autoria de Yogi SHRI DHARMALAKSHANA

Para mais completa elucidação PEÇA-NOS O LIVRETO GRÁTIS!

com o Centre d'Études * Paris

HOJE MESMO Peça os livretos dos Cursos que de facto lhe interessarem, remetendo-nos o cupão destacável.

GRATUITAMENTE pretendo receber livretos elucidativos dos Cursos abaixo marcados com um X:
☐ INGLÊS ☐ MEMÓRIA ☐ YOGA
NOME (completo): _____
Endereço _____ L.

SOLOR
UNIVAC
COMUNICA QUE TRANSFERIU OS SEUS SERVIÇOS DE
ADMINISTRAÇÃO
DIRECÇÃO
CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS
EXPEDIENTE E CONTABILIDADE
PROGRAMAÇÃO
MÉTODOS
DIDACTICA
PARA A AVENIDA DA REPÚBLICA, 56-A
TEL. 76 70 57/8/9, 77 87 00
E QUE TRANSFERIU TAMBÉM OS SEUS SERVIÇOS DE
MANUTENÇÃO E ENGENHARIA
PARA A RUA DA MISERICÓRDIA, 20-1.° ● TEL. 369381/82

ECOS

EM Salisbúria, um dirigente africano preso há quatro anos vai agora ser julgado. Chama-se Ndabaningi Sithole e era pregador (pastor metodista).

★

EARL Ray foi, de facto, o assassino do pastor Martin Luther King? O rev. James L. Bevel, da Conferência dos Dirigentes Cristãos do Sul, que se propõe defendê-lo, afirma estar seguro de que o ex-presidiário não é o responsável pelo assassínio desse extraordinário pacifista a quem coube, com suma justiça, o Prémio Nobel da Paz. Mas pretende o rev. Bevel ilibar, com esta asserção, o cadastrado Earl Ray da sua participação no crime, como mero executor, ou entende apenas que a verdadeira responsabilidade pertence aos que porventura lhe armaram a mão, os senhores do ódio e da pecúnia, os cabecilhas da nojenta e anti-humana segregação? Não há dúvida de que — e este processo pode ser um momento decisivo de tal avançada — a verdadeira luta pela liberdade e pela democracia deve prosseguir nos Estados Unidos (sejam quais forem as oposições) contra os usurpadores da sociedade norte-americana.

★

SÃO já em número de três os estudantes que, nas democracias populares da Europa de Leste, decidiram imolar-se pelo fogo: um na Hungria e dois na Checoslováquia, tendo um destes últimos encontrado a morte em tal forma radical de protesto. Parece-nos que semelhante atitude, com o que comporta de perturbação emocional, não vale como negação de um sistema político. Todavia, uma vida humana é sempre infinitamente preciosa. Daqui se infere que, por errado ou certo que seja, ética ou politicamente (e em tal discussão não entramos) o sacrifício destes jovens, não podemos coibir-nos de os respeitar humanamente. A vivência das ideias é o motor da história.

O conde de Snowdon e Mary Quant (a famosa criadora britânica de modas) observam alguns dos copos e taças, vencedores da competição, a cujo júri pertenceram, realizada para recolha de recordações da investidura do príncipe de Gales, em 1 de Julho próximo

A OBRIGATORIEDADE DE SERVIÇOS MÉDICOS NAS EMPRESAS (COM MAIS DE 200 EMPREGADOS) É UMA DUPLICAÇÃO DOS SERVIÇOS DAS CAIXAS

—AFIRMOU-SE NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Recomeçaram esta tarde os trabalhos da Assembleia Nacional em sessão plenária, depois de um dia de suspensão de trabalhos. O dia de ontem, porém, não foi desperdiçado pelos deputados. Com efeito, da parte da manhã, sob a presidência conjunta dos srs. dr. Águedo de Oliveira e Catro Fernandes, reuniram-se as Comissões de Finanças e de Economia, a fim de examinarem os Decretos-Leis n.os 48 757, 48 760 e 48 836, respeitantes a importação de produtos siderúrgicos e cuja apreciação pela Assembleia Nacional havia sido requerida por alguns deputados. Esteve presente, como noticiamos, o sr. ministro da Economia. Esta manhã, as referidas comissões voltaram a reunir, dado que a apreciação dos referidos decretos figura já na ordem do dia de hoje.

Falando no período antes da ordem do dia, o deputado por Évora, sr. Cutileiro Ferreira, começou por se referir ao Decreto-Lei 47 512, que obriga as empresas com mais de 200 empregados a criarem serviços médicos, privativos, até ao próximo dia 25 do corrente. A par da criação destes serviços médicos, o mesmo decreto-lei estipula que esses serviços serão prestados em compartimentos adequados, com áreas definidas e proporcionais ao número dos empregados. Existe, ainda, a obrigatoriedade da existência de material médico e farmacêutico.

«As Caixas de Previdência não estão a cumprir como devem?» — perguntou o deputado

Prosseguindo, o orador afirmou ser isto uma duplicação dos serviços que competem ás Caixas de Previdência, acrescentando:

«A criação destes serviços, nas empresas privadas, parece-me, e estou com a verdade, que é, pelo menos, a desconfiança de que as Caixas de Previdência não estão a cumprir como devem. Isto é grave.»

Depois de afirmar não se compreender que a iniciativa privada, que paga ás Caixas, as substitua na prestação de alguns dos serviços que lhes competem, acrescentou:

«Se as Caixas não podem, ou não sabem ou querem, vigiar as distorsões existentes nos seus serviços, há que obrigar as mesmas, a uma eficaz fiscalização. Sabe-se, toda a gente o sabe, que há beneficiários, com baixa, que prestam serviço em actividades diversas. Distribuem-se medicamentos que, também se sabe, não são aplicados. Isto é grave e só é possível por falta de adequada fiscalização. Em contrapartida há doentes que aguardam dias, e semanas até, por uma radiografia ou por um tratamento especializado e, pior ainda, por uma intervenção cirúrgica.»

E depois:

«A duplicação referida é uma manifesta injustiça. Só a aceitaria, e mal, se as empresas atingidas fossem dispensadas de pagar, ás Caixas de Previdência, o que lhes vai custar a montagem e manutenção dos serviços médicos privativos. Ora o decreto-lei, a que venho de referir-me, não prevê essa hipótese que, aliás, teria a minha discordância.»

A terminar, o deputado disse que outro aspecto grave, necessàriamente emergente da doutrina do decreto-lei em causa, é o agravamento dos custos de produção das empresas atingidas.

Problemas do Regadio do Caia

Também no período antes da ordem do dia, o deputado sr. José Vicente de Abreu, do círculo de Portalegre, agradeceu ao Governo o que tem feito pela obra de rega do Caia, particularmente á recente autorização para a criação do matadouro frigorífico da Cooperativa Agrícola do Caia, que resolve de vez o arrastado e nunca «solucionado problema do matadouro de Elvas».

A colaboração entre o Governo e a Assembleia

O Presidente do Conselho reuniu-se na sala da biblioteca do Palácio de S. Bento com os deputados da Assembleia Nacional, afim de trocar impressões sobre o mode de tornar mais eficiente a colaboração do Governo com a Assembleia. A reunião, que teve carácter privado, durou duas horas e meia.

Desperdiçar não é grandeza Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES LACOSTE
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

NOVO CASINO ESTORIL
apresenta

LIMA KIM
vedeta Sul-Coreana da canção

RUDI HORN ORIGINAL EQUILIBRISTA E MALABARISTA

MARIA VALEJO

FOTO DE PASAMAR
DORISS GIRLS' SHOW
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS
OS "SHEIKS" • JIRINA'S COMBO
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos · no wonder bar à 1.00h m/21 anos
NO CINEMA ÀS 17 e 21.30 H.
SELVAGEM É O VENTO (M. 17 anos)

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

SÃO SÓ 15 DIAS!!
CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
DESDE 40$00
RESTOS DE COLECÇÕES
SAPATARIA LISBONENSE
R. AUGUSTA, 202 ★ R. DA ASSUNÇÃO, 57

LUVAS E CHAPÉUS DE SENHORA, PERFUMES E TECIDOS

ALÉM DE OUTROS, três grémios diferentes aglutinam a moda e a «coquetterie» feminina. A sua importância é grande. Por cada homem que entra numa loja, há uma centena de senhoras em «estado de compras» (os números não são estatísticos, são de cálculo, mas só talvez não estejam certos por defeito). Mas, adiante. Esses três grémios são os de «Artigos de Vestuário de Senhora e Luvaria», «Drogarias e Perfumarias» e o de «Tecidos». Três peças de um figurino completo. Pronto a vestir. Pronto a maquilhar. Pronto a fazer os «trapos» — mesmo os que encobrem, ou descobrem, a mais alta confecção.

Como vive o comércio de Lisboa — 3

«Como é que se podem alugar chapéus sem saber por que cabeças andam!»

«A semana-inglesa é que dava jeito ás donas de casa que têm de estar empregadas»

Reportagem de TAVARES DA SILVA

Três grémios diferentes, com destinos desencontrados. Um, florescente: o dos tecidos. Outro, remediado: o dos perfumes e drogas. O terceiro, decadente, fracassado, destruído: o de luvas (que só o Inverno salva) e de chapéus de senhora (que não tem salvação possível).

Mesmo assim, a moda continua, entre as mulheres (bendito o fruto) a ser uma preocupação constante, atrevida, demagógica. Pelo jeito que as coisas levam, até quando?

CHAPÉUS NÃO SE VENDEM — ALUGAM-SE!

Em plena Baixa, na Rua do Carmo, há uma loja que fez época. Durante muito tempo (do começo do século á democratização do trajo) sempre vendeu luvas de camhão, femininas e elegantes, e chapéus de senhora, ornamentados e distintos.

Hoje é, por assim dizer, uma ruína. Vive «ás moscas». Custa e enternece falar com os seus proprietários: um casal que luta (ainda luta) por um prestígio perdido, senhorial, dominador. Lá, já não se fala em distinção, em requinte, em tudo o que, dantes — dizia-se — tornava uma «senhora» diferente duma «mulher». Hoje, para bem comum e mal do negócio, as senhoras fizeram-se, de repente, mulheres.

As luvas são vagos acessórios da moda. Os chapéus nem isso. — são supérfluos. E isto é a pedra-de-toque da crise.

— *Desde pequeno que ouvi dizer: «Isto está mau!» Mas lá se ia vivendo. Hoje é diferente: por cá se vai morrendo!* — afirmou-nos o sr. José Alves, falando do seu comércio.

O seu «Salão» tem uma pequena secção de luvaria *(«que sempre vende alguma coisa»)*, outra de lenços regionais *(«que não é mau negócio para quem tem grande sortido»)*, mas a base é a venda de chapéus de senhora *(«essa está morta»)*.

A esposa do sr. Alves, a sr.ª D. Libania, traz uma achega ao assunto, fazendo-nos uma inesperada revelação:

— *Só vejo processo de fazer reviver o negócio. Há um grande pedido, no Patriarcado, para ver se a gente se salva. Quer dizer, uma comissão de comerciantes deste ramo, foi pedir, humildemente, ao sr. cardeal para que não deixasse as senhoras entrar sem chapéu na igreja. Vamos a ver o que isto dá. Se não der, só há dois recursos: trespassar a casa ou mudar de ramo de negócio.*

E, entre saudosa e desalentada, acrescentou:

— *E pensar que isto já foi tão bom! Hoje, vêm, vêem tudo, provam todos os chapéus e, depois, perguntam se nós alugamos... Vejam só: alugar chapéus que nem se sabe por que cabeças andam!*

«O comércio está sobrecarregado de cativos»

PERFUMARIAS — UM NEGÓCIO «ASSIM-ASSIM»

Não escolhemos uma perfumaria de luxo, nem na Baixa. Aí, dizem, que o negócio dá para tudo...

Procurámos uma casa pequena, modesta na aparência, mas bem afreguesada, na verdade. Uma loja na Avenida de Roma, dirigida pela sua proprietária, a sr.ª D. Adelaide Antunes Lopes, e onde duas jovens (muito jovens), elegantes (muito elegantes), bonitas e bem maquilhadas (como convém ao negócio) se atarefavam a «aviar» o que, dantes, se chamavam «caixinhas de saude», «frascos de cheiro», «lápis dos olhos».

— Como vive, em Lisboa, o comércio em geral?

Prontamente, a sr.ª D. Adelaide deu de ombros:

— *Não sei. Ou melhor: sei o que vai pela minha casa e chega-me.*

— Então, diga-nos, como vive o ramo da sua actividade: perfumaria e drogaria?

— *Cá vai andando. Nem mal, nem bem. E' um negócio «assim-assim». Eu, pelo menos, lá vou ganhando para comer, para as minhas despesas e pouco mais. Mas o dinheiro não pára na caixa, anda todo em encomendas.*

E despediu-nos com um «e é tudo».

«Perfumaria é um negócio assim-assim»

OS ARTIGOS DE VESTUÁRIO E A SEMANA-INGLESA

Numa loja espaçosa, de passagens livres e longos balcões, para as bandas de Alvalade, vende-se tudo o que tenta uma mulher — mesmo a mais feia. Rendas, tecidos, cortes, adornos — tudo o que que se usa em contacto com a pele e modela as formas, provocando (quase sempre, provocando) conforto e atracção. Em manequins, esguios e emperucados, saias, blusas, vestidos, costureiros e abafos. Uma loja onde se vê, por fora, tudo o que as senhoras só mostram por dentro. Uma tentação...

A gerente é a sr.ª D. Maria da Natividade Morgado Vieira. Tem ideias firmes sobre o ramo da actividade que dirige e gosta de as expor, arredondando as palavras:

— *O comércio é bom, mas, até certo ponto, está um bocado sobrecarregado de cativos. Os impostos são grandes de mais para as casas pequenas. Quem vive só disto acaba por viver mal. Note que não falo da nossa casa que vive sem dificuldades, tanto mais que, todos os anos, abrimos novas filiais.*

— Portanto, como comércio, os artigos de vestuário são um bom negócio?

— *Não há duvida nenhuma. Tenho que dizer que «sim».*

— E, como profissão, o lugar das empregadas de balcão — naquela loja, um friso de cinco batas azul-bebé — é compensador?

— *Ah! sim! E' uma profissão bonita. Distrai-nos um bocado. Falar com as clientes, ás vezes, até é muito divertido. Não se ganha muito, mas cá se vai andando. Nas provas, sempre vem uma nota por fora. E' assim.*

Mas as pequenas tinham uma pretensão. Juntaram-se e falaram á uma.

— *Escrevam lá no jornal sobre a semana-inglesa. Está-nos prometida e nada. Quando é que percebem que temos o mesmo direito que as empregadas de escritório?*

E a mais miuda e atrevida — uma moça ainda nova, mas já de arrogante aliança no dedo — acrescentou:

— *Para as donas de casa, a semana-inglesa é que dava muito jeito. Falem lá disso...*

Como tínhamos prometido, aqui endossamos esta justa pretensão «a quem de direito». Está certo?

A SEGUIR: «O comércio na modalidade de vendas «ajudadas»

Vida social

ANIVERSÁRIO

Faz amanhã anos a menina Noémia de Fátima Castro Guimarães.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. José Joaquim de Barros Durães

MELGAÇO, 23 — Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral, que teve grande acompanhamento, do sr. dr. José Joaquim de Barros Durães, solteiro, advogado, de 70 anos, que faleceu numa casa de saúde e ficou em jazigo de família.

Era irmão das sr.as D. Maria Emília de Barros Durães, D. Judite de Barros Durães e D. Leonor de Barros Durães Lima e dos srs. drs. António Augusto Durães e João de Barros Durães e cunhado das sr.as D. Maria Esménia da Silva Durães e D. Fernanda Pinto Coelho Durães e do sr. Carlos Ribeiro Lima e tio das sr.as D. Maria Augusta Durães da Rocha, casada com o sr. Manuel da Conceição Rocha e da madre Maria do Rosário Durães.

Preparam-se as comemorações do 31 de Janeiro no Porto

Estão em curso os trabalhos preparatórios das comemorações da data histórica do 31 de Janeiro, cujo programa inclui romagem ao tumulo dos heróis republicanos no cemitério do Prado do Repouso e sessão solene no Coliseu do Porto.

A comissão constituída pelos srs. drs. Mário Cal Brandão, António Macedo, Olívio França e Artur de Oliveira Valença, requereu ao governador civil autorização para essa sessão que foi deferida, como dissemos. Fora, também, pedido o Pavilhão dos Desportos para a referida comemoração, mas não pode ser cedido por estar já marcado um desafio de andebol de sete para a noite de 31 de Janeiro.

Assim, decorrerá no Coliseu a sessão, á qual presidirá o antigo ministro da Republica, sr. coronel Hélder Ribeiro, também combatente do 5 de Outubro, da Flandres e das jornadas de Fevereiro de 1927, no Porto.

Foram convidados para usar da palavra na sessão os srs. drs. Fernando Mayer Garção e engenheiro Lino Neto, de Lisboa; Vasco da Gama Fernandes, de Leiria; Manuel da Costa e Melo, de Aveiro; Francisco Tinoco de Faria, de Braga; e Olívio França, Armando Bacelar, Brochado Coelho e João de Araujo Correia, do Porto.

ENCONTRO DE LAVRADORES

FIGUEIRA DA FOZ, 23 — Termina hoje o I Encontro dos Lavradores no qual foi estudado o seguinte tema: «Poderemos mudar a nossa vida rural?».

O Encontro foi promovido pela Cooperativa Agrícola do Bebedouro, em colaboração com a Brigada Técnica da XVIII Região e do Centro Ecuménico, da vizinha vila de Buarcos.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	532$	532$	—
Consolidado 3%	560$	558$	562$
Consolidado 3 1/2%	—	651$	655$
Centenários 4%	1.500$	1.498$	1.501$
Obrigs Tesouro 5%	1.004$	1.003$	1.005$
Externo 1.ª Série	—	—	680$
Externo 1.ª Série c.	—	—	815$
Externo 3.ª Série	—	—	730$
Externo 3.ª Série c.	—	900$	910$
Cautelas 3.ª Série	—	180$	200$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A. P. I. 5% 56	—	—	—
A. P. T. 5% 58	—	—	970$
C. P. 4 1/2% 65	940$	935$	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	1.010$	1.009$	1.012$
C. U. F. 6% 68	1.002$	1.002$	—
Gás Elect. 4% 48	850$	840$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	865$	865$	—
Gás Elect. 5% 52	910$	910$	—
Gás Elect. 5% 58	—	910$	—
Gás Elect. 5% 59	910$	910$	—
Gás Elect. 5% 62	—	931$	—
Gás Elect. 5% 63	—	925$	—
Gás Elect. 5% 65	—	920$	—
Gás Elect. 5% 67	1.020$	1.020$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	830$	860$
H. E. Cávado 5%	—	840$	850$
H. E. Cávado 5%	—	997$	998$
H. E. Douro 5%	—	840$	850$
H. E. Douro 6%	996$	995$	998$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	997$	995$	999$
H. E. Zêzere 5% 55	—	845$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	850$	—
Lisnave 6%	—	1.003$	—
Metropolitano 4%	—	900$	905$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.020$	—
Moçambique 5%	—	730$	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	865$	860$	865$
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	940$	970$
Sacor 5% 60	—	930$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	820$	—
Sonefe 5%	—	810$	—
T. A. P. 4%	—	—	920$
Termoelect. Port. 5%	830$	828$	—
U. E. P. 3 3/4%	—	82$	—
U. E. P. 4%	—	83$	84$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	82$9	82$7	83$
U. E. P. 5% 60	820$	—	830$
U. E. P. 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.002$	1.001$	1.003$
Alentejo	675$	670$	680$
Angola	—	1.760$	1.790$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1.930$	1.925$	1.935$
E. Santo	—	13.800$	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	12.600$	18.000$
L. G. Açores p.	—	3.900$	3.960$
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	6.000$
Portugal n.	—	—	2.400$
Portugal p.	—	2.750$	2.800$
Totta Alança	4.730$	4.730$	4.750$
Ultramarino n.	1.680$	1.680$	1.685$
Ultramarino p.	1.880$	1.880$	1.885$
Seguros			
Alentejo	—	64$	66$
Douro	—	—	980$
Mundial	—	430$	435$
Sagre	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarino	—	8.500$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	760$	—
Ag. Cassequel	—	575$	590$
Ag. Incomat.	—	—	—
Ag. Neves	—	190$	230$
Ag. Tomé e Príncipe	—	200$	228$
Boror	160$	160$	170$
Buz	64$	63$	64$
Cabinda	—	135$	140$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.340$	1.340$	1.345$
H. E. Revué	600$	595$	—
Ilha do Príncipe	—	750$	850$
Moçambique	85$	85$	88$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	318$	320$
Zambézia	51$	50$	51$5
C.ª Diversas			
Cidla	—	6.900$	7.100$
Cim. Leiria	—	2.350$	2.600$
Cim. Tejo	—	3.400$	4.000$
Cal. Navegação	650$	640$	—
C. U. F.	1.085$	1.080$	1.100$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	1.670$	1.670$	1.750$
Petroquímica	—	2.350$	2.365$
Port. e Colónias	1.225$	1.220$	1.280$
Port. Celulose	—	3.100$	—
Port. Pesca	—	—	720$
Port. Tabacos	518$	517$	519$
Sacor	4.830$	4.800$	4.850$
Siderurgia Nac.	—	—	1.240$
Socel	2.165$	2.160$	2.170$
Tabacos de Portugal	—	930$	960$
Tabaqueira	—	—	—
U. F. Azoto	730$	725$	730$
Água Electr. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	390$	415$
Águas Lisboa 34	—	—	412$
Águas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct. Beiras	—	1.510$	1.520$
Gás Electr.	395$	394$5	395$
H. E. Alto Alentejo	158$	157$5	158$5
H. E. Cávado	1.250$	1.250$	—
H. E. Douro	1.235$	1.233$	1.235$
H. E. Norte Portugal	—	315$	—
H. E. S. Estrela	—	—	1.800$
H. E. Zêzere	1.310$	1.300$	1.302$
Nac. Electricidade	1.310$	1.305$	1.315$
Termoeléctr. Port.	1.320$	1.315$	1.320$
U. E. P.	196$	196$	97$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	154$5	59$1
F. I. D. E. S.	—	105$	108$2

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	15/1/69	21/1/69	22/1/69
GERAL	109,8	110,2	110,2
METROP.	108,0	108,0	108,1
ULTRAM.	123,3	126,0	125,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
— Dólar de 1 e 2	28$20	28$60
— Dólar de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Shilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$80	7$80
Espanha — Peseta	$39,5	$41
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$30	5$80
Suíça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	320$00	335$00
Inglaterra — 1/2 Libra	245$00	265$00
Ouro fino — Barra	39$00	40$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Diário do Porto

Investimentos de capitais luso-americanos em iniciativas turísticas

Para contactarem com diversas entidades portuenses, com vista ao estudo das bases de um importante investimento de capitais em iniciativas de carácter turístico no Norte do País, no qual está interessado um «trust» de capitalistas luso-americanos, estiveram no Porto os srs. Alberto dos Santos Lemos, director do «Jornal Português», de Oakland (Califórnia) e Carlos Bandeira de Melo, procurador do Bank of London & South América. Foram recebidos na Delegação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, pelo sr. dr. Manuel Seabra, e, mais tarde, pelo presidente do Município que foi convidado a visitar San Diego. Tiveram, ainda, reuniões com os directores do Instituto do Vinho do Porto e da Associação Comercial.

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 104 (Tel. 3-5075) ✻ **CAMAREIRA**, R. do Heroísmo, 90 (Tel 5-2583) ✻ **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53 (Tel. 6-0754) ✻ **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (Tel 2-2884) ✻ **COSTA CABRAL**, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780) ✻ **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2-1620) ✻ **FONTE DA MOURA**, R. de Tanger, 1463, (Tel. 68-1444) ✻ **MONTE DOS BURGOS**, R. do M. dos Burgos, 802 (Tel. 6-2279) ✻ **MONTE CATIVO**, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel. 4-1687) ✻ **NOVA AVENIDA**, Av. Fernando Magalhães, 692 (Tel 5-2250) ✻ **PADRÃO**, L. do Padrão, 342 (Tel. 5-2149 ✻ **PARENTE**, R. das Flores, 114 (Tel. 2-1611) ✻ **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Tel. 3-1295) ✻ **SÁ DA BANDEIRA**, R. de Sá da Bandeira, 236 (Tel 3-6687) ✻ **NACIONAL**, R. Senhora da Luz, 156 — Foz (Tel. 68-08331).

Para que o cliente pague a percentagem aos empregados aumentarão os preços (menos do café) nos «cafés» e outros estabelecimentos

PORTO, 23. — Emanadas da Repartição de Actividades Turísticas da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, apareceram em alguns dos «cafés» da cidade tabelas das suas especialidades de venda ao publico. E dessas tabelas constm preços mais altos dos que presentemente se praticam.

As referidas tabelas são aprovadas pelo director-geral do Turismo. Assim, tudo indica, estar para breve um aumento no preço das coisas á venda nos «cafés» e estabelecimentos congéneres.

O que se passa, porém, segundo um dirigente da União dos Grémios da Industria Hoteleira e Similares no Norte, é o seguinte: Vigora no Porto (cidade), há 23 anos, o sistema de percentagem, pelo qual o empregado de mesa recebe 16 por cento do apuro que faz, isto, claro, nos artigos que saírem da copa para o cliente. Contudo, no resto do País não se pratica tal sistema. Por isso, o que se pretende agora é unificar os preços ao nível nacional, o que está em vias de ser atingido, depois de diversas reuniões entre o Sindicato e a União dos Grémios e nas quais tomaram parte os organismos do Norte e do Sul. Dessas reuniões resultou um acordo, e apenas se aguarda que o sr. ministro das Corporações homologue os acordos a que chegaram os sindicatos e as uniões dos grémios.

Em linhas gerais, esses acordos visam o seguinte: aumentar os preços nos restantes artigos, com excepção do café; e assim, por exemplo, o «carioca de limão» custará 1$50; a cevada, idem; o «meschafé», 2$50; «meia-de-leite», idem; «galão» 3$00; chá 2$50; iogurte 4$50; torrada de forma 3$00; águas (uartos), 3$00; e, por aí fora, tudo a aumentar, de forma a que os «cafés» não tenham que dar aos empregados a percentagem de 16 por cento nas vendas com excepção do café — percentagem essa que ao cliente caberá pagar. Mas como se verifica nesses aumentos, na maioria dos produtos se não mesmo na totalidade, a subida é superioir a 16 por cento, de onde resulta os «cafés», além da libertação do pagamento da referida percentagem, que passa a reverter em seu benefício, auferem, ainda, o lucro proveniente do aumento dos produtos que vendem e vai além dos tais 16 por cento.

Espectáculos para hoje

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Condessa de Hong-Kong» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «A Noiva Estava de Luto» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A Estrela» (12 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O Vale do Mistério» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «O elogio da preguiça» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Eles só matam uma vez!» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «A morte espera em Atenas» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Um coração solitário» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A Irmã Yé-Yé» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Caracas — cinco para os doze» (17 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «A flor á beira do pântano» (17 anos).
ODEON — Às 21 e 30: «O Faraó» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Duelo em Diablo» (17 anos).
CINE-VITÓRIA — Às 21 e 30: «Operação V 2» (12 anos).
ERMESINDE — Às 21 e 30: «Boeing-Boeing» (17 anos).

DE COIMBRA

Director da Faculdade de Letras

O director da Faculdade de Letras, sr. prof. dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão, está de licença e para exercer, interinamente, aquele cargo foi designado o sr. prof. dr. Américo da Costa Ramalho. O acto de posse, no gabinete do Magnífico Reitor da Universidade, foi muito concorrido, vendo-se, entre a assistência, os srs. vice-reitor da Universidade, prof. dr. Miranda Barbosa; profs. drs. Guilherme Braga da Cruz, Costa Pimpão, Paiva Boleo, Mário Brandão, D. Helena da Rocha Pereira, Paulo Quintela, Fernandes Martins, Emílio Planchard, Salvador Dias Arnaut, José Sebastião da Silva Dias, assistentes e estudantes da Faculdade de Letras, especialmente raparigas.

A posse foi conferida pelo reitor, sr. prof. dr. Andrade de Gouveia, que saudou o empossado, e disse saber quanto era difícil dirigir a Faculdade de Letras, mas que confiava e estava certo de que o sr. prof. dr. Costa Ramalho desempenharia cabalmente o cargo. Por sua vez o empossado saudou o Magnífico Reitor e disse que iria exercer a função enquanto durasse o impedimento do sr. prof. dr. Costa Pimpão, que todos desejavam regressasse o mais breve possível. Entretanto, tudo faria para que, enquanto estivesse á frente da Faculdade houvesse a maior normalidade.

No final, o sr. prof. dr. Costa Ramalho foi muito cumprimentado.

Trocas filatélicas

Hoje, a partir das 21 e 30, na sede da Associação Académica, na Secção Filatélica, haverá mais uma sessão de troca de selos, a nível citadino, para a qual foram convidados todos os filatelistas, estudantes ou não.

«Folk» espanhol

No sábado, no Teatro Avenida o estudante da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Valladolid, Joaquim Diaz dará um recital de «folk» espanhol, que é aguardado com muito interesse, dado que Joaquim Diaz impõe uma autêntica vocação artística.

PRÉDIO
CAMPO DE OURIQUE
Muito bem situado, construção cimento armado, revestido a evinel, bons acabamentos, composto de 6 pisos, habitações de 4 casas soalhadas, coz., 2 c/ banho, desp., marq., hall. RENDE 180 600$. PREÇO 2900 contos. ALUGADO.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O livro da Selva» (12 anos).
AVENIDA — Às 17 e 45: «A nave dos loucos» (17 a.); ás 21 e 30: «O dia da vergonha» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «O morto vivo» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O presidiário» (12 a.).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Telefone 22011).
SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).
CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).
SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

Franz Schubert está hoje em «Auditório Musical», com a execução da sua 7.ª sinfonia

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AUDITÓRIO MUSICAL: 7.ª SINFONIA DE SCHUBERT

A segunda parte da emissão de hoje é inteiramente preenchida pela apresentação da rubrica «Auditório Musical» que a RTP mensalmente transmite.

No excelente programa de hoje, realizado por Henri Colfi, conhecido e apreciado relizador cinematográfico, ouviremos a 7.ª Sinfonia de Franz Schubert, executada pela Orquestra Sinfónica de Viena, sob a direcção de Karl Bohm.

A 7.ª Sinfonia em Dó Maior de Schubert tem os seguintes andamentos:

I. Andante-Allegro ma non troppo; II. Andante Con Moto; III. Scheizo (Allegro Vivace); IV. Finale (Allegro Vivace).

Quem é o maestro Karl Böhm

O MAESTRO Karl Böhm nasceu em Graz (Áustria), em 1894. Doutorou-se em Direito, ao mesmo tempo que completava os seus estudos musicais.

Bruno Walter, chama-o em 1921 para a Ópera do Estado de Munique, passando em 1927 para Darustad e para Hamburgo em 1931.

Em 1934 sucedeu a Fritz Busch como director da Ópera de Dresde. A partir de 1943 dirige a Ópera de Viena. É um dos directores de orquestra mais solicitado em todo o Mundo.

2.° PROGRAMA

O MAIORAL: JUDD, O SURDO-MUDO

JUDD é um surdo-mudo que, à força de ser enganado e maltratado, se tornou violento.

Um dia encontra Steve, que o toma sob a sua protecção e, pouco a pouco, Judd vai-se humanizando. Porém, um dia acusam-no de um crime que não cometeu e tudo volta ao princípio para Judd.

É esta a história que nos conta, cerca das 22 e 15, o episódio da série Maioral, realizado por Herschul Daugherty com J. Lee Colb, Doug MacLure e James Drury nos principais papeis

Antes sera exibido um documentario sobre as «Ilhas de Coral do Pacifico».

O «Maioral» volta a viver sérias aventuras no episódio desta noite

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16.05: Luz no Horizonte; 16.30: Que quer ouvir?, 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17.35: Do Choupal até à Lapa, 18.10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro, 18.40: Música e Sonho; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19.50: Música, só música; 20: Diário sonoro; 20.20: Solistas ligeiros; 20.33: 27.° episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21.30: Melodias pelo trompetista Richard Davis; 21.40: 1.ª parte de um programa de variedades realizado no Instituto Padre António de Oliveira, em Caxias; 22.30: Orquestras e conjuntos; 23.05: Programa da noite; 23.40: Serenata de Coimbra; 1: Fecho

2. Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16.30: 2.° e 3.° actos da ópera «Falstaff» (Verdi); 18: Música do século XX — Missa do Espírito Santo (Randall Thompson); 18.37: Música de piano — Prelúdio, Ária e Final (César Franck) — piano: Jean Charles Richard; 19: Horizonte, semanário de letras e artes; 19.30: Folclore Português — Música regional da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela B. B. C.); 19.45: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20.20 — Música instrumental; 20.30: missa em dó maior K 317 «Missa da Coroação» (Mozart); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21.22: Nocturno em si maior op. 9 (Chopin) — piano: Henryk Szrompka; 21.30 — Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21.50: Música de piano; 22.20 — Poemas sinfónicos

2.° Programa — (Culture em M[E] 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de teola; 23.30: Festival «Música Antiqua» em Brno — gravações cedidas pela Radiotelevisão checa; 1: Quarteto n.° 1, op. 2 (Zoltan Kodaly — Quarteto Rotch; 1: Fecho

23: A Voz do Ocidente; 1.15: Fecho

19.10 — Rádio Universidade.

Rádio Clube — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18.15: Canções ao acaso; 18.30: Lisboa à tarde; 19: Noticiário; 19.15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20.05: Conjuntos vocais, 20.30: Jornal dos espectáculos; 20.45: Tempo de ritmo; 21.30: Diapasão; 21.32: Impacto; 22.30: Quando o telefone toca; 23.08: Mensagens bíblicas; 23.22: Grande Roda; 0.02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3.02: A noite é nossa; 6.02: Diário rural; 7.03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16.04 — Clube das donas de casa; 17: Noticiário; 17.57: O nosso programa; 19.04: Em órbita; 21.02: Boa-noite em FM; 22.02: Programa à Gô Gó; 0.02: Alta fidelidade Philips; 1.03: Banda Sonora; 2: FM-67, e fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18.30: E a e o seu mundo; 18.45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19.03: Miscelânia; 19.17: Elo; 19.30: Robbialac, 19.45: Melodias para si; 20.05: Rádio Plaser; 20.20: Norte dia a dia; 21.05: Cabina de escuta; 21.10 — Orquestra; 21.15: Só-Rádio; 21.30: Leitura; 22.03: O Santo; 22.15: Hoje é vedeta...; 22.30: Presença coimbrã; 23.04: Clube da juventude

Rádio Renascença — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções portuguesas; 18.20: Noticiário e boletim religioso; 18.30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19.05: Música seleccionada; 19.25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19.30: Página 1; 20.30: Noticiário; 20.55: Meditando; 21: Carrilhão — Variedades; 21.30: A orquestra de Joaquim Luís Gomes; 21.45: Vozes do Brasil; 22: Quando o telefone toca; 22.30: Pentagrama; 22.45: Música variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18.15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18.30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19.05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19.30: Página 1; 20.30: Noticiário; 20.55: Meditando; 21: Carrilhão — Mosaico; 21.30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: a 23.ª Hora; 2: Fecho.

Emissores Associados de Lisboa — onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s; **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e 12 às 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e 19.30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e 22 às 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.° Programa — Às 19: TV Educativa, 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos Jogar no Totobola; 21: Parada da Industria; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Auditório Musical, 0 e 20: Telejornal; Meditação e Fecho

2.° Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: A Grande Aventura; 22 e 15: O Maioral; 23 e 35: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **1.° Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Precaratório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal 19 e 45: Quarto dos Brinquedos; 20 e 5: Vamos Dormir; 20 e 25: Programa Feminino; 20 e 35: Sangue na Estrada; 20 e 50: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho

1.° Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Tom Sawyer; 22 e 15: TV Clube, com Moysa; 22 e 35: Dançar Mon; 23 e 30: Telejornal e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

«NOITE DE TEATRO»: CONVITE À DISCUSSÃO

1 Seria uma boa tradição a inaugurar esta de transmitir para todo o País, através da televisão, as peças que decorreram em teatros mantidos pelo Estado ou por organismos que não perseguem fins comerciais. Não faz sentido, por exemplo, que todo o País pague para que apenas uma cidade veja — quando vê...

Estou a referir-me ao Teatro Nacional, como já perceberam. Já se entendia mal uma companhia com poiso fixo, vivendo ela apenas do subsídio governamental. Agora, porém, com a existência da Televisão, o seu isolamento torna-se mais absurdo. Sei de países em que o último espectáculo com financiamento do Estado (seja ele de teatro, de circo, de «music-hall», etc.) pertence à televisão, ou seja: pertence a todos.

2 O que digo em relação ao Teatro Nacional, estende-se ao Teatro São Carlos e ao Teatro da Trindade, cuja exploração, como se sabe, está a cargo da F. N. A. T., organismo com associados em todo o País e não apenas em Lisboa.

Foi do Teatro da Trindade que a Televisão transmitiu a peça «A Torre e o Galinheiro», da autoria de Vitorio Calvino, dramaturgo italiano. A crítica à peça, propriamente dita, puderam os leitores conhecê-la, pela Imprensa, no dia imediato ao da estreia. E também pela Imprensa se soube de que maneira o publico reagiu á obra de Calvino. O publico que aplaude ou que protesta: que esteja vivo. Teatro vazio — isso é que dói...

Esta apresentação pela TV assume um carácter de tentativa para alargamento do juri. Este vê-se, de subito, alargado de umas parcas centenas para uns dilatados dois milhões de espectadores. «*O publico que julgue...*» e a legenda tão visivelmente invisível...

3 A reacção do homem isolado, diante do televisor, não assume as mesmas características do mesmo homem englobado num grupo, na multidão. Tomar banho na banheira não é o mesmo que tomar banho no mar. O mar tem ondas a responsabilidade aumenta.

Assim a distancia, e nesse teatro de estufa que é a sala do televisor, o acontecido no Teatro da Trindade apresenta-se-me diminuido de sentido.

Não há duvida: a interpretação não pode considerar-se famosa, a distribuição muito menos. A presença em cena foi com frequência demasiado estática e criou zonas de certa monotonia. Mas nenhum destes elementos me parece tão insólito, no nosso meio teatral, capaz de produzir tempestade, ligeira que fosse.

4 «A Torre e o Galinheiro» define, essencialmente, a impossibilidade para o individuo de sonhar, de se realizar em termos que uma realidade já não comporta. Sublinha, por outro lado, a tendência de uma sociedade para não permitir que um dos seus componentes se saliente e crie um perigoso hiato, uma ilha cuja solidão se torne demasiado agressiva, um desequilibrio cuja compensação a arraste para incómodas aventuras.

Esse individuo, nas mãos de Calvino, recusa-se a tragédia. Entra no jogo. Diz que sim, para que o deixem. Continuará a ver os seus fantasmas e a viver nos seus subterrâneos. Ao recusar a tragédia, aceita o drama. Furta-se á violência. Come diàriamente o seu pessimismo com direito ás torradas, ao emprego, ao aconchego familiar. Cruza os braços, mói a sua impotência e transfere para as infinitas distancias a possibilidade de uma convivência com o divino. Fiquem os outros com o galinheiro; ele fica com a sua torre, e cada um no seu quetinho. O herói de Calvino espelha, em silêncio, o ser ideal contra os candentes do progresso, na imitação dos cães da cidade. Ele não servirá de fermento.

5 Suponho ainda que não se encontra aqui a razão da tempestade. De qualquer modo, aceitando ou

(Continua na página seguinte)

FERGUSON A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.

Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

recusando, o espectador pode discutir calmamente, sem paixão. Só as paixões provocam tempestades. As paixões ou a adesão a tabus, a ideias feitas a noções: vê-los *desrespeitados* provoca desequilíbrio.

Não tenham a menor dúvida: aquilo que mais ficará fixado na memória do telespectador simples não foi a discussão proposta por Calvino, mas a forma como Deus nos aparece na encenação de Ribeirinho. Aquela figura vive no profano e a importância que reveste deriva daquela distinção de diplomata ou de grande e poderoso senhor de alta finança, descendo pacatamente a City. Os telespectadores portugueses não é assim que estão habituados a *ver* a divindade. Talvez imaginem mais *verídicamente* a cena de Moisés no Monte Sinai, esquecidos de que, ainda aí, é o insólito que os move. E no entanto...

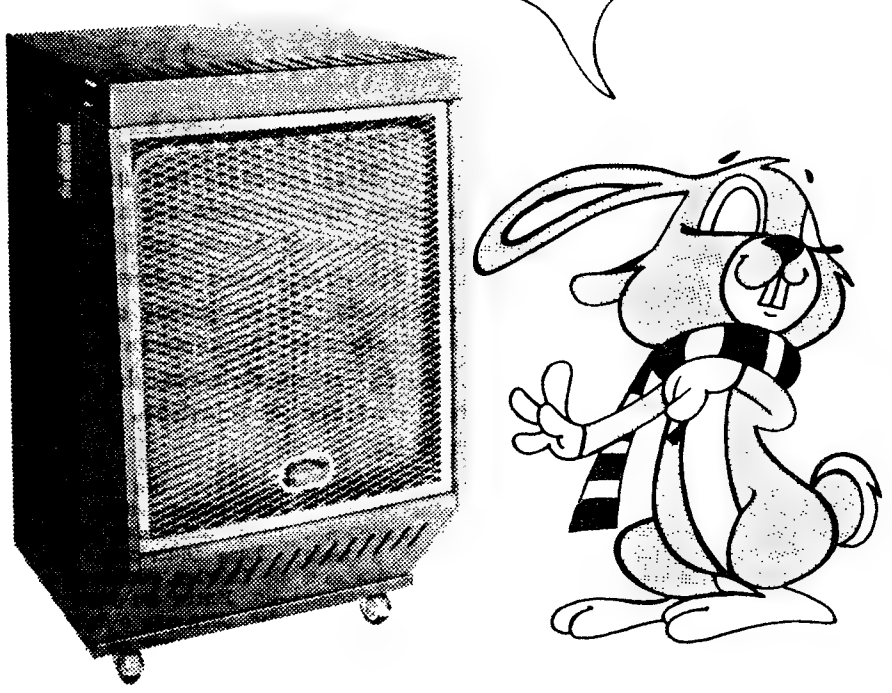
No entanto, talvez a partir desta peça as pessoas se inclinem á recusa de deformações em benefício da pura ideia. Que o mesmo é dizer: em benefício da autenticidade.

6 Temos assim que, cheia de imperfeições, a peça de Calvino se presta a uma riquíssima oportunidade para cada qual se pôr de acordo consigo próprio. Há que desistir do ideal, com vantagem para o «galinheiro», ou há que estabelecer uma nova estratégia que implante, no «galinheiro», o ideal, a ansia de aperfeiçoamento moral do Homem?

Não são assim tão frequentes as oportunidades de pensar que o teatro de televisão nos oferece. Just ficada pois, a transmissão de «A Torre e o Galinheiro». Para aplaudir com reservas, para patear sem reservas, ou para nos reservarmos para uma digestão mais demorada? A escolha.

M. C.

He! He! que Quentinho!



ODACLA

CALORIFERO CATALÍTICO A GÁS BUTANO
ODACLA torna o lar mais agradável e acolhedor

CAMISAS POR MEDIDA
o seu género a seu gosto
Rua Pedro Nunes, 39
ao Saldanha

✝

D. AMÉLIA DA SILVA JOSÉ DE MELLO

MISSAS NO 11.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua Mãe, Seus Filhos e demais Família participam que serão rezadas as seguintes Missas pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos os que os queiram acompanhar nestes piedosos actos:

Amanhã, 24, ás 19.15 horas, na Igreja de Santa Catarina, em Lisboa.

Sábado, 25, ás 12.00 horas, na Capela da Quinta de Riba Fria, em Lourel (Sintra)

ALGÉS

✝

MARIA CELESTE FERREIRA DE NEIVA DUARTE DE ALMEIDA

Missa do 7.º dia

Sua família participa que amanhã, dia 24, pelas 9,30 horas, na igreja de S. João de Brito, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu ente querido, agradecendo-se desde já a todos quantos se dignarem assistir a tão piedoso acto.

TRATOU A AGÊNCIA MACHADO DA COSTA

MILITARES MORTOS NO ULTRAMAR

LUANDA, 23 — (A. N. I. e L.) — Por desastre faleceram, em Angola, os soldados Manuel Vieira Nóbrega natural da Madeira, filho de Daniel Sebastião Nóbrega e de Carolina Vieira e Filipe Lopes Pires, natural de Loulé, filho de Manuel Pires e de Maria da Glória Lopes.

*

LOURENÇO MARQUES, 23 — Morreram em Moçambique, vítimas de desastres o furriel miliciano Serafim Peixoto Cheganças Neves, natural da metrópole e o soldado Orlando José Quinta Nova, também natural da metrópole, filho de José Custódio Quinta Nova e de Maria Gracinda.

RUA VEDADA AO TRÂNSITO

Para se proceder ao rebaixamento do colector vai ser vedada ao trânsito de veículos a Rua do Borja, por um período de 30 dias, a partir de segunda-feira.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

CAMINHOS DE FERRO

A fim de facilitar o regresso de trabalhadores portugueses destinados a França e além, a C. P. põe em circulação, no período indicado, uma carruagem directa de 2.ª classe, com o seguinte horário:

Castelo Branco	p.	10.15 h.
	c.	13.45 h.
Guarda	p.	15.02 h
Vilar Formoso	p.	16.57 h.
Hendaye	p.	8.05 h.
Paris	c.	18.40 h.

✝

ENGENHEIRO SILVICULTOR

Mário Amaro dos Santos Gallo

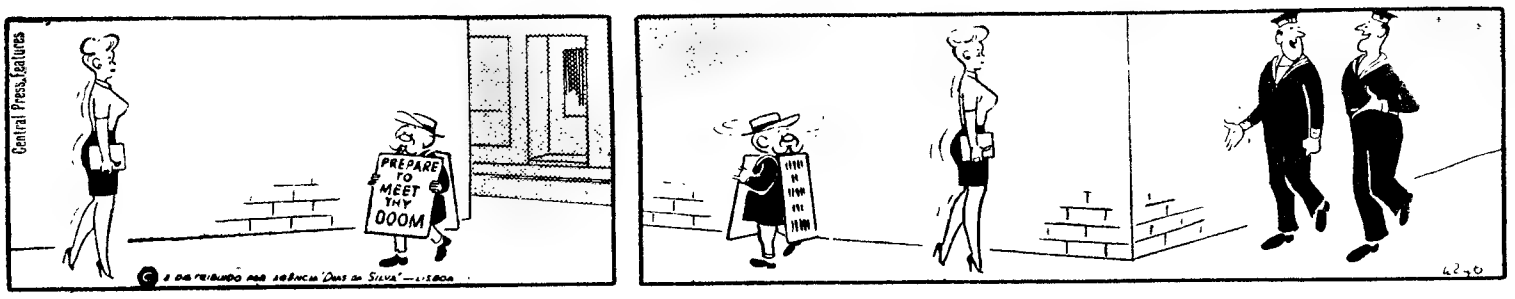
MISSA DO 30.º DIA

No próximo dia 24 pelas 12 horas na Igreja de S. Domingos a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, manda celebrar missa de sufrágio por alma daquele que foi um dos seus mais distintos e devotado técnico.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

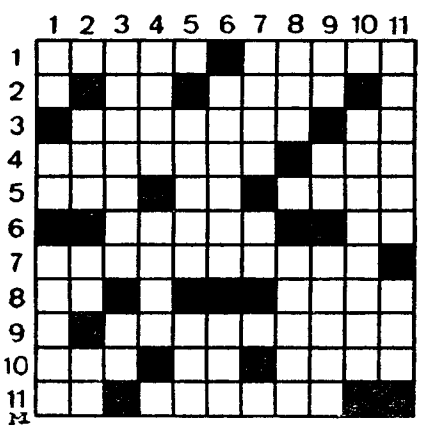
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5067

HORIZONTAIS: 1 — Rugir. Em alto grau. 2 — Pronome pessoal. Fama. 3 — Serenai. Pertences. 4 — Aeronauta. Liguei. 5 — Preposição. Símbolo químico do érbio. Não vai. 6 — Folha de videira. Artigo (pl.). 7 — Copiariam trabalho de outrém. 8 — Conjunção. Animal recém-nascido. 9 — Afiançar. 10 — Rio afluente do Douro. Ande. O mais cruel dos imperadores romanos. 11 — Carta de jogar. Erres.

VERTICAIS: 1 — Certo. Campeão. Escassa. 2 — Rio dos distritos de Braga e Porto. Símbolo químico do lúrio. Artigo (pl.). 3 — Farta. Entre nós. 4 — Lição. Actuava. 5 — Liguei-me. Fruto da videira. 6 — Vá em auxílio. Óxido de cálcio. 7 — Da raça dos mus. Figura. 8 — Cantão da Suiça, banhado pelo Reuss. Imagem pintada, na igreja ortodoxa. 9 — Caminhava. Interjeição de dor. Antiga armadura completa de guerreiro. 10 — Elogiar. 11 — Prenúncios de vómito. Cincho.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5066

HORIZONTAIS: 1 — Varava. QUEM. 2 — Acéfalo. Ivo. 3 — Alui. Favo. 4 — BEM. Votara. 5 — Comerino. Ar. 6 — B.é. AMA. 7 — Arame. Osso. 8 — Obesso. Ser. 9 — BEM. CASTIGA. 10 — Alote. Somar. 11 — Sismos. Má.

VERTICAIS: 1 — VÁ. CÁ. Obas. 2 — Acaba. Abel. 3 — Relembremos. 4 — Afumeias. Ti. 5 — Vai. Remoces. 6 — Al. Vi. 7 — Áfona. Isso. 8 — Átomo. Tôs. 9 — Uiva. Assim. 10 — Évora. Segam. 11 — Má. Arvorará.

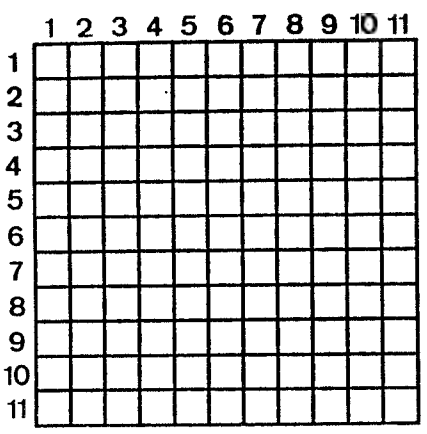
(Provérbio: QUEM BEM AMA, BEM CASTIGA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8911

HORIZONTAIS: 1 — Desnortearam. 2 — Limpar metais. Asa do nariz. 3 — Rebento de couve. Grande afeição. 4 — Filtra. Espaço de trinta dias. Rio da Suiça. 5 — Artigo definido. Da Pérsia. Pronome reflexo. 6 — Reprimisse. 7 — Anual. Educo. 8 — Garantia. 9 — Joeira. Passada. Fecha as asas para descer mais depressa. 10 — Freguesia do concelho de Castelo Branco. Remam para trás. 11 — Inunda. Entretela.

VERTICAIS: 1 — Oscilara. Artigo indefinido. 2 — De cobre (pl.). Cidade do estado do Rio Grande do Norte. 3 — Flecha. Aqui. Prende. 4 — Sustento. Peta. Prata (s. q.). 5 — Caminhar. Doçura. Bismuto (s. q.). 6 — Qualquer animal feroz carnívoro. Composição poética. 7 — Basta. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Em a 8 — Ribeira. Nojo. Cobalto (s. q.). 9 — Move os remos. Érbio (s. q.). Senhor em inglês. 10 — Levas à sirga. Matizar. 11 — Astuto. Gosta muito de.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8910

HORIZONTAIS: 1 — Berra. Telmo. 2 — Ara. Suor. 3 — Ris. Tom. Ata. 4 — Rn. Socam. Ag. 5 — Lóparos. 6 — Soaro. C.a's. 7 — Sior. Aros. 8 — Em. Saldo. Tá. 9 — Ror. Mão. Ami. 10 — Bom. Olor. 11 — Oásis. Preso.

VERTICAIS: 1 — Barros. Éreo. 2 — Erin. Esmola. 3 — Res. Lai. Ras. 4 — Ni. Saros. Mi. 5 — Toparam. 6 — Foca. Lãs. 7 — Marcado. 8 — És. Moiro. Or. 9 — Lua. São. Ale. 10 — Mota. Istmos. 11 — Orogos. Airó.

HÁ 30 ANOS

Há 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 23 de Janeiro de 1939 publicava:

«O «Times», o jornal de John Astor, verdadeira instituição inglesa, poderosa força conservadora e nacional, tem uma tiragem relativamente reduzida; a sua influência, porém, excede a significação numérica da tiragem.

«O «Daily Express», de lorde Beaverbrook, bate todos os «records» do Mundo de tiragem — dois milhões e meio de exemplares diários — e um poder expansivo de informação e opinião assombroso.»

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO N.º 3 — Fornecimento de COLCHÕES e ALMOFADAS DE ESPUMA, e CAPAS SANITÁRIAS

Recebem-se propostas até ás 9.30 horas do dia 10 de Fevereiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições do H. de S. José, em qualquer dia util das 9 ás 11.30 e das 14 ás 16 horas, as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 ás 12 horas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 21 de Janeiro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

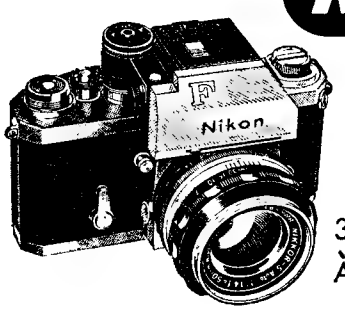
ANUNCIA-SE que no dia 3 de Fevereiro de 1969, por 14 horas, á porta deste Tribunal, no largo da Boa-Hora, em Lisboa, vai á primeira praça para ser vendida em hasta publica pelo maior lanço oferecido além de 25 000$00, a quota que o executado João Ribeiro Jacinto, casado, comerciante, residente em Lisboa, na Rua Francisco Sanches, 9, 3.º, direito, possui na Sociedade Ribeiro & Jacinto, Ld.ª, com sede em Lisboa, na Rua da Madalena, 105-107, penhorada nos autos de execução sumária n.º 1274 da 3.ª Secção do 2.º Juízo Cível de Lisboa, que o Banco Português do Atlântico, com sede no Porto e filial em Lisboa, na Rua Áurea, 116 move áquela e a Luís Ribeiro Mendonça, casado, comerciante, morador em Lisboa, na Rua de Santa Bárbara, 18, cave, direita.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1969.

O Juiz de Direito,
a) **António Judice de Magalhães Barros Baião**

O Escrivão de Direito,
a) **João Alves**

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições Transacções rapidas Sigilo absoluto
SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

TODOS OS "REPORTERS" FOTOGRÁFICOS DE
PARIS — MATCH
A MAIOR REVISTA ILUSTRADA DO MUNDO
FRANCE — SOIR
A MAIOR TIRÁGEM DOS JORNAIS FRANCESES
DER SPIEGEL
A GRANDE REVISTA ALEMÃ
TIME E LIFE
AS GRANDES REVISTAS AMERICANAS
E A MAIORIA DOS GRANDES FOTÓGRAFOS MUNDIAIS TRABALHAM EXCLUSIVAMENTE COM MÁQUINAS NIKON F
SIGA O EXEMPLO DOS MELHORES "REPORTERS" DO MUNDO
FOTOGRAFE COM
Nikon


A MELHOR ÓPTICA DO MUNDO!
32 OBJECTIVAS À SUA ESCOLHA
À VENDA SÓMENTE NAS CASAS ALTAMENTE ESPECIALIZADAS NO RAMO FOTOGRÁFICO
DISTRIBUIDORES PARA A VENDA POR GROSSO:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
SECÇÃO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 361545 (4 linhas) LISBOA

A ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. — Telef. 771639
(Ao Campo Pequeno)

Turismo
BOA VIAGEM
PARTIDAS DO LARGO M. MONIZ E AV. DO BRASIL

VIAGENS DE AUTOCARRO, SÃO VIAGENS DE FÉRIAS

Avaliando devidamente os nossos serviços, verificará que os nossos preços são realmente convidativos. Esta é uma das grandes vantagens das viagens em autocarro — uma reserva maior para as suas compras!

Nos nossos «pullmans» sentirá um conforto total. Desde as grandes janelas panorâmicas e ar devidamente climatizado à música suave e possibilidade de regular a inclinação do seu banco, tudo foi estudado para uma repousante «boa viagem»!

Entre V. e os seus companheiros de viagem surgirá o convívio e uma amizade sã. Seja dentro dos nossos «pullmans», seja nos hotéis que utilizamos, encontrará a vida social e o ambiente que deseja!

So de autocarro pode «tocar de perto» tudo o que interessa visitar ou admirar. Os nossos guias acompanhantes conhecedores profundos dos circuitos, sabem transformar o seu passe numa verdadeira viagem turística!

informe-se hoje mesmo das nossas próximas viagens:

TOIROS EM BADAJOZ!
DOMINGO, DIA 2 DE FEVEREIRO, COM UM CARTEL SENSACIONAL: José Falcão, Litri, Antoñete, José Fuentes e Benjumea — 3 PARTIDAS!
SÁBADO, ÀS 7.30 E 14.30 H. — DOMINGO, AS 7 H.
PREÇOS: viagem e almoço, 200$00 — viagem e jantar, 200$00
Tudo incluído: 650$00, 500$00 ou 450$00

DOMINGO DE MANHÃ, VISITA A MÉRIDA

BADAJOZ E OLIVENÇA
SÁBADO, DIA 25 — BONS LUGARES
PREÇOS incluindo o almoço no Hotel Madrid: 200$00
ou no Gran Hotel Zurbaran: 230$00
Com pequeno-almoço, almoço e jantar 260$00

MISSA EM FÁTIMA
Mais tempo de paragem em Fátima (3 horas e meia)
chegada mais cedo a Lisboa (19 horas)
Visita ao importante Museu «Casa dos Patudos»
Todos os domingos — 80$00 ou 160$00

9.º ALMOÇO REGIONAL
EM PENICHE — RESTAURANTE AVIZ
DOMINGO, 26 DE JANEIRO — 110$00
Tudo pago — Viagem e almoço

NEVE NA SERRA DA ESTRELA
DIAS 25 E 26 DE JANEIRO — PARTIDA ÀS 14.30 HORAS
Visitando: Gavião, Castelo Branco, Covilhã, Penhas da Saude, Manteigas, Penhas Douradas, Mondeguinho, Vale do Ceira, Coimbra, etc.
PREÇOS: 180$00 (viagem) ou 450$00 (tudo pago)
Alojamentos no HOTEL SOLNEVE — COVILHÃ

MADRID E GUADARRAMA
4 DIAS—8 A 11 DE FEVEREIRO—500$00 - 1.200$00 - 1.400$00

AMENDOEIRAS EM FLOR
E TODA A SEDUTORA COSTA ALGARVIA
2 DIAS — 1 E 2 DE FEVEREIRO — 220$00 - 650$00

CARNAVAL DAS AMENDOEIRAS
15 A 17 DE FEVEREIRO — SÁBADO E SEGUNDA-FEIRA
NO DOMINGO ASSISTÊNCIA AO CORSO EM LOULE
PREÇOS: 250$00 - 420$00 - 900$00

ANTES DE MARCAR AS SUAS FÉRIAS PEÇA-NOS O PROGRAMA GERAL PARA 1969. DEZENAS DE VIAGENS POR TODA A EUROPA E NORTE DE ÁFRICA!

utilize o nosso sistema de viagens a crédito
informações e inscrições
Turismo BOA VIAGEM
760072 • 762222
769782
AV. BRASIL, 112 C LISBOA 5

Joaquin Diaz
o melhor do «folk» espanhol encontra-se em Lisboa

No «hall» do Teatro Villarett onde amanhã, Joaquin Diaz realiza o seu recital «folk» este artista espanhol foi, ontem, apresentado á Imprensa E, diga-se desde já o encontro foi bastante agradável

Joaquin Diaz é um jovem com menos de 22 anos que se começa a tornar famoso e, mais do que isso a tornar famosa a nova canção espanhola. Não é apenas um cançonetista, é um investigador da música «folk» a que resiste a todas as modas e tendências, permanecendo actual actuante, interveniente e contestatária.

Joaquin Diaz está prestes a concluir a sua formatura em Filosofia e Letras na Universidade de Valladolid e tem, em prelo dois livros dos quais indica e deduz os estudos por si mesmo realizados sobre a descoberta das canções que constituem o seu reportório. Nada mais que 400 canções para recital publico e mais de 2000 para intervenções privadas — canções para os amigos. É bem curioso referir que, entre nós, 50 a 60 canções são consideradas um luxo, no reportório de qualquer vedeta nacional.

Mas deixemos isso para voltar ao rapaz que nasceu em Zamora e conquistou toda a Espanha, com a sua intervenção «folk».

Joaquin Diaz que com Luís Eduardo Ante, Paco Ibañez e o novo conjunto «O Nosso Pequeno Mundo», tem sido responsável pela renovação e revalorização da música espanhola, encontra-se em Lisboa para concretizar os seguintes compromissos: gravação em «video-tape» de 4 canções para o programa da TV «Riso e Ritmo»; gravação de um recital de meia hora para o programa «Impacto» de R C. P.; recital em Lisboa no Teatro Villaret; recital em Coimbra, no Teatro Avenida; reunião, no Porto, na Pinacoteca.

«A canção folclórica atrai-me pela sua simplicidade e porque me permite conhecer o sentimento popular melhor que qualquer livro. É um meio de conhecimento fabuloso.» — Esta é a opinião de Joaquin Diaz sobre um tema que, entre nós, merecia, também, uma certa meditação. Além de tudo esta é uma importante mensagem que, de Espanha, Diaz trás a Portugal

FORAM DISTINGUIDOS OS EMPREGADOS DA CIDLA QUE COMPLETARAM 10, 15, 20 E 25 ANOS DE SERVIÇO

Atendendo a circunstâncias dolorosas que, no decorrer do ultimo ano afectaram profundamente o pessoal da Cidla que vive como uma numerosa e bem unida família, e são do conhecimento geral entendeu-se que a habitual e tradicional homenagem aos empregados desta empresa que completaram em 1967, respectivamente, 10, 15, 20 e 25 anos de serviço, em numero de 117, se realizasse com a maior simplicidade o que ontem se efectuou relativamente ao pessoal da Sede

No início da cerimónia o Senhor eng.º António Rodrigues dos Santos Pedroso, Presidente do Conselho de Administração, proferiu um breve discurso a sublinhar o significado deste encontro.

Estiveram presentes os demais administradores e os funcionários superiores da Empresa, além de numerosos colegas dos homenageados, a quem foram entregues emblemas de antiguidade e outras lembranças.

Entre os homenageados contam-se o administrador sr. dr. Henrique Martins de Carvalho e o secretário da Mesa da Assembleia Geral, sr. dr. Urbano Carvalho Madeira, respectivamente com 25 anos e 15 anos de serviço dedicado á Empresa.

Com a presença do Adjunto da Administração, senhor Carlos Tavares Bastos, em representação do Conselho de Administração da Empresa, realizam-se, hoje e amanhã, cerimónias identicas nas Filiais da CIDLA em Coimbra e no Porto

PRIMEIRO EMBAIXADOR DO EQUADOR EM LISBOA

Hoje de manhã, o sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência solene, no palácio de Belém, o sr. dr. Adolfo Calejas Vasconez, que foi fazer-lhe entrega das cartas pelas quais fica acreditado como primeiro embaixador extraordinário e plenipotenciário do Equador junto do nosso Governo.

À cerimónia assistiu o sr. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA SOPONATA

Para provimento da vaga de vogal do conselho de gerência da Soponata verificado em face do falecimento do sr. eng.º Vargas Moniz, a assembleia geral da empresa, ontem reunida, escolheu a quotista Sacor e não, como por lapso foi noticiado, o sr. embaixador Calvet de Magalhães.

Actividades da C.O.P.R.A.I.

Na sede da Associação Industrial Portuguesa, organizados pela sua Comissão de Produtividade — C. O. P. R. A. I., vão realizar-se dois cursos de formação para dirigentes e quadros, sob os temas: «A contabilidade industrial e a redução de custos», de que são monitores os srs. dr. Acácio Magro e eng.º Amadeu Pires, nas tardes dos dias 27 de Janeiro a 11 de Fevereiro, das 17 ás 20 e 30 e «A condução de reuniões», nas manhãs dos dias 3 a 8 de Fevereiro, sob a orientação do sr. eng.º Reis Santos.

Este último curso repete-se no Porto nos dias 24 a 27 de Fevereiro das 10 ás 13 e das 15 ás 18 horas.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DO COMÉRCIO
JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

VENDA DE MIUDEZAS E MIOLEIRAS DE PORCO

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários torna público que recebe propostas, em carta fechada e lacrada, para a venda de miudezas de porcos abatidos por seu intermédio, no Matadouro Municipal de Lisboa-Olivais, para o que presta os seguintes elementos:

1 — Recepção das propostas:

até às 12 horas do dia 31 do corrente, para as miudezas e mioleiras produzidas durante o mês de Fevereiro de 1969;

até às 12 horas do dia 20 de Fevereiro p.º f.º, para as miudezas e mioleiras produzidas durante o mês de Março de 1969;

até às 12 horas do dia 20 de Março p.º f.º, para as miudezas e mioleiras produzidas durante o mês de Abril de 1969.

2 — Abertura das propostas:

far-se-á na J. N. P. P. — R. Castilho, 20, Lisboa — na presença dos concorrentes que a ela desejarem assistir, às 15 horas do dia da recepção.

3 — As ofertas relativas a miudezas devem referir-se ao quilograma de carcaça, na base dos pesos médios de 75 e 120 quilogramas, respectivamente para porcos tipo-carne e tipo-gordura (alentejanos).
As ofertas relativas a mioleiras que vão vendidas à parte, devem indicar o preço por unidade.

4 — Entende-se por **miudezas** o conjunto de fressura (incluindo os rins), desventre, cabeça e mãos, quando se trate de porcos tipo-carne. As miudezas dos porcos tipo-gordura não incluem a cabeça nem as mãos.

5 — As propostas devem, portanto, mencionar separadamente dos preços para miudezas de porcos tipo-carne, miudezas de porcos tipo-gordura (alentejanos) e mioleiras.

6 — As rejeições totais ou parciais das peças que compõem as miudezas, não conferem direito a qualquer dedução nos preços de venda desde que a carcaça haja sido aprovada para consumo.

7 — As propostas são dirigidas à J. N. P. P., Rua Castilho, 36, onde se prestam todos os esclarecimentos complementares.

8 — A recepção das propostas será antecedida do depósito provisório de 10 000$00, que em caso de adjudicação será corrigido para 20% do valor da adjudicação. Estes depósitos poderão ser substituídos por garantia bancária de igual valor.

9 — Só serão consideradas as propostas dos concorrentes que façam prova da sua inscrição na Corporação do Comércio

Lisboa, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, em 23 de Janeiro de 1969

Pel'O PRESIDENTE
Mário de Oliveira
(Vice-Presidente)

TERRENO
COM OU S/ PROJECTO
COMPRA
SEM LIMITE DE PREÇO
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 209

PRÉDIO
BENFICA
Bem situado, construção cimento armado, composto de 8 inq., hab. de 5 div. RENDE 75.600$. PREÇO 1350 contos. TODO ALUGADO COM RENDAS BAIXAS.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

RESTAURANT SNACK E CAFÉ
LAS VEGAS
(À Praça de Londres, 6-A — Telef. 720339 — LISBOA
NOVA GERÊNCIA
AMBIENTE FAMILIAR — ESMERADO SERVIÇO

DESPORTO

O Vitória de Setúbal entre os favoritos da Taça das Feiras-1969

Com a sua «vitoriosa-derrota» de ontem, em Florença, a equipa do Vitória de Setúbal passou aos quartos-de-final da Taça das Cidades com Feira, o que equivale para já, à melhor carreira de qualquer equipa portuguesa naquela competição. E lembremos que, além de uma anterior (e descolorida) presença do Vitória, já concorreram à prova formações do F. C. Porto, Belenenses, Sporting, Benfica, Leixões, Académica e Desportivo da C.U.F.

A forma como decorreu o jogo de ontem, em Florença, de que ja relatámos numa das nossas edições de ontem, mostrou-nos duas faces na equipa de Setubal: primeiro, algo enervada e confundida pela categoria do adversário, que se lançou, com uma velocidade e um ardor impressionante, á tarefa de recuperar o atraso de três golos com que partira de Lisboa. Chegando a 2-0, ainda na primeira parte, e desfrutando de várias outras oportunidades de marcar, os italianos chegaram a parecer a caminho de uma recuperação sensacional e o próprio publico se terá convencido que, afinal, a equipa portuguesa não confirmava o valor sugerido pelo resultado da primeira «mão» e iria sofrer estrondosa derrota.

O intervalo foi, no entanto, altamente benéfico para a aequipa portuguesa. A entrada de Tomé (para a posição de Herculano) e, mais tarde, de Vitor Baptista (substituindo Figueiredo), além da melhor organização e do ânimo que o treinador Fernando Vaz terá transmitido á equipa — de tudo isto resultou um Vitória diferente, mais verdadeiro. O que também se tornou possível pela vertical queda do grupo florentino, incapaz de manter o impressionante «ritmo de jogo» da primeira parte. O Vitória não sofreria mais golos e acabaria mesmo, por reduzir a desvantagem, já no período de «desconto de tempo». E tão merecido como o 2-0 dos italianos ao cabo da primeira parte foi o 1-0 dos portugueses após o intervalo.

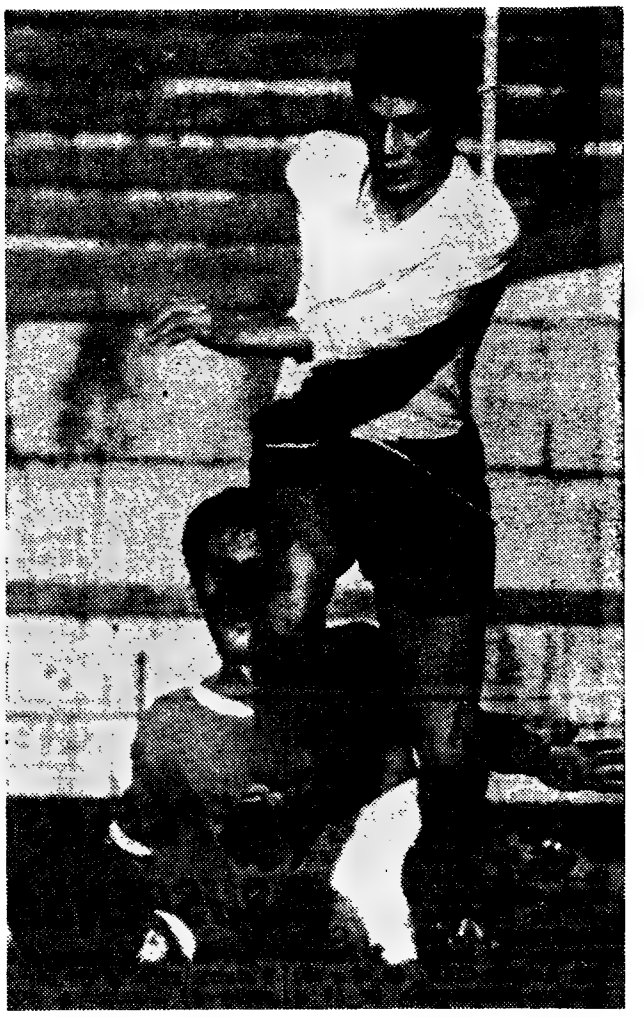
Com 3-0 em Lisboa e 1-2 em Florença, o Vitória eliminou o «leader» do campeonato de Itália. E passava a ser, sem duvida, um dos favoritos da Taça das Feiras de 1969.

*

Para os quartos-de-final estão já apurados, além do Vitória de Setubal, os ingleses do Newcastle, os escoceses do Glasgow Rangers e os alemães do Hamburgo A caminho da qualificação está outra equipa inglesa, a do Leeds, justamente a vencedora da ultima edição da Taça das Feiras. Falta-lhe disputar o segundo jogo com o Hannover, mas já alcançou um triunfo tranquilizador: 5-1. Quase o mesmo acontece com os jugoslavos do O. F. K., de Belgrado, que venceram por 3-1 os turcos do Gozkpe, na primeira «mão», na capital jugoslava. Mais duvidosa a qualificação do Atlético de Bilbau que, em Espanha, venceu apenas por 1-0 os alemães do Eintrecht.

Da eliminatória Legia (da Polónia) - Ujpest (da Hungria) ainda não se disputou qualquer encontro.

Como se verifica há excelentes equipas interessadas nesta fase derradeira da prova. Mas o Vitória, pelo que já fez, está sem duvida entre os principais favoritos



Sob as vistas do dr. David Sequerra, prosseguiu ontem a preparação dos seleccionados juniores.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

U. Tomar-Braga	1
Belenenses-Setubal	1
C. U. F.-Atlético	1
Guimarães-Sporting	1
Covilhã-Famalicão	2
Espinho-Beira Mar	X
Leça-Salgueiros	2
Valecamb.-T. Novas	X
Peniche-Barreirense	X
Sintrense-Lusitano	2
Seixal-Montijo	1
Luso-Oriental	X
Sesimbra-Torriense	X

CURSOS DE NATAÇÃO

No Clube Nacional de Natação encontram-se abertas as inscrições para as crianças e adultos que queiram frequentar os cursos de natação promovidos por aquele clube e que se iniciam a 1 de Fevereiro.

As sessões de ensino decorrerão na piscina municipal (aquecida) da Avenida de Roma.

DOMINGO: SORTEIO EM ZURIQUE

No domingo, em Zurique realiza-se o sorteio dos jogos correspondentes aos quartos de final da Taça das Cidades com Feira em que está interessada uma equipa portuguesa: a do Vitória de Setubal.

BOB FOSTER REVALIDOU O SEU TÍTULO MUNDIAL

NOVA YORK, 23 — (R.) — O campeão mundial dos «meios-pesados», o americano Bob Foster, manteve a noite passada o seu título ao derrotar por «K.O.» técnico o seu compatriota Frank De Paula aos 2 m. e 17 s. do 1.º «assalto» do seu combate que se travou no Madison Square Garden. O combate era de 15 «assaltos».

Foster derrubou por três vezes o pretendente logo no primeiro «assalto» e o combate foi suspenso pelo árbitro Johnny Lo Bianco, agindo nos termos dos regulamentos da Comissão de Pugilismo do Estado de Nova York. Nos termos desses regulamentos, três «knock-downs» num «assalto» terminam automàticamente um combate.

O mais curioso do combate foi que o campeão, 30 segundos depois de ter começado a luta, foi derrubado por De Paula. Após a contagem obrigatória de oito, reagiu e, então, foi a vez do pretendente ir três vezes ao tapete, após o que o árbitro atribuiu a vitória a Foster.

PROTESTO DE ESPANHA CONTRA O ARBITRO DO ENCONTRO LEGRA-FAMECHON

MADRID, 23 — (F. P.) — Robero Duque, presidente da Federação Espanhola de Boxe, anunciou que vai pedir ao World Boxing Council a suspensão por toda a vida de George Smith, o árbitro do encontro Legra-Famechon na terça-feira, em Londres, para o título mundial dos «meios-leves», encontro em que Famechon foi proclamado vencedor.

«Vamos pedir á TV espanhola o filme do combate e juntá-lo-emos ao processo que vamos enviar ao World Boxing Council. Será a melhor forma de provar o carácter escandaloso da decisão» — salientou Duque, que anunciou ter a Federação espanhola a intenção de pedir um encontro-desforra entre Famechon e Legra. No entanto, pensa que Famechon dificilmente aceitará voltar a combater com Legra. A Federação espanhola desejaria que o combate se travasse na próxima Primavera em Madrid, na praça de touros, que pode contar 25 mil espectadores.

Pela sua parte, os vespertinos espanhois consagram a sua primeira página aos comentários sobre o combate Legra-Famechon. «Triste noite. Prendam esse árbitro. Ao segundo «assalto» já Legra combatia com um dedo partido — escreve em título o conservador «Madrid» «Roubo no Royal Albert Hall» — sentencia o «Pueblo», orgão dos sindicatos. «Famechon foi atirado quatro vezes ao tapete sem que o árbitro contasse» — afirma o «Pueblo», que acrescenta, no entanto, que Legra fez mau combate. «Informaciones», independente, é de parecer que o empate teria sido mais equitativo e, finalmente, o falangista «El Alcazar» afirma: «Aguardamos a desforra com total confiança.»

Em Porto Alegre

JOGO A 8 DE ABRIL — SUGESTÃO DO BENFICA

Em face da decisão ministerial de autorizar a deslocação do Benfica ao Brasil desde que os seus jogadores seleccionados estejam de regresso no dia 10 de Abril, a direcção dos «encarnados» vai tentar junto dos organizadores a antecipação para o dia 8 do jogo que a equipa benfiquista tem de disputar em Porto Alegre.

Convencido de que este propósito possa vir a ser concretizado, a direcção do Benfica ainda não definiu qual o seu comportamento se porventura os organizadores do jogo não aceitarem essa sugestão.

Sanjoanense-Benfica dia 29, pelas 15 horas

Decisões da Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião de ontem:

1.ª — Tomar conhecimento de que, por despacho ministerial de 20 do corrente, de acordo com o parecer da Federação, de 20 de Novembro de 1968, foi autorizada a deslocação do Sport Lisboa e Benfica a Porto Alegre (Brasil), desde que os jogadores convocados para preparação das equipas nacionais (A e Promessas) estejam de regresso no decorrer do dia 9 de Abril para poderem entrar em estágio, cujo início se mantém marcado para o dia 8, ainda nessa noite ou, o mais tardar, na manhã de 10, a fim de poderem, já nesse dia, participar na preparação das equipas nacionais;

2.ª — Homologar a proposta do seleccionador nacional de juniores, dr. David Sequerra, no sentido de nomear treinador da selecção nacional o sr. Francisco Polido;

3.ª — Marcar o jogo Associação Desportiva Sanjoanense-Sport Lisboa e Benfica, anulado por acórdão do Conselho Jurisdicional da F. P. F., para quarta-feira, dia 29 de Janeiro corrente, pelas 15 horas, no Estádio Conde Dias Garcia, em São João da Madeira.

●

Os jogadores alcantarenses Fagundes, Murraças, José Luís e Candeias têm comprometida a sua inclusão na equipa que no domingo se desloca ao Lavradio. Motivo: as doenças dos dois primeiros e as lesões dos dois ultimos, não apresentam uma sintomatologia que permita pensar na sua recuperação até domingo, o que ainda torna mais difícil a possibilidade de uma recuperação da turma alcantarense.

●

Assente a realização de segundo encontro entre as «esperanças» do Norte e do Sul, no dia 5 de Fevereiro, no Porto, o seleccionador nacional dr. José Maria Antunes, mantém em observação os jovens futebolistas que poderão vir a integrar as duas equipas.

●

Apresenta-se problemática a inclusão de Laurindo na formação do Belenenses, que no domingo defrontará o Vitória de Setubal.

●

Os sportinguistas Hilário e José Carlos não participarão no desafio que o Sporting disputará no domingo em Guimarães.

O primeiro já deverá iniciar a sua preparação na próxima semana enquanto o segundo deverá manter-se inactivo durante algumas semanas.

●

Com um treino contra um misto do Benfica terminou ontem o curto estágio, nas instalações do I. N. E. F. dos futebolistas juniores escolhidos pelo dr. David Sequerra para formar a selecção de Portugal.

Orientou a sessão o técnico Francisco Polido e as equipas apresentaram as seguintes formações:

Selecção — Vítor Manuel (Sporting), depois Matos (F. C. Porto); Lino (Vitória de Setubal), Carolino (Benfica), depois Tomás (F. C. Porto), Barbosa (Boavista) e Jacinto (Benfica), depois Laranjeira (Sporting); Helder Ernesto (F. C. Porto) e Serafim (Belenenses), depois Ratinho (F. C. Porto) e Rachão (Benfica), José Manuel (Benfica), depois Ratinho, João Machado (Sporting), Vítor Manuel (Marinhense), depois Celestino (Sporting) e Belo Gonçalves (Portalegrense), depois José Manuel

Misto do Benfica — Abrantes (Louro); Armando, Leal, Raul e Tomás; Vítor Martins e Nené (Louceiro); Pavão (Olegário), Pinheiro, Raul Águas e Guta (Armando).

Também os juvenis treinaram contra uma equipa formada por alunos do I. N. E. F. empatando a dois golos.

Está previsto novo treino para o dia 29, provàvelmente no Estádio da Luz, para o qual vão ser convocados 18 jogadores. A lista dos 25 futebolistas que provàvelmente defrontarão a Itália será entregue na F. I. F. A. no dia 1 de Fevereiro.

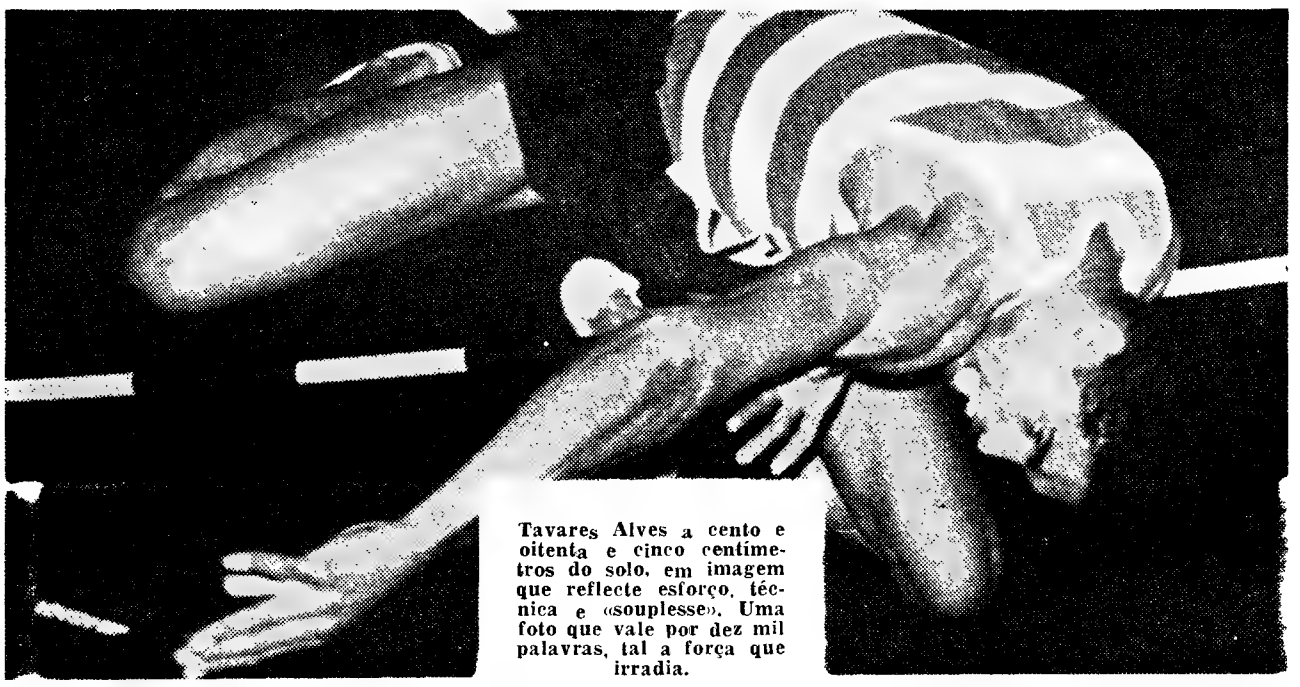
NO «NORTE DESPORTIVO» DE HOJE, AS PRIMEIRAS NOVIDADES DO ANO EM AUTOMOBILISMO APRECIADAS EM BRUXELAS POR UM ENVIADO ESPECIAL

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE AVEIRO

Uma portaria do Ministério das Obras Publicas, hoje publicada no «Diário do Governo», tendo em conta que se encontra concluída a construção do edifício do Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro, ordena que este seja entregue á Direcção-Geral da Fazenda Publica e simultaneamente cedido ao Fundo de Fomento do Desporto.

Giannini
NÃO SERA PARA TODOS
MAS SERÁ PARA SI
DIA 27 IDENTIFICA-SE

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO



Tavares Alves a cento e oitenta e cinco centímetros do solo, em imagem que reflecte esforço, técnica e «souplesse». Uma foto que vale por dez mil palavras, tal a força que irradia.

HOJE, À NOITE

ANDEBOL — No Pavilhão da Ajuda. Jogos do Campeonato de Lisboa da II Divisão: Cova da Piedade-C.D.U.L.; ás 20 e 30; Boa Hora-Vendedores de Jornais, ás 21 e 45; Encarnação-C.N.O.C.A., ás 23 horas.

— No Pavilhão do Campo de Ourique. Jogos do Campeonato de Lisboa de Juniores: Almada-C.I.F., ás 19 e 45; Benfica-Encarnação, ás 20 e 45; Campo de Ourique-Passos Manuel, ás 21 e 45; Sporting-Belenenses, ás 22 e 45.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão Feminino: Sporting-Atlético, ás 21 e 15, no Pavilhão da Ajuda; Barreirense-Ferroviário, ás 21 e 30, no ginásio do Barreirense.

TÉNIS DE MESA — Jogos do Campeonato de Lisboa de Seniores:

I Divisão: Ávila-C. Católico, Paço de Arcos-Intendente, Sporting-Belenenses e G. I. P. A.-Benfica.

II Divisão: Amoreiras-Combatentes, Arte e Sport-Académica da Amadora, Armadorense-Lisgás e Rodrigues Cordeiro-Ateneu

III Divisão: Económicos-Estrela da Amadora, Atlético do Cacém-Mirantense, Desp. Operário-S. L. Aguias e Moscavide-Rec. Apolo.

Promoção: Arroios-Andorinha, Cimentos Tejo-Carregado, Casa Pia-Clube de Badminton e Mem Martins-Desp. da Graça.

VOLEIBOL — No Pavilhão do Estádio Universitário. Jogos do Campeonato de Lisboa de Juniores: C. D. U. L.-Nacional de Ginástica, ás 21 e 30.

CASTIGOS DA FEDERAÇÃO:

REPREENSÕES A 3 ALCANTARENSES SUSPENSÃO DO TÉCNICO TEIXEIRA

A Federação Portuguesa de Futebol através do seu Conselho de Disciplina, aplicou ontem á noite os seguintes castigos:

JOGADORES — 1.ª Divisão — Fernando Mendes, José Pinhal e José Murraças, todos do Atlético, repreensão por escrito, por discutirem as decisões do árbitro.

2.ª Divisão — Momade Selamane (Spt Espinho) e José Pedro Gomes (Seixal), 3 jogos de suspensão, a cada por agressão a um adversário; José Alcobia (Spt. Espinho) e J. Ferreira (Alhandra), 2 jogos de suspensão, a cada, por desrespeito ao árbitro, agravado por ser capitão da equipa e por jogo perigoso sistemático, respectivamente José Teixeira (Sp. Espinho) e José Moreira (Tirsense), 1 jogo de suspensão a cada, respectivamente por atitudes de desacordo com decisões do árbitro, agravado por sucessão de faltas e por atitude de desrespeito para com o fiscal de linha; Manuel Ribeiro (Spt. Espinho), Fernando Eugénio (Seixal), José Gaiolas (Luso), António Marques (Sintrense), Acrísio Pinto e Vítor Mega (ambos do Sesimbra), repreensão por escrito, a cada, por desacordo com decisões do árbitro; Carlos Nogueira («Leões») e Alfredo Silva (Leça), repreensão por escrito, a cada, respectivamente, por faltas leves, no que é reincidente e atirar a bola para longe, propositadamente, para demorar tempo; Manuel Silva (Spt. Espinho), advertência, por faltas leves.

3.ª Divisão — Manuel dos Santos (Cetoricense), 6 jogos de suspensão, por agressão a um adversário, agravado por sucessão de faltas; Carlos Serrano (C. Branco) e João Nogueira (U. Sport), 1 jogo de suspensão, a cada, por gestos de ameaças de agressão a um adversário; Aurélio Melo (Chaves), repreensão por escrito, por faltas leves, no que é reincidente.

TREINADORES — António Teixeira (Tirsense), 15 dias de suspensão e multa de 250 escudos, por palavras incorrectas dirigidas á equipa de arbitragem.

MASSAGISTAS — Francisco Ribeiro (Desp. Aves), 15 dias de suspensão e multa de 250$00, por dar instruções ao jogadores, durante o jogo.

DIRIGENTES — António Bobone (Desp. Bragança), 18 meses de suspensão, por injurias aos componentes da equipa de arbitragem.

CLUBES — Desportivo de Sesimbra, Oliveirense, Odivelas e Lusitano de V. R. de Santo António, multa de 250 escudos, a cada, ao primeiro por demora na entrada em campo, após o intervalo, no que é reincidente, e aos restantes, por arremesso de objectos sem molestar a equipa de arbiragem.

ATLETISMO

TRÊS «RECORDS» NACIONAIS E OUTRO IGUALADO NA REUNIÃO DE PISTA COBERTA

No pavilhão gimnodesportivo do Estádio Universitário, disputou-se, ontem á noite, o segundo torneio de pista coberta, organizado pela associação de atletismo de Lisboa.

No decorrer da sessão, que se prolongou por mais de três horas, devido á enorme quantidade de participantes ás várias provas, distribuídas pelas três categorias — juvenis, juniores, e seniores — foram estabelecidos três novos «records» nacionais e igualado outro.

Foram autores destas proezas: os juvenis António Castro (U.), com 3,10 m. no salto com vara; e José Miguéis (Bel.), com 6,14 m no salto em comprimento; os juniores: José Morais (Bf.), com 52,7 s. nos 400 metros e Maria Amélia Carriço (Vit. Set.), 7 s. nos 50 metros.

Na sessão registaram-se ainda outros bons resultados, tais como: no peso (feminino) Adília Silvério (Sp.), 11,17 m.; no salto em altura (masculino) Tavares Alves (Sp.), 1,85 m.; Cumura Imboá (Bf.), 7,2 s. nos 50 metros barreiras, e Fernando Silva (ind.), 6.2 s. nos 50 metros.

Eis os resultados:

50 m. barr. (juniores e seniores) — Cumura Imboá (Bf.), 7,2 s.

Vara (juvenis) — António Castro (U.), 3,10 m.

50 m. (juniores e seniores femininos)—Dominique Daupias (Sp.), 7,1 s.

50 metros (juniores femininos) — Maria Amélia Carriço (Vit.), 7 s.

50 metros (juvenis) — Fernando Silva (ind.), 6.2 s.

Comprimento (juvenis) — José Miguéis (Bel.), 6,14 m.

400 metros (juniores e seniores) — José Morais (Bf.), 52,7 s

Peso — (juniores e seniores) — Adília Silvéria (Sp.), 11,17 m.

1500 metros (juniores e seniores) — António Silvestre (Mosc.), 4 m. 23.8 s.

Altura — (juniores e seniores) — Tavares Alves (Sp.), 1,85 m.

4×2 voltas — C D U. L., 2 m. 49,3 s

O benfiquista José Morais completa os 400 metros estabelecendo novo máximo da categoria.

Acontecimentos DE ONTEM

Andebol

Realizou-se ontem na Federação Portuguesa de Andebol, o sorteio dos jogos referentes ao Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, daquela modalidade, que se inicia no dia 8 de Fevereiro.

O calendário dos jogos ficou assim estabelecido:

1.ª jornada — 1.º de Lisboa-2.º de Lisboa, Aveiro-Setubal, 1.º do Porto-2.º do Porto.

2.ª jornada — 2.º de Lisboa-Aveiro, 2.º do Porto-1.º de Lisboa e Setubal-1.º do Porto.

3.ª jornada — 1.º do Porto-2.º de Lisboa, 1.º de Lisboa-Aveiro e Setubal-2.º do Porto.

4.ª jornada — 2.º de Lisboa-Setubal, 1.º do Porto-1.º de Lisboa e Aveiro-1.º do Porto.

5.ª jornada — 2.º do Porto-2.º de Lisboa, 1.º de Lisboa-Setubal e Aveiro-1.º do Porto.

No Porto, a contar para o «Regional» da 1.ª Divisão: Vigorosa, 22-Senhora da Hora, 17 e Leça, 17-C. D. U. P., 12. Juniores: Académico, 11-Padroense 13.

Voleibol

No Porto, os jogos disputados ontem proporcionaram os seguintes resultados: Oliveirense, 3-Ginásio de Santo Tirso, 0 (1.ª divisão); Esmoriz, 3-B. P. M., 1 (2.ª divisão)

Ténis de mesa

Jogo de juniores, disputado no Porto: F. C. Porto, 5-Alvinegro, 0.

Badminton

Decorreu ontem, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves mais uma jornada do Campeonato de Lisboa de Badminton (1.ª categoria), cujos resultados foram os seguintes:

Singulares-Homens — José Novais (C. I. F.)-Francisco Lemos (C. I. F.), 2-0 (15-6 e 15-8); Tavares Carvalho (L. Ginásio)-Luís Barroso (Benfica), 2-0 (15-4 e 15-3); Vilfredo Ribeiro (C. I. F.)-Pedro Azevedo (L. Ginásio), 2-0 (15-2 e 15-2); Francisco Lemos (C. I. F.)-Luís Barroso (Benfica), 2-0 (15-3 e 15-4); José Bento (Benfica)-Vilfredo Ribeiro (C. I. F.), 2-0 (17-15 e 15-11); José Novais (C. I. F.)-Tavares de Carvalho (L. Ginásio), 2-0 (15-8 e 15-5); Tomás Matoso (C. I. F.)-Gomes da Silva (L. Ginásio), 2-0 (15-7 e 15-5).

Pares-Mistos — Peghy Cohen-Pinto Alves (C. I. F.)-Helena Dias-Marques da Costa (Benfica), 2-0 (15-10 e 15-10; Isabel Rocha-José Azevedo (Benfica)-Cecília Geirinhos-Alegre dos Santos (C. B. L.), 2-0 (15-3 e 15-5)

BASQUETEBOL FEMININO

Na Tapada da Ajuda, efectuaram-se ontem mais dois encontros que contavam para o campeonato nacional feminino de basquetebol. Resultados: Vitória de Setubal, 24-C. U. F., 18; Nacional, 33-Benfica, 44 e Atlético da Encarnação, 27-Internacional, 40. A imagem diz respeito a este ultimo jogo: com o seu êxito, o Internacional «grudou-se» ao Benfica no comando da classificação

Acto de posse no F. C. do Porto

Na sede do F. C. Porto, em cerimónia a que estiveram presentes o sr. Afonso Pinto de Magalhães, presidente do clube e o director sr. Henrique de Carvalho, foram investidos nos seus cargos os dirigentes da secção de hóquei em patins do F. C. Porto, que fica assim constituída: Jorge Pinto da Costa (chefe da secção), Garrido Silva, António Andrade, Arlindo Sousa e Isidro Costa (seccionistas), Laurentino Soares (treinador de seniores), António Brito (treinador de juniores) e Manuel Correia de Brito (treinador das escolas de jogadores)

NATAÇÃO

Em Wurzburg as provas masculinas da Taça da Europa

MUNIQUE, 23 — (F. P.) — A Federação de Natação da Alemanha Ocidental decidiu ontem confiar á cidade de Wurzburg a organização das provas masculinas da Taça da Europa.

A competição foi marcada para 23 e 24 de Agosto.

4.067 contos (do Totobola) ganhos... por correspondência

Esta imagem assinala o momento em que — na dependência do Banco Totta-Aliança na Cova da Piedade — se procedia ao pagamento do maior prémio conquistado no Totobola: 4.067.944$20! Recebeu-o o sr. António da Assunção Pinto que, na passada segunda-feira, chegara da África do Sul, onde reside há três anos. Pois mesmo de tão longe, enviando os seus palpites na correspondência para a família, o afortunado emigrante foi o único totalista do concurso do dia 22 de Dezembro último... Na foto: o sr. Assunção Pinto com o seu sogro

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje—A BRIGADA DO DIABO—S. Jorge —O BOM, O MAU E O VILÃO—Avis e Politeama

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 21.30 — ESTREIA
Uma explosão de violência num novo tipo de «western»!
O BOM, O MAU E O VILÃO
com Clint Eastwood, Lee Van Cleef e Eli Walach
TECHNICOLOR — SCOPE

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
TECHNICOLOR
Metro: Picoas

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Real. Carol Reed
com Rod Moody — Mark Lester Oliver Reed e Shany Wallis
OLIVER!
70 mm — Technicolor

LIDO
Tel. 93 75 93 AMADORA
(M. 12 anos) Às 21.30 h.
Cantinflas é pistoleiro!
Cantinflas é «cow-boy»!
Cantinflas é explosivo!
AS MINHAS PISTOLAS

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
A QUEIMA-ROUPA
LOUCO POR GAROTAS

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
NO CALOR DA NOITE
DOIS ANJINHOS NA RIVIERA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
SELVAGEM É O VENTO
com Anthony Quinn e Anna Magnanni

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 21.30 — ESTREIA
A BRIGADA DO DIABO
com William Holden, Cliff Robertson e Vince Edwards
Às 15.15 e 18.15 — CAÇADORES DE ESCALPES (M. 17)

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
EXCEPCIONAL ÊXITO!
Grandiosa e arrebatadora evocação do terrível Egipto dos Faraós
RAINHA DO NILO
com Jeanne Crain e Edmund Purdom
Totalescopio Eastmancolor

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Uma mulher descobre o amor...
RAQUEL, RAQUEL

ALVALADE
Às 15.45 e 21.45
(Adultos) Tel. 763080
3.ª SEMANA
Extraordinário filme de Paul Newman
com Joanne Woodward e Estrella Parsons
RAQUEL, RAQUEL

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779097
2.ª SEMANA
Às 18.30 e 21.45
Um filme de Jacques Daniel-Valcroze
LE VIOL — o desconhecido desejado
com Bibi Andersson e Bruno Cremer
EASTMANCOLOR

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
A comédia das situações incríveis!
O MARIDO É MEU MATO-O QUANDO ME APETECER
TECHNICOLOR
com Catherine Spaak e Hugh Griffith

POLITEAMA
Tel. 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
ESTREIA SENSACIONAL
O tremendo filme de brutal acção realista
O BOM, O MAU E O VILÃO
com o famoso Clint Eastwood
Scope-Color (Adultos)
HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA com Gina Lollobrigida (Adultos)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Anthony Perkins, Maurice Ronet e Yvone Furneaux
CHAMPAGNE ESCANDALOSO

ESTÚDIO
(M. 12 anos)
Às 15.30 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, Deborah Kerr, James Mason e Greer Garson
JÚLIO CÉSAR
Dia 24: O Leopardo (Adultos)

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
ESQUADRILHA DE ATAQUE
Cinemascope - Technicolor
Toda a verdade de uma guerra vista pelo lado dos vencidos

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 5 05 95
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
UM FILME NOTÁVEL
que criou uma fórmula nova de «suspense»
O ESTRANGULADOR DE BOSTON
c/ Tony Curtis, Henry Fonda e George Kennedy

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
FERAS ASSASSINAS
ACORDA QUERIDA

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
5.ª SEMANA
70 mm — no «écran» gigante
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier
QUINZENA OBRAS-PRIMAS
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O LEOPARDO, de Luchino Visconti, com Burt Lancaster, Claudia Cardinale, Alain Delon, etc.
Dia 27: OS CONTOS DA LUA VAGA (Adultos)

CONDES
Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
(Adultos)
Às 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
O amor desvairado de uma mulher no outono da vida e o egoísmo atroz de um jovem que a desdenha!
24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER
com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
HAWAII
com Julie Andrews e Max Von Sidow

LUMIAR
(M. 17 anos) Telef. 791574
Às 21.30
CAMINHO PARA DOIS
com Audrey Hepburn e Albert Finney
Parque privativo — Ar condicionado

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia internacional» (12 anos)

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A Preguiça» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «O cântico do corne» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A Loba Solitária» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «A estrada de Corinto» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Um homem chamado Gringo» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «O rapaz e o touro» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Pele de espião» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Londres é de gritos» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «A morte espera em Atenas» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «A Ponte do Rio Kwai» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 30: «A Rainha Vikings» (12 anos).
CINE-UNIVERSAL — Às 21: «O último desafio» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «Um espião chamado Solo» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Os corruptos» e «Viuvo alegre» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Selvagem é o vento» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Não sou digno de ti» (12 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21.: «Os dois toureiros» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Olho por olho» e «Objectivo... Paris» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORIVOS — Às 21 e 15: «A noite é perversa» e «O último espião» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Páginas íntimas» e «O final secreto de d'Artagnan» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Todos as noites ás nove» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Os 3 super-homens» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Quando d'go que te amo» (17 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Bandidos em Milão» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «A vida de um gangster» e «Sepultado vivo» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «A chave» (17 anos).

RECINTOS DE DIVERSÕES

* O actor Carlos Coelho está a organizar um *show* com objectivo de se deslocar ao Ultramar nos meses de Agosto e Setembro.
* O artista António Mourão deve deslocar-se em breve á América do Norte, muito embora continue de pé a possibilidade de ingressar numa companhia teatral.
* Continuam em digressão pelos Estados Unidos os artistas Mafalda Sofia, Tristão da Silva e Jorge Fontes.
* Encontra-se no Brasil a cumprir um contrato a cantadeira Ada de Castro.
* *Parte na próxima quarta-feira para o Brasil a cantadeira Maria Valejo*
* Regressaram a Lisboa os artistas Manuel Mendes e António Proença que acompanharam os artistas Ana Hortense e Fernando Farinha na sua digressão á África do Sul.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) * Aeroporto Av. Gago Coutinho, lote 101-D (á Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) — (721409)
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabroso, 235-A (á Alameda) (728277).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D-E, (771661) * Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) * Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av Rovisco Pais, 32-A-B (534027).
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478).
ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326575).
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (611454).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704888) * Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) * J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (780969).
CAMÕES — Sanitas, Pr Luís de Camões, 24 (322798)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) * Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) * Urbano, de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838).
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (428229)
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) * Mota Capitão, Rua de São Félix, 45-A (660720).
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiros (790969).
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 16 (862074) * Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340).
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Jan. Verdes, 90 (662327)
LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 77 (790480).
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal Av. da Liberdade, 219 (43641).
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro, Ruas 7-C Olivais-Norte (315539) * Antunes Rosas, R. C, 1 Lote 199 Olivais-Sul (313610)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (T. P. P. C. 728395-720703).
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (761035).
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz 10-A (á Encosta do Restelo) (612248).
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R da Junqueira, 326 (638198).
* Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) * Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç D Gastão, 30-32 (381279)
S. BENTO — Fenix, R. da Cruz, dos Poiais, 52 (678531).
MOSCAVIDE — St.º Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 75-A (Tel. 2511234).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 — Telef 212081)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Aizu — Av Gago Coutinho — Bairro dos Caixas (2472948)
ESTORIL — Lopes — R. Hangar, 3 (Tel 260008)
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261186).
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento '9, 4' (Tel 280141).
Cascais, Rua Conde de Monte Real, Bairro Caixas (282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cevaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel 932485); Confiança — Av D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel 938'49)
DAMAIA — Confiança, Est Militar, lote D (971023).
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117), Simões Lopes, Av Elias Garcia, 5' (Tel 950123).
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes, (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (980058)
COLARES — Colares, Abreia — (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, '0 (234'37).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. do Belo Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R Fernão Lopes, 1 (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima Est Nacional 221-B (224'41).
BARREIRO — Avenida, Av Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356)
MOITA — União Moitense, Av. dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel 230035).
SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Tel 229471).
SETUBAL — Soromenho — P Machado Santos (Tel. 22691); Alice — P do Quebedo (Tel 23743).
SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho 38 (22 8560.

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla, 538821 * Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.) 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DIPLOMADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

PASTELARIA FÓIA
RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIA

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE

TIQUE TAQUE
AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERÊNCIA
AVENIDA DE ROMA, 29-B
TELEF. 777723

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
Diáriamente várias especialidades
AMADORA—Telef 939191/2
QUELUZ—Telef 951611

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santana)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de Renascença Gráfica, S A R L
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa 2 Portugal

DEVIDO AO NEVOEIRO

PARALISAÇÃO DOS «CACILHEIROS» E AVIÕES DESVIADOS DA PORTELA

O nevoeiro desta manhã impediu aterragens no aeroporto da Portela e obrigou a suspender as carreiras dos «cacilheiros» entre Cacilhas e Cais do Sodré. Por medida de segurança, as ligações entre as duas margens do Tejo ficaram reduzidas ás carreiras Terreiro do Paço-Cacilhas. Milhares de pessoas recorreram aos transportes rodoviários, pela ponte sobre o Tejo.

Aviões procedentes de Luanda, Rio de Janeiro, Montreal e Nova York divergiram para o aeroporto de Faro, enquanto outros — vindos de Curaçau e Nova York — eram desviados para o aeroporto de Barcelona. Todos os aviões que se encontravam em pista conseguiram, no entanto, levantar voo.

Todavia, o nevoeiro não foi tão intenso que impedisse o movimento na barra.

— Os barcos têm entrado e saído — informaram os pilotos da barra. — *Isto* pode abrir num momento ou cerrar-se mais e mais.

De vez em quando

Pois é verdade. Foi um êxito. Segundo notícia vinda de lá «as palmas foram abafantes» (sic). Já estamos, aliás, habituados a estes triunfos de Amália além fronteiras. O que nos surpreende agora é o facto dele se ficar a dever quase exclusivamente (segundo se depreende da tal notícia) ao facto de Amália ter cantado, em Cannes, o popular «Vou dar de beber á dor». Estes franceses tiveram sempre o condão... Querem ver que eles se aperceberam do verdadeiro sentido da letra? E ficamos a pensar que o êxito seria dobrado se, em vez de Mariquinhas, a figura principal do poema fosse uma Suzette qualquer, mesmo sem tabuinhas nas janelas da sua mansarda de Pigalle.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS DO AR ÀS HORAS DE HOJE — Porto, 10°; Penhas Douradas, 6°; Coimbra, 10°; Portalegre, 12°; Lisboa, 9°; Faro, 12° e Funchal, 14°.

Em Portugal Continental, o céu estava muito nublado ou encoberto e havia nevoeiro em muitas regiões do País; o vento era fraco de Sueste.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 10°,5; na água do mar, 13°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Centro e Sul; vento fraco; neblina ou nevoeiros matinais.

Amanhã
Nascer ás 8 e 50
Ocaso ás 18 e 49

Dia 25 Dia 2 Dia 10 Dia 16

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 23 — 8 (3,9 m); 20 e 28 (3,6 m). Dia 24 — 8 e 45 (3,7 m); 21 e 14 (3,4 m); Dia 25 — 9 e 37 (3,4 m); 22 e 08 (3,3 m). BAIXA-MAR: Dia 23 — 1 e 13 (1,1 m); 13 e 50: (1,2 m); Dia 24 — 1 e 58 (1,3 m); 14 e 37 (1,4 m). Dia 25 — 2 e 52 (1,6 m); 15 e 32 (1,6 m).

ISRAELITA APAIXONADA POR OMAR SHARIF

A israelita Ruth Bickel, de 23 anos, «folk singer», afirma estar apaixonada pelo actor egípcio Omar Sharif. «Já falámos da possibilidade do casamento», declara Ruth, que acrescenta: «Passamos todo o tempo juntos. Ainda não estamos noivos mas espero que isso aconteça um dia. Talvez em Abril». «Acho-a simpática», diz por seu turno, Omar Sharif, referindo-se a Bickel, o qual espera descobrir uma pessoa a quem possa «dedicar o seu amor». Ruth e Sharif encontraram-se há semanas atrás, em Porto Rico. Ele tomava parte na filmagem da película «Che» e ela estava a cantar na «boite» do hotel da cidade.

Ficarão a 300 metros do Palácio da Justiça as instalações da Radiodifusão Portuguesa

«As futuras instalações da Radiodifusão Portuguesa ficarão situadas a cerca de trezentos metros do Palácio da Justiça» — disse-nos, esta manhã, o director de programas da Emissora Nacional.

O edifício irá será visível da parte baixa da cidade, e «não quebrará a unidade arquitectónica da Avenida da Liberdade».

O projecto, do arquitecto Rodrigues Lima, terá de ser revisto, pois foi elaborado tendo-se em mente a Avenida Duarte Pacheco.

O «RALLYE» DE MONTE CARLO

(Continuação da 1.ª página)

equipa do carro 101 estava, nessa ocasião, ainda com oito minutos de tolerancia para gastar.

Dadas, porém, as condições em que a equipa participou, o facto de cumprir mais de metade do percurso comum deve, quanto a nós, considerar-se um feito.

Quanto ao desenrolar da competição pode dizer-se que a «Porsche» está na realidade instalada nos dois primeiros lugares, com os carros de Waldegaard e Elford.

Vinatier, no «Alpine-Renault», entretanto, foi o mais rápido no troço de 45 quilómetros de La Chartreuse aproximando-se perigosamente dos carros da casa de Estugarda, e está á frente do «Porsche» de Larrousse.

No ultimo troço cronometrado registou-se novamente a vitória de um «Porsche» (Elford), que também ganhou a rampa de Levens, ultima corrida do percurso comum. Entretanto, a vitória de Mikkola («Escort») na 8.ª prova de velocidade, Charges-Savine mostrou que ainda se mantêem integras as possibilidades para qualquer destas três marcas concorrentes: «Porsche», «Alpine» e «Ford». As diferenças, aliás, são pequenas entre os seis melhores classificados e qualquer deslize nos 670 quilómetros da complementar Mónaco-Mónaco, que começa logo á noite e se prolonga até amanhã, pode modificar completamente os resultados conseguidos ontem no percurso comum.

A equipa francesa Lampinen-Hertz, em «Saab», foi acusada de ter seguido por um atalho durante a prova de ontem, encurtando o percurso estabelecido. A Comissão Desportiva do Automóvel Clube de Mónaco aguarda um relatório da Polícia a fim de poder deliberar, mas, a confirmar-se a acusação, Lampinem será desclassificado.

Entretanto os concorrentes poderam descansar mais de 24 horas, o que, se não os recompõe completamente do esforço feito, pelo menos garante estarem mais folgados para os 700 quilómetros que vão seguir-se — os mais difíceis de todo o «rallye».

Quanto ao Rallye Mediterraneo, onde paricipam os carros da categoria «Desporto-Protótipos» que não poderam ser inscritos no «Monte» restam apenas 4 em competição e é o ultimo «Matra», guiado por Jabolille, que comanda as classificações.

Embora de carácter oficioso e sujeitas a confirmação, as classificações dos dez primeiros, depois dos 1500 quilómetros do percurso Mónaco-Val-les-Bains-Chambery-Mónaco é a seguinte:

1 — «Porsche», n.º 37 — Bjorn Waldegaard-Lars Helmers, 12,564 pontos.
2 — «Porsche», n.º 28 — Vic Elford-David Stone, 12,740 p.
3 — «Alpine», n.º 26 — Jean Vignatier-Jean-François Jacob, 12,888 p.
4 — «Porsche» — n.º 31 — Gerard Larousse-J. C. Perrond, 12,930 p.
5 — «Ford», n.º 29 — Jean-François Piot-Jean Todt, 13,382 p.
6 — «Renault», n.º 89 — Jean-Luc Therier-Michel Dumont, 13,575 p.
7 — «Opel», n.º 36 — Henri Greder-André Vigneron, 14,200 p.
8 — «Lancia», n.º 35 — Pat Moss-Carlson-Elis Nystrom, 14,214 p.
9 — «Saab», n.º 23 — Simo Lampinen-Arne Hertz, 14,974 p.
10 — «Ford», n.º 27 — Hannu Mikkola-Jim Porter, 15,334 p.

Os dois irmãos que mataram um lavrador continuam a monte

SABUGAL, 23 — Patrulhas da G. N. R. do posto de Quadrazais, sob o comando do 1.º cabo José Ferreira, continuam a procurar activamente indícios do paradeiro dos dois irmãos que no domingo, á noite, assassinaram, á paulada, um lavrador que interveio quando aqueles espancavam um jovem de vinte anos.

Segundo revelou a autópsia, o lavrador, sr. Manuel Joaquim Nunes Dias, de 62 anos, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Martins, sofreu fractura na base da abóboda craniana, sem que se verificassem ferimentos exteriores.

Julga-se que os assassinos, José Rodrigues Pinheiro, de 22 anos, e seu irmão, Adalberto, de 18, residentes em S. Dinis de Páris, tenham fugido para França, uma vez que o primeiro dispõe de passaporte e já trabalhou naquele país.

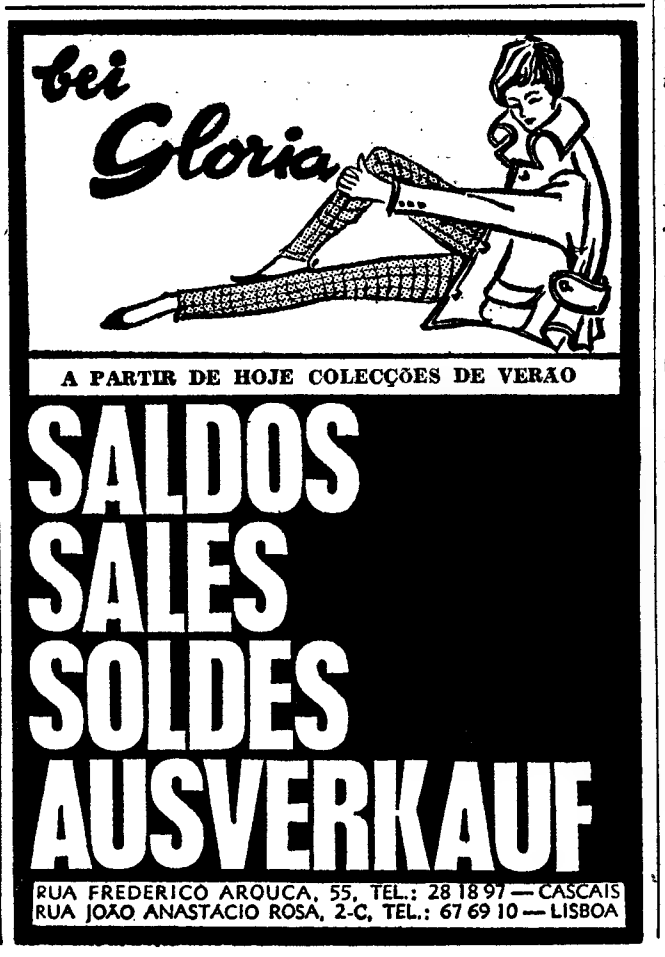
Encerram-se no domingo as comemorações do I Centenário dos Voluntários de Lisboa

Para encerramento das comemorações do seu 1.º centenário, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa promove, no domingo, ás 10 horas, diversas cerimónias a que preside o ministro do Interior.

O programa está assim estabelecido: entrega de diplomas a sócios honorários; condecoração do estandarte, pelo titular da pasta do Interior, em representação do sr. Presidente da República; condecoração de outros estandartes e, por fim, benção, pelo rev. Oliveira Reis, e inauguração de uma nova ambulância e dois auto-tanques, oferta das companhias «Motor Oil» e «Sonap».

MORTE TRÁGICA DE UM CICLISTA

BRAGA, 23 — Esta manhã, na freguesia de Sampaio de Merelim, um automóvel, conduzido pelo sr. Hernâni Fernandes Lessa, funcionário da Companhia Fabril do Cávado, atropelou mortalmente um ciclista, cuja identidade se desconhece e que rolava em direcção a esta cidade.



Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 23. — (A. N. I.) — Foi divulgado em Bissau o seguinte comunicado especial das Forças Armadas na Guiné:

«Em 21 de Janeiro, as nossas tropas, em operações de nomadização na área de Sambuiá, estabeleceram contacto com importantes forças inimigas que sofreram avultadas baixas e abandonaram, no campo de luta, seis bazucas, dezanove metralhadoras, 39 pistolas-metralhadoras, duas espingardas automáticas, além de outro armamento ligeiro e grande quantidade de munições.

Nesta acção cooperaram uma companhia metropolitana e outra de recrutamento local. As nossas tropas sofreram dois mortos.

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa

Alexandre O'Neill
Álvaro Manuel Machado
Carlos Porto
Joaquim Letria
José Duarte
José Vaz Pereira
Manuel Ferreira
Oscar Lopes

N.º 547/23 DE JANEIRO DE 1969

Eugénio de Andrade em diálogo com Óscar Lopes

Sairá, pela Editorial Inova, do Porto, o primeiro volume em prosa de Eugénio de Andrade — o quinto da sua autoria, que em edição ou reedição, veio a lume em menos de um ano. É natural a curiosidade em volta de uma nova forma de expressão por parte de um poeta consagrado, e sobretudo tratando-se de um livro onde se fala de alguns dos seus mais vivos encontros humanos e literários, e que se revelam nas dimensões culturais do autor, e onde ele se refere à sua própria maneira de ser como poeta.

O diálogo entre Eugénio de Andrade e Óscar Lopes não principia, em rigor, com o que adiante poderá ler-se. Vem do próprio livro publicado, em cujas margens o crítico confessa uma declaração prologal do poeta, em que o discute e interpreta. Pareceu-nos, contudo, que mais alguma coisa haveria a perguntar e responder, entre ambos. E eis os termos em que se prontificaram a prosseguir, para os nossos leitores.

1 — Qual a intenção do título «Os Afluentes do Silêncio»?

— O silêncio é a minha maior tentação. As palavras, esse vício ocidental, estão gastas, envelhecidas, envilecidas. Fatigam, exasperam. E mentem, separam, ferem. Também apaziguam, é certo, mas é tão raro! Por cada palavra que chega até nós, tenra e rumorosa ainda das águas do ser, quanta baba nos escorre em cima a fingir de música suprema! A plenitude do silêncio só os orientais a conhecem. Lao Tsé ensinou que quem sabe não fala, e quem fala não sabe. E Bashô, com um cânone de apenas dezassete sílabas, fez uma das mais esplêndidas poesias de que há memória. É da tentação do silêncio, da apetência do silêncio, da condenação ao silêncio que falam os meus «afluentes».

2 — É visível que ao reagir por escrito a determinadas obras plásticas, o poeta se explica acerca de si e da sua arte. Em que textos ou passos do livro se vê mais claramente ao espelho?

— Concebo a palavra poética como um empenho de *todo* o ser. Como poderiam, portanto, estes textos deixar de me reflectir? Até nas páginas sobre pintores ou outros (por exemplo, na *Glosa* de homenagem a Raul Brandão), embora falando deles não abdiquei de falar da poesia. Quero eu dizer: a chamada crítica de arte está fora dos meus interesses.

Acusam-me de distante, desatento, cheio de reserva... e, no entanto, «Os Afluentes do Silêncio» é um livro de amizade, embora de uma amizade que se recusa a confundir-se com o calor do estábulo.

3 — A simpatia sem lisonja, o rigor do traço com que nos fala de Pascoaes, de Pavia, e até de um bailarino que passa e de um simples pastor e entalhador popular, mostram que certos contactos pessoais se não despegam da sua memória. Não gostaria de falar de outros encontros? Por exemplo, entre mortos ou afastados...

— Com uma só excepção, todos os escritos deste livro são resposta a apelos que não soube recusar. E, com rigor, apenas de um *encontro* se fala neles: com Garcia Lorca. Mas a plenitude de um tal encontro pode avaliar-se melhor por umas traduções recentemente reeditadas do que nas magras linhas em que o contei. Muitos outros encontros houve na minha vida, com artistas ou com gente que nada tinha de comum com a arte, mas é sobre essa gente, cujo nome cintila apenas no céu da minha memória,

(Continua na página seguinte)

El hijo del burlador, de Manuel Ribeiro de Pavia: «Soberbo de desafio» (E. de Andrade, in *Os Afluentes do Silêncio*)

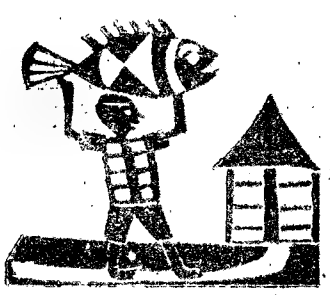
Uma literatura nova

por Manuel Ferreira

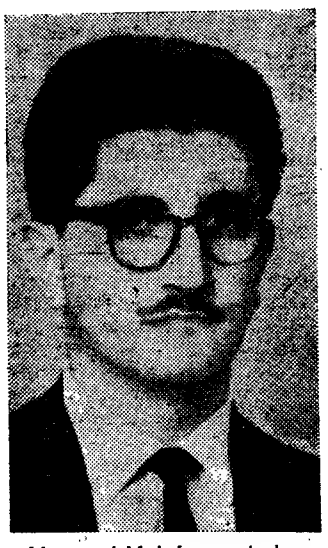
É POR DE MAIS evidente. Não goza, entre nós, a literatura ultramarina de expressão portuguesa de um favor especial. Daí o conhecimento que dela temos seja restrito: a bem dizer limitado a uma escassa meia dúzia de pessoas ligadas às coisas do Ultramar. Dizer-se até que esse tipo de literatura é consentido não será ir longe de mais. Por outro lado, os editores, intérpretes deste consenso, não se aventuram demasiado por tais domínios. Na verdade, um filho segregado. Mesmo assim, esconder que a crítica não tenha, perante algumas obras, embandeirado em arco, seria incorrecto. Mas o público, até aquele público informado e normalmente comprador ou leitor do que de mais importante ou mais instante se vai publicando (e como estamos, mau grado tudo o resto, já longe dos trezentos fiéis leitores que José Gomes Ferreira assinalava há uma dúzia de anos!) não têm uma ideia precisa ou mesmo aproximada do que é, ao presente, a nossa literatura ultramarina. E só o público? O público, os escritores, os estudiosos. E a nossa Universidade. Sempre com as reservas que as excepções aconselham, já se vê.

Claro, as razões são várias, múltiplas e complexas.

Na Metrópole, entre escriticos, articulistas, ensaístas dir-se-ia o entusiasmo ter vindo a ser monopolizado por aquele que por lá se radicam ou de lá regressam depois de aí terem vivido um bom par de anos, salvo um ou outro caso. Tanto assim que não abundam as obras subscritas por nomes que não tivessem sido arrastados pelo convívio directo com terras e gentes dos trópicos. Mas sempre essa actividade á margem da curiosidade viva de um publico vasto. Um momento houve talvez em que a dicotomia fora abrandada ou negada. O século XVI. Compreende-se: o divórcio não era possivel frente á grandeza e á extensão do empreendimento que reclamava a participação de muitos e não deixava ensejo para a indiferença dos restantes.



Do facto de podermos assinalar dois planos quase distintos — o da actividade intelectual orientada de ou para o Ultramar e o alheamento do público — releva que a produção literária africana não tem logrado



Massaud Moisés: um trabalho de larga significação

espevitar a receptividade dos metropolitanos.

Críticos e divulgadores (tão poucos são, a despeito de tudo) da literatura ultramarina, possivelmente pela sua formação ideológica e posição intelectual abundam, amiúde, na exagerada valoração de determinadas obras que pouco ou nada contam na produção normal da nossa literatura e, daí, a dúvida, a desconfiança, a descrença, o desinteresse.

Contingências e vicissitudes como as que têm levado os autores a editarem as suas obras no Ultramar ou incluí-las em colecção suportadas a custo por organismos associativos (o caso da extinta *Casa dos Estudantes do Império,)* ou grupos de acaso, fugazes, por isso, ou editores do Ultramar de parcos recursos, onde a maior virtude estará na exemplaridade do propósito (a *Imbondeiro* que ficou impedida de proseguir numa tarefa valiosa não obstante a sua larga margem de generosidade) teriam contribuído para uma empobrecida circulação. Muitas vezes ainda tratando-se de edições reduzidas se prejudica uma ambiciosa divulgação. Daí que algumas das obras de valor sejam de aquisição impossível e consulta dificílima. Que o digam os estudiosos estrangeiros quando tentam a penetração nos trilhos da nova literatura de além-mar, mesmo quando recorrem a instituições oficiais especializadas.

Enfim, matéria vasta, de alguma complexidade não cabe aqui explaná-la com desafogo em tão curto apontamento.

Como quer que seja, tais circunstancias dificilmente poderiam ter conduzido a outra coisa que não fosse à criação do pressuposto de uma menoridade que, em muitos aspectos, é uma tremenda injustiça. Porque, considere-se, há de tudo na literatura Ultramarina. Do mau, do mediocre, e do bom. Assim, ignorar-se uma boa parte dos poetas e ficcionistas angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos e até santomenses é ficar no desconhecimento, não só das linhas de força que impulsionam uma literatura jovem como também de todo o universo

(Continua na 6.ª página)

SUPLEMENTO Diario de Lisbôa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS
Eugénio de Andrade em diálogo com Óscar Lopes
Uma literatura nova, *por Manuel Ferreira*
Sá-Carneiro analisado à lupa

LETRAS ESTRANGEIRAS
«Le Grand Jeu», redescoberta do Surrealismo, *por Álvaro Manuel Machado*
Resistência criativa, *por José Vaz Pereira*
Como o Rei Salomão, *por J.-Jacques Barloy*

CRÓNICA
Raf Lalo, o Bucaneiro, *por Alexandre O'Neill*

ARTES PLÁSTICAS
Teobaldo e a cor da esperança, *por Joaquim Letria*
Inquérito: O ensino de Belas-Artes
Um artista em evolução

JAZZ
Variações sobre o termo «Soul», *por José Duarte*

TEATRO
Carta aberta a Laura Alves, *por Carlos Porto*

FOLK MUSIC
Brasil, outra música, *por V. S. T.*

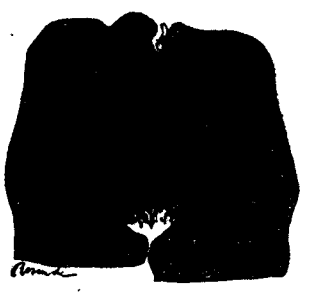
Eugénio de Andrade
Em diálogo com Óscar Lopes

(Continuação da pág. anterior)

que eu gostaria de escrever, melhor: que eu *deveria* escrever. Talvez a transparência da minha poesia lhes deva mais do que deve à música de Mozart ou a certos versos de Camilo Pessanha.

4 — Acostumado a um tão ostinato rigore, *rítmico e outro, de escrita em verso não se sente* outro *em prosa?*

— Não, não me sinto *outro* na prosa. Onde estão as fronteiras entre prosa e poesia? Eu tenho a maior dificuldade em distingui-las. Em todos os tempos a poesia se refugiou na prosa, e ùltimamente até naquela onde menos suspeitávamos que a iríamos encontrar: na obra de Julian Huxley ou Élie Faure ou Okakura Kakusô, por exemplo. Regressando à pergunta: a prosa permite-me uma respiração mais ampla, e pode ser um alívio para quem chegou, como eu, através do verso, à beira do irrespirável.



Desenho de Júlio Resende in «Os Afluentes do Silêncio»

5 — Como surgiu em si esse interesse tão vivo pelas artes plásticas? Seria indiscreto perguntar se não teria alguma vez cedido à tentação de pintar? E perguntar por que razão a sua crescente paixão pela música se não manifesta, tão frequentemente, por escrito?

— Ceder à tentação de pintar? Sim, já cedi, mas ao resultado não se pode chamar pintura. Quanto à música, essa paixão que não cessa de crescer, prefiro ouvi-la que escrever sobre ela. Mais que outra arte qualquer, a música requer que se fale dela tècnicamente — há já literatura que baste para não dizer nada dela *enquanto músi-ca*. Mas a música não pode estar ausente dos meus versos. Estará ali talvez adormecida, «adormecida de um sono tão leve que o menor afloramento de uma mão conhecedora bastará para a despertar».

6. — Que obras, ou que espécie de textos, mais gostaria agora de escrever em prosa?

— Sei lá! Eu nem sequer gosto de escrever. Acontece-me às vezes estar tão desesperado que me refugio no papel como quem se esconde para chorar. E o mais estranho é arrancar da minha angústia palavras de profunda reconciliação com a música da terra.

7 — Que razão dá para a sua fina e vibrátil sensibilidade ás cores, ás formas, ao sabor, ao éthos da paisagem e da vida alentejana? Que se saiba, nasceu na Beira, e não no Alentejo...

— É certo, nasci na Beira mas naquela Beira que prolonga o Alentejo. Ali passei a infância, ali ia a férias na adolescência. A minha memória está cheia de searas e medas de pão, do rumor dos rebanhos, do olhar solitário dos pastores, do cheiro a poejos e a barro fresco. Quando fúi ao Alentejo pela primeira vez, já levava o Alentejo dentro de mim, Só a brancura era maior — a brancura e a pulsação do silêncio. Mas não é a brancura a minha outra fascinação?

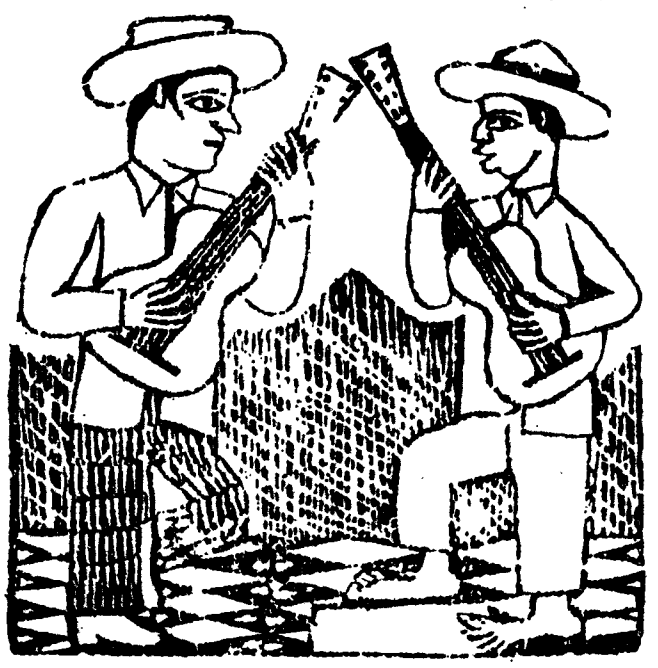
Brasil, outra música

O RETORNO à simplicidade (poética e musical) foi o primeiro passo: para trás ficaram as violinadas langorosas, os amores gemebundos, o sentimentalismo de cordel. Cantou-se, então, a beleza: da garota, da praia, do barquinho, do patinho, do trenzinho, da bolinha de papel. Foi bonito, foi necessário, foi um grande trunfo (comercial e artístico) para a expansão internacional da música brasileira: os E. U., gostaram, e o resto é o que se sabe. O batidinho da bossa, urbano e sofisticado, entrou nas *boites* e nos ouvidos de quem não queria saber de chatices. Só depois se descobriu que «não basta cantar o mar, o céu e as flores». E Reynaldo Jardim nas páginas da revista *Senhor* (Maio de 63) pôde adiantar: «Não basta mais buscar inspiração em nossas tradições musicais para abrasileirar cem por cento as novas composições. É preciso agora perceber a situação nacional em toda a sua amplitude politica e social. A bossa-nova precisa radicalmente se desalienar e fazer sem vexame nenhum arte interessada. Interessada em quê? Em formar opinião pública. Em formar consciência». Para tal e tanto, cabia aos artistas «ajudar o Brasil a encontrar seu caminho fazendo o povo cantar, mesmo desafinado, aquilo que ele quer cantar: um destino melhor».

O que, de todo em todo, já escapava aos domínios do *show-business*.

UM CANTAR DIFERENTE

Um álbum recente da série «Le chant du monde» permite avaliar, num conjunto antológico, a pujança da música popular brasileira na sua nova feição. Pela voz límpida e apaixonada de Zelia Barbosa é todo um povo que canta, povo de marginais, de caboclos, de favelados, de emigrantes nordestinos («paus-de-arara»), de trabalhadores do latifúndio, povo do traço de Portinari e das gravuras de Esmeraldo. Canto amargurado? Nova moda para consumo, agora sob o rótulo de «canção de protesto»? Pois mais que isso: um canto natural, consciente, revelador e afirmativo — que «Deus dando a paisagem / o resto é só ter coragem».



Gravura de Esmeraldo para «Sertão & Favelas»

Acompanhada por Raquel Chaves (viola), Max Hediguer (contrabaixo) e Nelson Serra de Castro (instrumentos de percussão), Zelia Barbosa interpreta o tal destino melhor — implícito na denúncia de um *statu quo*.

EXPRESSÃO MUSICAL

Sertão & Favelas é o título do album. Reúne canções e poemas de João do Vale, José Cândido, João Cabral de Melo Neto, Chico Buarque de Holanda, Edu Lôbo, Ruy Guerra, J. B. de Aquino, Oduvaldo Viana Filho, Vinicius de Morais (o antigo, o de «Pau-de-Arara»), Carlos Lira, Zé Ketti, M. B. de Carvalho e Sérgio Ricardo. Um album de ouvir mesmo. Por ele saberemos que Zelão chorou e o morro chorou com ele porque «a chuva botou seu barracão / no chão / e nem foi possível / salvar violão». Saberemos também que «o morro existe / mas pedem pra se acabar», embora haja quem diga que «daqui do morro eu não saio, não», pois «se não tem água, eu furo um poço / se não tem carne, eu compro um osso / e ponho na sopa e deixo andar / deixo andar».

Saberemos da viagem de «Pau-de-Arara» a Copacabana e do seu desejo de regressar ao Ceará «porque lá tenho um nome / aqui não sou nada / sou só Zé com fome / sou só Pau-de-Arara / nem sei mais cantar». Saberemos de Carcará, águia do sertão, «bicho que avoa / que nem avião» e que «puxa no imbigo até matá / os borrego novinho». Acompanharemos o funeral do lavrador, ouviremos a canção da terra, esperaremos com Pedro Pedreiro, conheceremos a sina do caboclo que, modéstia à parte, é bom lavrador: «eu planto feijão, arroz e café / vai ser bom prá mim e bom pró doutor / eu mando feijão, ele manda tractor / mas plantar prá dividir / não faço mais isso, não». Até nós chegarão os sonhos, as esperanças, os infortúnios, a determinação, a espantosa capacidade de um povo para exprimir, pela canção, a sua essência e o seu destino. Tudo batidinho, claro, musical já no sangue. Que tristezas e alegrias pulsam ao mesmo compasso.

V. S. T.

Sá-Carneiro analisado à lupa

SÃO RELATIVAMENTE ESCASSOS os estudos consagrados à obra de Mário de Sá-Carneiro. E contudo, quase 53 anos depois da sua morte, talvez se vá já entendendo a literatura que nos legou. Curiosamente, é um professor alemão (Dieter Woll, ex-estudante de Filologia Românica, Filologia Alemã e Filosofia nas universidades de Bonn, Freiburg im Breisgau e Coimbra, doutorado em Bonn, leitor de Alemão em Coimbra e actualmente Assistente no Seminário de Filologia Românica da Universidade de Bonn, onde prepara uma tese sobre Machado de Assis) quem até hoje intentou o esforço mais profundo de compreensão e análise da complexa obra lírica de Sá-Carneiro, em tantos pontos comparável à de um Baudelaire, de um Rimbaud ou de um Apollinaire. O seu estudo «Realidade e Idealidade na Lírica de Sá-Carneiro», recentemente editado pela *Delfos* na colecção «Estudo & Ensaio», é um trabalho modelar de investigação literária, completíssimo e pormenorizado ao ponto de corrigir certos deslizes praticados por críticos e estudiosos portugueses (Gaspar Simões, Joel Serrão, Maria Aliete Galhoz) nos seus ensaios sobre o poeta ou sobre o seu companheiro e amigo Fernando Pessoa. Trabalho de erudito, é certo (a primeira redacção, em língua alemã, constituiu a tese de doutoramento do autor), mas de leitura apaixonante — e proveitosa.

Após um breve esboço biográfico do poeta, já de si informado e o mais possível rigoroso, Dieter Woll, tomando o poema *Partida* como início da sua análise temática e formal à colectânea *Dispersão*, passa a considerar a lírica de Sá-Carneiro nas suas subordinações motoras aos dois polos em questão, a Realidade e a Idealidade: temos, assim, *a sociedade humana como aspecto da realidade; a realidade como cenário; a poesia do entusiasmo vago; a poesia do sensacionismo; a vivência sensacionista do espaço; a ampliação «metafísica» da vivência do espaço; sensacionismo sem mundo exterior / simbolismo contemplativo; o simbolismo de Sá-Carneiro — seus limites; a busca dum «eu» ideal; existência a-histórica; naturalismo da alma e o modernismo*. Seguem-se as notas críticas às edições dos poemas, as correcções à edição «Poesias» (1953) segundo os textos autorizados, uma extensa Bibliografia e três índices (onomástico; das obras de Sá-Carneiro tratadas no texto; e analítico) de grande utilidade para o leitor.

Mário de Sá-Carneiro visto por Almada

«De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda», ironizou amargamente Sá-Carneiro pouco antes da sua morte, ocorrida num hotel de Paris a 26 de Abril de 1916. O estudo de Dieter Woll é um contributo poderoso para esse entendimento.

Inquérito: O ensino de Belas-Artes

I — Que pensa do ensino de Belas-Artes em Portugal?
II — Como deveria este ensino ser estruturado?

Arq. Manuel Mendes Tainha

DIRECTOR DO CURSO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA DA S. N. B. A.

I

1. Tal como os outros ensinos em Portugal, o das Belas-Artes esqueceu-se daquilo para que serve. À partida, como ensino de/para elites, manteve o seu dispositivo de correcção em perfeito funcionamento visto tratar-se de uma área de serviço bastante restrita.

À medida que esta área se foi alargando, deslocando o seu centro, foi-se perdendo de vista a finalidade do Sistema (preparar intelectuais orgânicos da sociedade influente). O aparelho de correcção foi perdendo também a sua eficácia, até se chegar ao ponto em que hoje se encontra: isolamento total em relação à sociedade de chegada, ignorando todas as transformações nela operadas quer quanto ao papel do artista, quer quanto à própria artisticidade das artes.

Todos os avanços se deram fora do ensino, a despeito dele, contra ele.

2. Diz-se: o ensino das Belas-Artes em Portugal está ultrapassado. Certo. Mas porquê? Primeiro: porque é ensino praticado segundo os termos tradicionais (fornecimento sem discussão, de estandardes estéticos e éticos não mais verificáveis no mundo de hoje, em vez de aprendizagem ou pesquisa motivadas de fora para dentro e de dentro para fora).

Segundo: porque o é das Belas-Artes, sistema que sustenta a hegemonia da Pintura, da Escultura e da Arquitectura sobre as restantes artes, num contexto que cada vez mais afirma a continuidade da Arte, e onde é já deveras difícil distinguir, até, o próprio sistema das artes visuais que historicamente lhe sucedeu (Bauhaus).

Terceiro: porque é em Portugal, pais que não tem precisado das artes para coisa nenhuma, a não ser para afirmar zonas de prestígio.

3. Mas eu acrescentarei: não é só em Portugal que o ensino das artes (Belas ou não) está em crise.

A diferença porém (e não é nada pequena) está em que aqui o ensino ignora a própria crise, isto é: ignora a crise mais vasta e profunda de que a do ensino é epifenómeno, quer ao nível das estruturas, quer ao nível pedagógico; ignorando igualmente a crise interna das próprias artes (não já no que toca à sua influência no quadro geral da cultura, mas quanto à sua própria artisticidade).

4. E deixemos a Escola B. A. do Porto em paz. Porque a diferença de lá para cá consiste apenas em que a de Lisboa viveu mais profundamente (internamente) as contradições do ensino, sem mitigação; o que na minha opinião (discutível) a torna mais consciente para as transformações pertinentes. Mas mesmo isto não tem importância nenhuma, porque...

II

5. Porque o que há a fazer nada tem com o problema «eu sou melhor do que tu».

O que há a fazer diz respeito aos problemas da Universidade em geral, sistema que contém orgânicamente o subsistema das artes, de facto e de direito. Universidade para quê? Universidade, como? Eis, na minha opinião, as interrogações que precedem quaisquer outras relativas à particularização dos ensinos, artes ou ciências que sejam.

6. E neste plano toda a resposta é prematura. Não porque não haja gente que lhes saiba dar resposta. Mas porque há, em primeiro lugar, que criar as condições objectivas de partida, necessárias à formulação correcta das respostas e, o que é muito mais importante, das próprias perguntas, envolvendo nesse projecto a Universidade (professores e alunos), os sectores profissionais (que geram a docência como especialização específica), os sectores produtivos (dos bens e da cultura).

Não basta reclamar o estreitamento das relações da Universidade com a vida. É necessário adoptar as técnicas correspondentes a essa ligação, que se quer permanente, criando as redes de comunicação e decisão mais eficazes, e garantir-lhes a sua contínua funcionalidade; pois não só tudo será provisório (como método), como necessàriamente realizado por etapas.

ALGUNS PONTOS DE REFLEXÃO

a — Além de uma crise de estruturas, o ensino das artes vive também uma crise de conteúdo. Qual é o papel das artes no mundo contemporâneo e quais as relações que elas alimentam com as outras actividades humanas?

b — A todo o momento vemos estabelecerem-se espontâneas relações binárias entre formas de arte vivendo até aqui em perfeito alheamento mútuo.

Este é um facto bastante significativo, à luz do qual será prematuro, senão indiferente, definir campos ou subsistemas, e dizer quais as artes que devem reunir-se debaixo do mesmo tecto universitário, embora uma coisa seja certa: o sistema das «Beaux Arts» está para nós como a luz da estrela que há milhões de anos deixou de existir.

Entrevemos, em vez disso, um tecto muito amplo em que se entrecruzem os trânsitos pessoais, programados «por medida», com «saídas» proporcionais à diversificação dos objectos da produção artística, e à especialização horizontal tão necessária na actual cultura de charneiras.

c — De todos os modos, a aprendizagem das artes visuais, como tal, quer esteja em casa com o cinema ou o desenho industrial, deve partir do princípio da continuidade das artes, ao nível conceptual e ao nível operatório. Encarando o mundo físico como um todo contínuo, não poderá deixar de se conferir unidade e continuidade à sua organização visual.

d — Se o papel da arquitectura é o de dar estrutura e significado (humano) ao meio físico que nos cerca, como ignorar as relações que ela deve manter com as artes visuais e com as ciências, sobretudo as ciências humanas? Com ambos os sectores deve a arquitectura formar um corpo coerente de actuações e métodos, cuja aprendizagem não pode confinar-se mais à área tradicional das Belas-Artes, mas revestir-se de um cunho marcadamente interdisciplinar, e por isso mais depressa domiciliada num instituto consagrado ao estudo da organização do meio circundante.

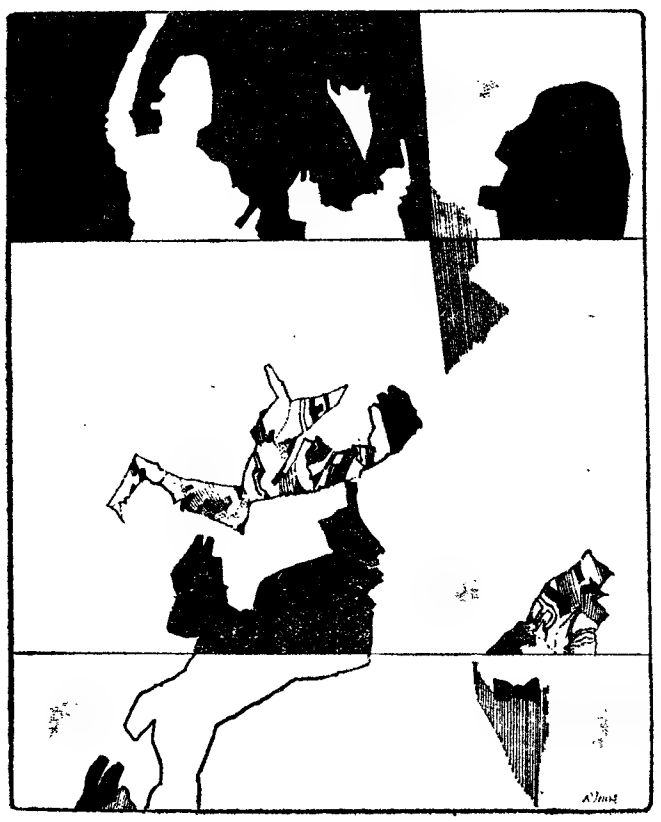
A arquitectura beneficia da aproximação com as artes visuais na medida em que, operando estas ao nível da organização das imagens, organizam os modos significativos de ver o que se conhece e/ou o que se desconhece, organizam as indagações exactamente como a ciência (noutro plano, com outros meios; mas com o mesmíssimo rigor). Da aproximação com a ciência beneficia não só da aplicação directa dos seus resultados, como da absorção e compreensão dos métodos científicos e dos seus princípios básicos.

Mas isto são questões para depois.

Um artista em evolução

Expõe actualmente na Galeria Quadrante o nosso colaborador Rocha de Sousa, um dos responsáveis pela secção de artes plásticas deste suplemento. É a sua terceira exposição individual. Francisco Bronze, outro dos nossos colaboradores habituais, escreveu para apresentação dos novos trabalhos do pintor o texto que transcrevemos:

PARA UM PINTOR, a pesquisa do Real não pode entender-se separada dos meios plásticos que ele utiliza no seu trabalho. Por esta razão o artista está apto a saber que na captação de uma qualquer verdade se deve colocar sempre o problema do Sujeito e dos meios de que este se serve para apreender a realidade do Objecto. Assim acontece quer quando o pintor tem em vista o conhecimento da sua *objectividade*, quer quando visa a sua apropriação numa verdade *íntima*. Digamos pois que ele só começa a entender verdadeiramente o Real, e o seu carácter multidimensional, através dessa sua mesma experiência do *fazer*. Deste modo, aquilo que o artista descobre *fazendo* para sempre se desvenda no seu espírito, como uma apropriação do mundo que irá enriquecer necessàriamente o património cultural da sociedade, por tudo isso que, sendo experiência *poética*, é já também conhecimento.



Rocha de Sousa é um pintor que investiga o Real nas imagens que se lhe oferecem por uma experiência quotidiana de ver — e de imaginar. Algumas vezes essas imagens terão raízes no inconsciente, correspondendo a um pensamento que se deseja essencialmente *poético;* noutras, elas se relacionarão mais intimamente com as notícias de um viver comum e com muito daquilo que vai definindo uma realidade social dos nossos dias. Contudo, sejam elas meras ilustrações de páginas de jornais e de revistas, ou pertençam antes ao universo privado do pintor, não será difícil constatar que para Rocha de Sousa tais imagens não significam muito mais que um pretexto para a pesquisa plástica que se realiza no acto de desenhar ou de pintar. E é só nesse processo que a Realidade se lhe revelará — referimo-nos não àquela realidade que lhe foi *dada*, mas à que se busca por uma constante interrogação. O artista sabe então que é no próprio material, na própria matéria utilizada, que a obra de arte mais sòlidamente se fundamenta. E nestes diagramas que se complexificam e indeterminam num processo metamórfico, é já o primeiro mundo que aos olhos do pintor — e aos nossos — se transforma, podendo vir a

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES (1)

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**ANTÓNIO DACOSTA,** UM DOS CRIADORES DO SURREALISMO PORTUGUÊS
GALERIA PERMANENTE *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES**
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *R. Marquês de Fronteira*	**DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE BÉRGAMO**
GALERIA 111 *Campo Grande*	**BARTOLOMEU CID,** EXPOSIÇÃO DE UM GRAVADOR CONSAGRADO
GALERIA QUADRANTE *Avenida Luís Bivar*	**ROCHA DE SOUSA,** UM ARTISTA EM EVOLUÇÃO — F. B. (1)

(1) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

«Le Grand Jeu»: redescoberta do SURREALISMO

por Álvaro Manuel Machado

SE A *RENTRÉE* literária foi assinalada, em fins de Novembro (atribuição do Goncourt a Bernard Clavel) pelo triunfo da virtude, o novo ano é, em contrapartida, assinalado (festival Henry Miller, *Le Grand Jeu)* pelo regresso ao vício. Ou antes: pela ambiguidade trágica. Ou melhor ainda: pela revisão de valores.

Sobre Bernard Clavel, pouco há a dizer. *Les fruits de l'hiver,* o Goncourt de 1968, seu décimo romance, apesar de ser um livro de quatrocentas e cinquenta páginas, é de uma simplicidade que seria ridícula se não fosse sincera. O autor definiu-o como sendo a «história de um longo crepúsculo». Este «longo crepúsculo» é o da vida áspera e linear de um casal de camponeses do Jura. Em plena guerra mundial, os dois velhos mantêm-se como símbolos de uma paz utópica e como modelos não menos utópicos do «Pai» e da «Mãe» pretensamente eternos, cíclicos e inocentes, litãs do quotidiano.

O romance é evidentemente autobiográfico. Filho de camponeses do Jura, autodidacta, homem saudável no amor, na guerra, no trabalho, Bernard Clavel provocou o escândalo da inocência. O quotidiano tornou-se um labirinto. Já não há lugar para o escritor que pensa com as mãos.

Prova-o Miller. Provam-no os surrealistas de *Le Grand Jeu.*

Miller, publicado agora na totalidade com o beneplácito da censura oficial pelas Editions Buchet-Chastel, é posto à prova para lá do mito fabricado em Saint-Germain. *Sexus,* o volume da trilogia sobre o qual ainda pesava a mão de ferro dos censores oficiais, é submetido a uma anatomia impiedosa e salutar. Dessa anatomia, Miller sai mais sólido e mais genial. A sua *verve* erótica é agora considerada de um frequente mau gosto, uma espécie de retórica primária da fisiologia sexual. O que, parece-me, é rigorosamente verdadeiro. Mas por outro lado, reconhece-se em Miller o cicerone inconfundível desse labirinto em que se tornou o quotidiano de que eu atrás falava. *Sexus* é de facto o inferno em conta-gotas, não a epopeia sexual do génio.

Quanto à revisão dos valores surrealistas, processa-se através de uma revista até agora considerada à margem do movimento e mantida pràticamente inédita. Trata-se de *Le Grand Jeu.*

A iniciativa coube aos *Cahiers de l'Herne,* que ainda recentemente lançaram outra bomba literária: uma colectânea de textos de Burroughs, Pélieu e Bob Kaufman.

Mas vejamos o que foi e o que representa ainda *Le Grand Jeu.*

«LES SIMPLISTES»

Tudo começou não em Paris mas em Reims. Aí, coincidindo com a publicação do primeiro *Manifeste du surréalisme* de Breton, forma-se em 1924 um grupo literário composto por quatro adolescentes: Roger Gilbert-Lecomte, René Daumal, Roger Vailland e Roger Meyrat. Esse grupo intitula-se *Les Simplistes.* Porquê «simplistas»? Diz René Daumal numa carta a Maurice Henry, que será mais tarde um dos membros de *Le Grand Jeu: «Simplisme — nul sens à rechercher sous ce mot. Pourtant, il y a peut-être quelque analogie avec cet état d'enfance que nous recherchons — un état où tout est simple et facile.*

Desde logo, uma obsessão: fugir ao tempo. Voltados para a procura do eu, a criação a partir do nada, a morte, os

Les Simplistes. Em pé: Roger Meyrat; à sua direita, Roger Gilbert-Lecomte. Roger Vailland está apoiado nas costas de René Daumal

Grupo dos *Simplistes* de Reims, em 1929. *Em baixo:* Roger Meyrat; *ao alto:* Roger Vailland; *à esquerda:* René Daumal; *à direita:* Roger Gilbert-Lecomte

Simplistas entregam-se a perigosas experiências, sobretudo à experiência da morte por meios artificiais (inalação de vapores de tetracloro de carbono, absorção de drogas).

Em Paris, em 1926, *Les Simplistes* torna-se *Le Grand Jeu.* Aos adolescentes de Reims juntaram-se entre outros o pintor checo Josef Sima (que expõe actualmente no Grand Palais).

O título de *Le Grand Jeu* foi sugerido, muito significativamente, por Roger Vailland. Simplesmente, as concepções de «jogo» de Vailland e dos outros membros da revista eram totalmente opostas, inevitàvelmente inconciliáveis, como se verá mais tarde.

Porquê *Grand Jeu?*

Para Roger Gilbert-Lecomte, que apresenta a revista no primeiro número, o significado de «jogo» é evidentemente místico: *Le Grand Jeu est irrémériable; il ne se jous qu'une fois. Nous voulons le jouer à tous les instants de notre vie. (...) Le Grand Jeu est un jeu de hasard, c'est-à-dire d'adresse, ou mieux de «grâce»: la grâce de Dieu et la grace de gestes.*

Este misticismo, se por um lado recorre a todas as religiões, especialmente às teorias ocultistas, por outro lado nega toda e qualquer forma de doutrina: *Tous les grands mystiques de toutes les réligions seraient notres* s'ils avaient *brisé les carcans de leurs réligions que nous ne pouvons subir. (...) nous avalerons Dieu pour en devenir transparents jusqu'à disparaître.*

Esta negação, que é o próprio acto de criar, impele o escritor para lá da própria palavra: *Pourquoi écrivons-nous? Nous ne voulons pas écrire, nous nous laissons écrire.*

Dir-se-á que os elementos motores do *Grand Jeu* coincidem exactamente com os do surrealismo de Breton (escrita automática, recurso à religião e à magia, ambiguidade do eu, negação da literatura como expressão da vontade, negação da história, entre outros). Tal não aconteceu.

«LE GRAND JEU» CONTRA BRETON

No número 3 da revista, René Daumal publica uma *Lettre ouverte à André Breton sur les rapports du surréalisme et du Grand Jeu.* Esta carta aberta é uma reacção do grupo de *Grand Jeu* aos ataques de Breton e do grupo surrealista.

Enquanto *Le Grand Jeu* mantinha um carácter experimental, confuso mas autêntico na sua própria dispersão estético-cultural, os surrealistas do grupo de Breton tomavam posições pseudopolíticas excessivamente ambiciosas, reacção demasiado polémica ao mundo burguês. Além disso, no plano formal, certas técnicas de pesquisa do inconsciente tornavam-se métodos estéreis, ciclos viciosos do símbolo onírico.

Poder-se-ia dizer, em última análise, que os surrealistas do grupo de Breton se preocupavam mais em definir uma

(Continua na 6.ª página)

---

do nosso enviado especial

Joaquim Letria

É AO SAIR do cinema Roxi, na Avenida de Nossa Senhora de Capacabana, que se topa com o moço. Normalmente está escondido debaixo de um denso ajuntamento de curiosos. Mas seu espírito paira muito longe dali, nos reinos da esperança.

Chama-se Teobaldo, tem 11 anos, é gordo e na sua cara brilham uns olhos grandes e tristes. Coberto de farrapos, pé descalço, ele faz da mais poética pintura do Rio de Janeiro, ganhando cerca de 500 cruzeiros novos mensais (à volta de quatro contos e quinhentos) o que é muito pouco para o tremendo custo de vida brasileiro.

Um dia, viu-se perante a montra de uma galeria de arte. Entreabriu a porta e perguntou à empregada:

«Moça, criança pode entrar?»

«Mas é claro, meu filho».

Depois daquela visita, agarrou nos pincéis e atirou-se para o chão, pintando com sua mão canhota. Então, aí, sua mãe disse:

«Não adianta você ficar no barraco perdendo tempo. Porque não sai pela rua e vende seus quadros?»

Hoje, os turistas são os melhores compradores de Teobaldo, que ali na esquina, debaixo dos arcos de um prédio, vai pintando para alimentar sua mãe e seu irmão Bituca, que lhe serve de secretário comprando-lhe as tintas, e vivem todos na favela do Pinto, num barracão de zinco empinado no morro.

A temática da pintura teobaldiana é, de resto, à volta da favela. São os sambistas de camisolas listradas e pandeiro, crianças pobres brincando, negras dançando.

No outro dia, uma senhora americana gostou muito de um quadro que Teobaldo estava a completar e que mostrava um grupo de meninos. Mas como havia nele «um não sei quê de tristeza», a senhora pediu para carregar nas cores e voltou depois para o buscar.

Teobaldo zanga-se quando lhe falamos em pintar para vender. «Se não gostassem não compravam. Ao princípio, ninguém ligava e eu fui sempre pintando. Eu gosto de pintar, por isso pinto. Eles gostam de comprar, por isso vendo».

Tem um sonho imediato, este menino de 11 anos que desde os quatro desenhava na areia, sem dinheiro sequer para um lápis de cor; para comprar um par de sapatos. E tem uma meta a alcançar: «Sair da favela, fazer como Wilson Simonal logo que ganhou dinheiro a sério».

«Na favela eu tenho uns dez amigos que também gostam de rabiscar na areia da praia do Pinto», diz ele com tristeza.

Teobaldo: sonho imediato, comprar um par de sapatos

«Mas a gente tem de ser um homem e pensar no futuro e, para isso, é preciso muito coisa. Eu não quero ficar sempre por aí, jogado na rua». Já teve honras de ver o seu retrato em revista, por cima de linhas.

Por tudo isto Teobaldo pinta na esquina do cinema Roxi, semideitado na rua. Comprei-lhe um quadro. Ele usa nos pincéis a cor da esperança.

RAF LALO, O BUCANEIRO

por Alexandre O'Neill

AFLALO não é nome que se tenha. Se você é Aflalo, dá-me razão. Aflalo nem parece nome. Parece falta de ar. Aflalo está a pedir estratagema: A. F. Lalo (diga Lalô, por favor). Faz tempo, em Espanha, comprei uma Parker a cigano de alta macarena, o que me pôs o coração a descompasso. Teria eu levado O CIGANO à certa pela primeira conversada vez na minha vida? Sopesei a caneta: leve de mais. Miopei a marca e, volatilizado o arganaz do gitano, tomei o partido de rir: era uma P.ARKER. Acredite, senhor Lalo (...lô, roga-se) o estratagema resulta.

Vamos dar existência ao nosso Aflalo de hoje? Ele aí vem!

★

— Francisco Costa Simas Af... quê?

— ... Aflalo, senhor director..., e o Chico, todo escaldaface, procurava descobrir nas tábuas do soalho as ranhuras dum alçapão que, a existir, poderia safá-lo (sabe-se lá!) para as paragens míticas da Ilha do Tesouro, onde, com certeza, a malta não se importa que um tipo se chame Aflalo. Mudaria até, antes de desembocar na Ilha à frente dos seus homens, para Raf Lalo, nome bandítico, raziador, bucaneiro, espanholífero. Amou intensamente a letra «R», que estava a dar-lhe perspectivas de legenda e face para reencarar o director.

— AFLALO, sim!, repontou o Chico sorrindo à ideia de que tinha um «R» de reserva para a grande ocasião.

O senhor director pousou-lhe em cima a grande indiferença duns remansosos (em excesso) olhos azuis:

— Aflalo, diga-me o que sabe sobre o sistema hidrográfico dos Açores.

Ilhas da pouca sorte! Nem as lagoas azuis do director lhe deram inspiração. Podia descrever-lhe de cor a Ribeira do Esquartejado, na Ilha dos Flibusteiros, essa ribeira que se dessangrava em vero rubro sangue desde que Bartolomeu-o-Português tirara crudelíssimo desforço do brutamares Fernán Boca Roja, atrain-atraiçoando-o e mandando-o esquartejar a montante do acampamento que ele, Bartolomeu, debruçara sobre as piscosas águas diáfanas da ribeira. Claudicorre a lenda de que Bartolomeu, ao ouvir o tiro de mosquete que anunciava a consumação do sacrifício do seu inveterado rival e o lançamento ao curso bucólico das desconjuntadas partes do desgraçado, se meteu na corrente lâmina translúcida até aos peitos, na espera (sôfrega!) da primeira água tinta com o sangue do seu mais que mortal inimigo. Homenagem? Carnificinagem?

— Então, senhor Aflalo...

Das lagoas azuis do director nenhum rio (ribeira, arroio...) dos Açores consentia em nascer. Foi então que o Alfredo, malicioso puto reguinga, se pôs a fazer telégrafo com dedos, bocas, olhos muito abertos em urgentransmissão. O Chico, olho no director, olho no Alfredo, lá foi decifrando a mensagem. E quando os dedos do director se entrelaçaram num ventrudo gesto abacial de completa impotência e infinita misericórdia face à ignorância tão crassa, para não dizer supina, desse Aflalo de mau sestro, o Chico chamou em socorro a letra «R» e, já Raf Lalo, seguido por todos os seus míticos bucaneiros, declarou, vitorioso, ao azul director:

— Rio Barlavento! Rio Sotavento!

Variações sobre o termo SOUL

por José Duarte

A SORTE das palavras é, por vezes, estranha, parece nascer do acaso e do arbitrário. Alguns termos, na boca dos empresários, na prosa dos críticos, parecem ganhar uma representatividade que, bruscamente, os valoriza. Quem pode negar, hoje que o termo «cool» tem um significado bem determinado, relativo a uma atitude e a uma criação musical, bem precisa? Assim, encontram-se palavras, que, para além do conceito que normalmente encerram, se revestem, como por acidente, dum significado particular, que as insere num determinado ponto histórico. Tal como com «swing», assim acontece hoje com «soul».

O tipo de jazz «soul», sucedeu ao que durante alguns anos se convencionou chamar «funky»: todos os músicos «soul» proclamam, tal como os músicos «funky», uma amizade muito especial pelos «blues» e pelos espirituais, em suma, um certo tipo de recurso, às formas essenciais da herança negro-americana. Dificilmente definíveis e distintas, poder-se-á dizer que a música «soul» acentua uma intensidade expressiva, enquanto a música «funky» visa a insistência expressiva; «soul» significa simplesmente, interpretar com convicção e coração, uma espécie de percepção inconsciente das raízes do jazz, que toma forma no estilo dum músico e o autentifica. Não chega dizer, que o músico «soul» é aquele que possui um extraordinário sentido dos «blues»: Armstrong ou Parker possuíam-no e não são ou foram, músicos «soul».

... deixemos nos cabarés a música de jazz e os seus músicos e não dessacralizemos o que é sagrado...

A secção rítmica do Modern Jazz Quartet: Percy Heath (contrabaixo) e Connie Kay (bateria)

Recuemos nas investigações.

O jazz moderno, o «bop», surgiu como uma vontade de renovação sistemática, facto novo na história do jazz, pois implicava a consciência, mais ou menos clara, do valor e originalidade dum modo de expressão. Mas, com a revolução parkeriana, pareceu que a expressão, a linguagem, dum pequeno conjunto de improvisadores, chegara a um limite. O Modern Jazz Quartet e o seu pianista e director musical, viriam provar o contrário. Com eles, a intenção era reinstalar o jazz no seu passado, atitude que não significa um respeito exagerado por uma tradição asfixiante, mas a utilização inteligente duma herança fecunda.

Continuando este esforço, outro grupo surgiu, os Jazz Messengers, lutando pela reabilitação dos «blues», pela reintegração da sua violência, do seu dinamismo interior. Paralelamente e fazendo parte deste mesmo processo, o espiritual, a sua estrutura, as suas harmonias, o seu clima, faziam uma reaparição, que se iria tornar cada vez mais imperativa. Mas, esta maneira de redescobrir e transformar um património consagrado, implicava uma mentalidade nova, uma mentalidade não resignada, mas orgulhosa. Uma dignidade consciencializada, base duma negritude reivindicada. Como, há uns anos, declarou o trompetista Donald Byrd, a uma revista francesa de jazz: «... um cantor como Ray Charles, certamente que é muito bom, mas para mim não é mais nada que um simples cantor negro, com tudo o que tal implica: ele pode exprimir na música, o que sente, o seu género de vida; mas isto qualquer negro o pode fazer; é o património duma raça; pela minha parte, por exemplo, sei bastante de música clássica para saber que não a quero tocar, nem sequer me apetece, e não se trata aqui duma questão de cor de pele ou segregação; é que há certas coisas que fazem com que os negros, que permanecem negros, não possam tocar música clássica...».

Este o tipo de originalidade, de reivindicação, de rompimento, que iria fortalecer uma união entre os músicos negros, realizadores duma música, duma experiência musical, que punha em evidência as componentes sugeridas por uma infância, por um meio social.

Enquanto que, antes da guerra (mundial e segunda) o jazz, mesmo o melhor, se avaliava segundo uma óptica comercial branca — o que implicava um material temático muitas vezes estereotipado, com prioridade para a eficácia rítmica (o caso do «swing») — com o «bop» e as suas pesquisas de arte exigente, tudo se fechava num individualismo e dificilmente se escapava à tentação esotérica. Com a geração «soul», acabou aquela solução de continuidade que distinguia os «race records» das formas jazzísticas mais emanci-

(Continua na 7.ª página)

Donald Byrd: «... os negros que permanecem negros não podem tocar música clássica...»

NOVIDADES LITERÁRIAS

EUGÉNIO DE ANDRADE
OS AFLUENTES DO SILÊNCIO
Sem estes Afluentes do Silêncio algo de essencial faltaria ao rio límpido da poesia de Eugénio de Andrade. Textos sobre pintores, escritores, paisagens, escritos por um poeta que o é também em prosa. Na verdade, todo este livro fala essencialmente de poesia. De poesia e de como ela nasce, nas suas raízes no corpo, num encontro entre almas, e na terra.
COLECÇÃO «O ESPÍRITO DO LUGAR»

DOSSIER DO CONFLITO ISRAELO-ÁRABE
Prefácio de JEAN-PAUL SARTRE
«...mesmo que corra sangue, desejamos que os leitores deste livro encontrem tempo para meditar nos textos que o compõem, e que, esquecendo as suas simpatias e as suas repugnâncias, procurem pacientemente, na sua complexidade e nas suas contradições, a verdade». (Jean-Paul Sartre)
COLECÇÃO «AS PALAVRAS E AS COISAS»

RAINER MARIA RILKE
AS ELEGIAS DE DUÍNO E SONETOS A ORFEU
As traduções de Rilke pelo Prof. Paulo Quintela, principalmente as das Elegias de Duíno, fizeram data na história da poesia portuguesa contemporânea. Só, talvez, a edição das obras de Fernando Pessoa as ultrapassaram em importância. É essa tradução das Elegias, completada pela dos maravilhosos Sonetos a Orfeu, que o leitor português agora tem ao seu alcance, permitindo a inserção, sempre renovada, na nossa cultura, de uma das mais puras vozes da poesia de sempre.
COLECÇÃO «AS MÃOS E OS FRUTOS»

CHRISTIAN BERNADAC
OS MÉDICOS MALDITOS
«Christian Bernadac encontrou uns 50 alunos de medicina que nunca tinham ouvido falar das experiências nazis sobre COBAIAS HUMANAS, e decidiu escrever OS MÉDICOS MALDITOS. Interrogou numerosos sobreviventes dos laboratórios dos campos da morte. Os seus depoimentos permitiram fazer, pela primeira vez, este monstruoso balanço.» (Le Figaro Littéraire)
COLECÇÃO «OFÍCIO DE VIVER»

ENCICLOPÉDIA DA EMPRESA MODERNA
ORGANIZAÇÃO GERAL E METODOLOGIA DA EMPRESA
Com este volume, inicia-se a publicação da Enciclopédia da Empresa Moderna, obra que reúne a experiência de vinte especialistas de primeiro plano e constitui simultâneamente um prontuário metodológico e um instrumento de formação da maior utilidade para Dirigentes de empresa, Chefes de serviço, Engenheiros e Quadros Técnicos, Estudantes de Economia e dos Institutos, Técnicos em Gestão e Organização, Administração Pública e Serviços Fiscais, Centros de Documentação e Estatística, Peritos Contabilistas e Técnicos de Contas e Empregados de Escritório.

CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS DE ASSINATURA ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1969

EDITORIAL INOVA LIMITADA
PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38-2.º
SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO E LIVRARIA
RUA JOSÉ FALCÃO, 82 □ PORTO

«Península»

José de Azevedo e J. Santos Chambino são os coordenadores dos cadernos culturais «Península», cujo primeiro número (Dezembro de 68) surgiu há pouco nos escaparates. Trata-se de uma iniciativa da maior oportunidade (e validade) cultural, programando uma estreita relação entre intelectuais dos dois países ibéricos. Assim, no Sumário do n.º 1 da «Península», surgem associados os nomes de Juan Eduardo Zúñiga (com o artigo de abertura «Uma aproximação com Portugal»), Félix Cucurull («Maragall: Portugal e o Iberismo»), Armando Castro («A importância do sector público no sistema económico moderno»), Vamireh Chacon («Marxismo e Existencialismo»), Eduardo Prado Coelho («As teses chinesas sobre a guerra e a paz»), Fernando Segura («Cooperativas escolares»), Urbano Tavares Rodrigues («Canção de um soldado da liberdade no cerco do Porto»), Silva Duarte («Poesia Dinamarquesa de 60») e Héctor P. Agosti («Defesa do Realismo»).

O carácter da publicação surge suficientemente explicitado nestas passagens do artigo de J. E. Zúñiga: «Repetidas vezes, portugueses e espanhóis têm dado mostras de saber compreender com lucidez o problema da relação entre Portugal e a Espanha. Outras vezes, os interesses e os propósitos escuros têm confundido o que era justo com o que era inadmissível, e esta desejada interpenetração peninsular tem sido profundamente prejudicada. Não obstante, como é uma necessidade histórica que os dois países caminhem mantendo relações fraternas, os momentos de lucidez têm-se repetido apesar de desconfianças e indiferenças, e as suas valiosas sugestões devem interessar-nos hoje.

O «fio de ouro» dessa concepção realista da adequada relação entre Portugal e a Espanha deve ser rastreado e apresentado. Assim comprovaremos que existe uma tradição de pensamento positivo e lógico que concebe e fundamenta os cânones da única amizade possível. É trabalho confiado a historiadores e a todos os que se interessam pelo destino paralelo que se impõe aos dois países».

É de desejar a necessária continuidade desta iniciativa a todos os títulos meritória.

«Contravento»

Está publicado o n.º 2 da revista «Contravento», publicação cultural dirigida por Fernando Pinto Ribeiro, Eduíno de Jesus e J. M. Pereira Miguel. Mantendo a qualidade técnica do primeiro número, «Contravento» 2 inclui textos de Barahona Fernandes («Formar Homens»), E. M. de Melo e Castro («Ver Ter Ser»), Eduardo Prado Coelho («Estruturalismos: Assalto e Ressaca»), Fernando Reis (o conto «Presépio»), João Palma-Ferreira («Vergílio Ferreira — Vinte e Cinco Anos de Vida Literária»), Edgar Gonçalves Preto («Introdução ao Critério de Esfericidade Cinematográfica»), Carmen Gonzalez («Entrevista com Carlos Botelho») e Artur Fino («Absurdo e Realismo»); poemas de António de Sousa, António Ramos Rosa, Maria Alberta Menéres, João Maia, Alba de Castro, Y. K. Centeno, António Carlos, João Rui de Sousa e Jorge Sampaio (versão livre de um canto egípcio); um acto teatral de Helder Prista Monteiro («O Fim dos Imortais»); desenhos de António Bouça, Manuel Baptista, Júlio Gil, Maria Emília Araújo, Bual, Manuela Madureira, Ângela Camarinha, Artur José, Luís Gonçalves e Amândio Silva; e, na secção de Crítica, textos de Francine Benoit, Fernando Midões, Lauro António, João Palma-Ferreira e Tomaz Ribas.

É irregular a qualidade literária e plástica da revista que, no entanto, oferece variada leitura.

Um artista em evolução

(Continuação da 3.ª página)

entender-se em novos termos.

Nestes desenhos de Rocha de Sousa cada elemento plástico utilizado tem a sua própria voz. As formas espreitam, ocupam um qualquer espaço particular que frequentemente se indefine, ou se define em ambiguidade, e então ficamos a saber que tudo aqui é um problema de relação, relação das coisas com outras coisas ou com a ausência delas.

O conhecimento do mundo, já o dissemos não pode abdicar da realidade do Sujeito — poderá quando muito iludi-lo. É o Sujeito que escolhe, ajusta, altera o seu olhar sobre o objecto de conhecimento. O acto de conhecer é portanto um acto de vontade, um acto *humano*, mas os métodos operatórios são múltiplos; sabe-o Rocha de Sousa e disso mesmo nos dá conta: a sua atenção pode deter-se num pormenor de qualquer imagem, nele se fixando até não restar em cena mais do que essa parte ampliada, assim de algum modo se alienando uma totalidade sem limites.

Ora precisamente, tem sido o desejo de apreender a multiplicidade do Real que mais tem prejudicado o pintor nas telas que nos veio mostrando ao longo de alguns salões colectivos, numa profusão de elementos que se complicava em catadupa de imagens. Nos desenhos agora expostos, o artista pretende evitar essa maneira de abordar o mundo; procurará então alguma coisa que poderá traduzir-se como o encontro do Geral através do Particular. Esses desenhos investigam-se, depuram-se do que é excessivo e temos ao fim desses esforços duas ou três obras que podem realmente apontar novos caminhos ao autor. Ele dá-se conta das exigências espaciais do quadro e também da acuidade expressiva e de construção que os elementos plásticos devem ter. Descobre ainda, ou redescobre, um rigor formal que poderá levá-lo a uma mais aguda consciência de modernidade.

Se outras razões não houvesse, esta seria já suficiente para que considerássemos *positivo* o saldo da sua íntima produção. Acreditamos que o pintor saberá vencer as dificuldades e os riscos da tarefa criativa que o espera. Que os sabe assumir, os tais riscos e dificuldades, já Rocha de Sousa nos deu provas. Vencê-los é simplesmente continuar.

FRANCISCO BRONZE

Redescoberta do surrealismo

(Continuação da 4.ª página)

escola literária que ficasse para a posteridade do que os do *Grand Jeu*. Nessa medida eles eram, afinal, cúmplices da sociedade e da história que pretendiam negar.

Proféticamente, René Daumal escreve nessa carta aberta a Breton: «Rejetant ceux qui, comme vous dites, «gardent quelque souci de la place qu'ils occuperont dans le monde», nous sommes certainement les plus conscients des chercheurs voués pour toute leur vie à cette identité sans nom, les plus impitoyables pour tous ceux qui, par force, par ruse, par sophismes, s'opposent à notre marche: tandis que vous, vers qui nous avons pu jadis tourner les yeux comme un de ces guides dont la fonction est de conduire les hommes aussi loin que près d'eux-mêmes, vous risquez fort de rester paralysé, pris aux pièges que vous vous êtes tendus (...). Prenez garde, André Breton, de figurer plus tard dans les manuels d'histoire littéraire, alors que si nous nous briguions quelque honneur, ce serait celui d'être inscrits pour la postérité dans l'histoire des cataclysmes.»

Breton é já um académico. René Daumal nunca o será.

VAILLAND:
UM JOGADOR DISSIDENTE

Mas o jogo foi breve. Breve e fatal.

O quarto número da revista nunca chegou a sair. O grupo ressentiu-se sobretudo de dissidências internas, particularmente da de Roger Vailland.

Jornalista no *Paris-Midi*, leitor cada vez mais ávido dos libertinos do século XVIII e de Stendhal, enfim ele próprio libertino da Resistência, Vailland tornou-se demasiadamente individualista para ser um jogador místico.

A guerra destruiu o que restava do grupo: Hendrick Cramer foi assassinado pelos nazis, Roger Gilbert-Lecomte morre com um tétano. Quanto a René Daumal, entregue às experiências místicas hindus, morre tuberculoso.

Do *Grand Jeu* tira-se agora a lição de um fracasso. Confuso, acabando por cair num orientalismo exótico, ele foi no entanto um movimento de revolta mais radical do que o surrealismo «oficial» de Breton.

E é justamente esse fracasso que nos leva a redescobrir aquilo que no surrealismo não é moda nem escola.

ALVARO MANUEL MACHADO

Uma literatura nova

(Continuação da 1.ª página)

sócio-cultural que a determinou.

E isso, o dizemos com afoiteza, será uma lacuna tanto maior quanto maior o fenómeno se prende com um dos aspectos relevantes da evolução das estruturas dos espaços da influência portuguesa, particularmente riquíssimos de implicações e estimulantes apetências: e onde, também é importante a língua portuguesa na sua fecunda «experiência românica dos trópicos» se alarga, se enriquece em meio de estranhas descobertas e adaptações. (Não vai ser pequena a tarefa dos dicionaristas para a cobertura destes espaços linguísticos — o que vai tardando).

A verdade é que parece não haver situação paralela nos países que chegaram ao continente africano depois de nós.

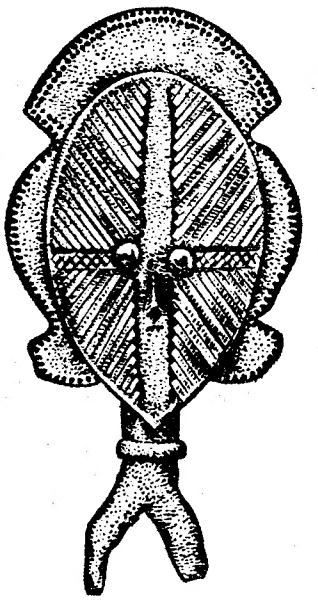
Por mais estranho que pareça o interesse suscitado nesses países incide sobre todas as áreas da cultura afro-negra, desde a Africa ao continente americano numa linha que passa por Cuba, Jamaica, Trindade, Martinica, Haiti, Porto Rico, etc. De tal modo que os especialistas estrangeiros se mostram, não raro, mais bem apetrechados sobre o nosso caso do que nós próprios. Universidades norte-americanas ou sul-americanas possuem uma capacidade de informação sobre a literatura ultramarina de expressão portuguesa que nós estamos longe de poder igualar.

No Brasil o esforço e seriedade desenvolvidos por ensaístas e sectores universitários para uma actualização do que se passa em zonas que nos dizem respeito, perturba-nos. Agora mesmo nos chega a notícia pela mão de Mário Fragoso da publicação de uma *Bibliografia da Literatura Portuguesa*, da responsabilidade de Massaud Moisés, que dedica um capítulo à literatura do Ultramar Português. Parece não ser um trabalho falho de lacunas e deficiências várias, mas nem por isso deixa de ter uma larga significação relativamente ao empenho da Universidade para se actualizar.

Mas só no Brasil? Em França, na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos da América do Norte se publicam antologias, estudos, bibliografias, ensaios onde a nossa literatura africana é referida com insuspeitada clareza e visão. E não se foge ali a aceitar como tese de doutoramento substância cultural de áreas das nossas províncias ultramarinas.

Seria altura de refazer posições. Rectificar conceitos. Encararmos de frente e levarmos a peito tudo quanto envolve o livro de raiz africana. Lê-lo, estudá-lo, criticá-lo. Divulgá-lo pela crítica, pela notícia, pela exposição, pelo recital, pela edição.

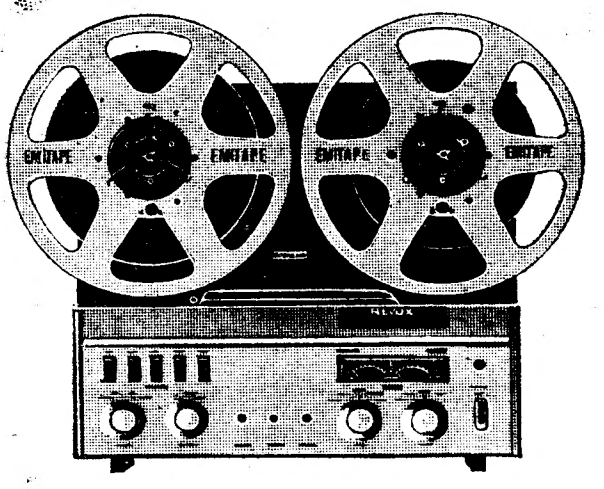
É nossa convicção de que boas antologias de poesia ou do conto de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé, constituiriam, para muitos, uma novidade. E ali se poderia encontrar matéria vária para análise e discussão. Seria



um bom ponto de partida? Porque não? Merecem-no a poesia e a ficção daquelas áreas. E é um dever de todos quantos amamos a nossa língua e empenhados estamos em perseguir a trajectória diversificada da nossa cultura.

MANUEL FERREIRA

Novo! O SENSACIONAL
REVOX A 77
PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR QUE REÚNA TODAS ESTAS CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

— Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 ½; distorção a pontas máximas: 2 %; ruído de fundo: —54 db (normas de estúdio)
— Utilização de bobines tipo profissional NAB de 26,5 cm de diâmetro
— 3 motores — tracção directa ao cabrestante
— Bloco de alimentação estabilizado electrònicamente
— Igualizações NAB e IEC
— 2 velocidades comutadas electrònicamente
— Funções mecânicas comandadas por relés
— Motor de tracção com servo-regulação electrónica de velocidades
— Circuitos de tipo «plug in»
— 2 vuímetros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída
— Célula foto-eléctrica para paragem no fim da fita
— Mecânica telecomandável
— Possibilidades de trucagem (eco, multiplay, duoplay, etc.)
— Cabeça de reprodução independente
— Saída para auscultadores estereofónicos
— *TOTALMENTE TRANSISTORIZADO*

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

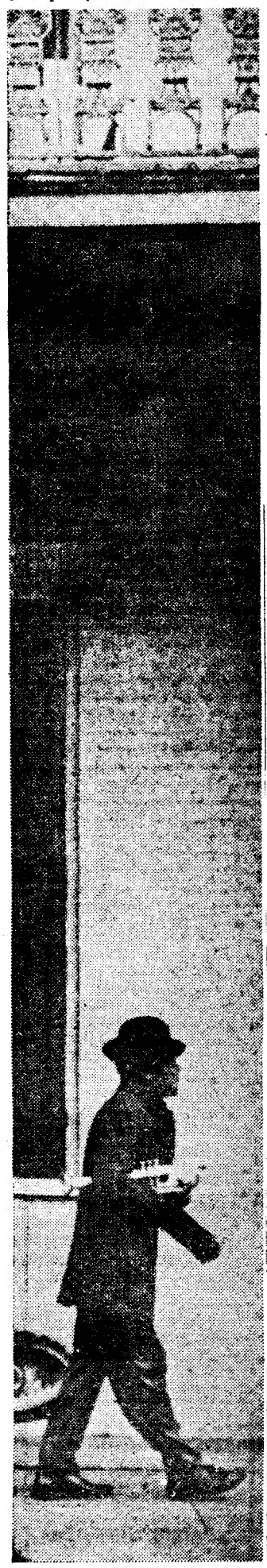
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97 - LISBOA
No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

Variações sobre o termo Soul

(Continuação da 5.ª página)

padas, restabeleceu-se aquela ligação íntima entre jazz e folclore, tão característica dos primórdios.

E a importância da infância e do ambiente familiar na vida dum «jazzman» veio revelar a igreja, como determinante importante da sociedade negra norte-americana. Quase todos os musicos de jazz negros e americanos, têm, ou tiveram na família, um membro com papel activo na vida religiosa. Muitos deles se iniciaram na igreja a cantar, a tocar. Seja qual for a atitude para com ela, a igreja está presente na educação dos músicos negros americanos. Desde a infância que ouvem música de igreja, que ela os influencia conscientemente ou não, de tal maneira que a sonoridade, a expressão emocional de



tal música se liga intimamente á sua personalidade. Por outro lado, para os profissionais, a procura e as condições de trabalho, tomavam um aspecto novo: enquanto que, muitas vezes, os músicos antes da guerra começavam directamente nas grandes orquestras, agora a maioria, inicia-se nos pequenos conjuntos de «rhythm and blues», os quais marcam profundamente o seu estilo, no que diz respeito a expressão, acentuação, progressão harmónica. Assim se interioriza, numa vida artística, numa arte em progresso e um folclore revalorizado. Esta atitude do músico negro face a ele próprio, ao seu património cultural, à sua arte, permite compreender o que é o tipo de jazz «soul»: uma certa espécie de discurso destinado a exaltar ao máximo as características originais que definem os «blues», os espirituais, os «gospels». É um tratamento moderno dum material tradicional, e como tal não se esforça por sómente reencontrar a poética própria do género musical, mas fundamenta a sua própria poética através duma solicitação sistemática dos elementos específicos dos «blues» e espirituais. Jazz «soul» é pois um tipo de espírito e não um sistema de criação.

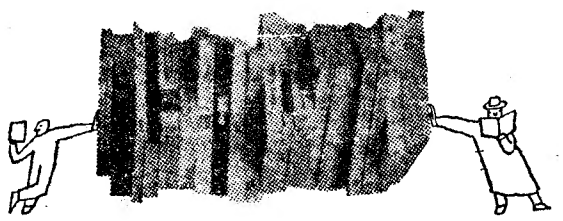
A utilização habitual, de esquemas melódicos e harmónicos herdados da igreja, veio introduzir no jazz um novo clima musical ás vezes melancólico, pungente, outras vezes sereno, solene, mas também em certos casos, entusiasmado, de jubilo, talvez assim se compreenda, como o sistema «soul» funcionou (hoje em dia mais ténuemente) como uma metamorfose da continuidade instaurada pelo «bop», tradição mais enriquecida do que desenvolvida. Práticamente não houve renovação mas, a introdução dum certo espírito, o qual, com uma matéria

Ray Charles

temática e processos estilísticos particulares, inflectiu a interpretação, duma maneira mais ou menos sistemática. Por isso, não se deve falar verdadeiramente duma escola «soul», mas sim, de músicos mais ou menos «soul».

DISCOGRAFIA A PROPÓSITO:

Blues march
de Benny Golson
Funky mama
de Donald Byrd
Come on home
de Horace Silver
Dat Dere
de Bobby Timmons
Jubilation
de Junior Mance
Work song
de Nat Adderley
Sister Salvation
de Slide Hampton



Autores portugueses

Título — Que diferente és, Lisboa Crónicas Alfacinhas
Autor — Ferreira de Andrade
Tradutor —
Editora — Editorial de Publicações Turísticas — Lisboa
Colecção —
Número de páginas — 97
Preço — 50$00

Título — Cartas à Minha Boa Amiga
Autor — Ricardo Chaves de Almeida
Editora — Edição do Autor — Lisboa
Número de páginas — 149
Preço — 35$00

Título — Lisboa em Crónica
Autor — Orlando Neves
Editora — Edição do Autor
Colecção — «Livros de Autor», 1
Número de páginas — 234
Preço — 40$00

Título — O Estatuto da Imprensa — Debate
Autor — F. Pereira de Moura e outros
Editora — Prelo Editora — Lisboa
Colecção — «Cadernos de Hoje» — n.º 6
Numero de páginas — 142
Preço — 35$00.

Autores estrangeiros

Título — Casa sem Janelas Romance
Autor — Odette de Saint-Maurice
Tradutor —
Editora — Editorial Presença — Lisboa
Colecção — «Gôndola»
Número de páginas — 175
Preço — 25$00.

Título — Pastagens do Céu
Autor — John Steinbeck
Tradutor — Tomás Ribas
Editora — Livros do Brasil — Lisboa
Colecção —
Número de páginas — 246
Preço — 40$00 (enc. 60$00)

Título — Dossier do Conflito Israelo-Arabe
Autor — Prefácio de Jean-Paul Sartre
Tradutor —
Editora — Editorial Inova — Porto
Colecção — «As Palavras e as Coisas» — Secção Documentos Actuais
Número de páginas — 1050
Preço — 140$00

Título — Os Médicos Malditos Experiências médicas em seres humanos nos campos de concentração
Autor — Christian Bernadac
Tradutor — Eduardo Alberto de Gouveia Aguiar
Editora — Editorial Inova — Porto
Colecção — «Ofício de Viver» — n.º 4
Número de páginas — 271
Preço — 50$00

Título — A Igreja da Holanda contra Roma?
Autor — Erwin Kleine
Tradutor — Arnaldo de Pinho Dias
Editora — Moraes Editores — Lisboa
Colecção — «Círculo do Humanismo Cristão»
Número de páginas — 194
Preço — 50$00
Título — A Questão do Biafra
Autor — Eduardo dos Santos
Editora — Portucalense Editora — Porto
Número de páginas — 196
Preço — 80$00

Como o Rei Salomão

por Jean-Jacques Barloy

A PSICOLOGIA animal foi inteiramente renovada pelos trabalhos do zoólogo austríaco Konrad Lorenz. Nascido em 1903, é professor da Universidade de Munique e um dos mestres da escola da etologia objectivista. Os estudos publicados por Lorenz são bastante árduos para os leitores não especializados; deste modo é bem-vinda a publicação em França de um livro em que o cientista relata a sua obra, em termos simples e pitorescos. Pode dizer-se de Lorenz, como do rei Salomão, que «*falava com os mamíferos, os pássaros e os peixes*» (de resto, é este mesmo o título do livro). Para atingir o seu objectivo — o estudo preciso do comportamento animal — Lorenz foi simultâneamente criador de animais, naturalista e homem de ciência. Procurou principalmente desvendar os caracteres do

Konrad Lorenz, o homem que fala com os animais

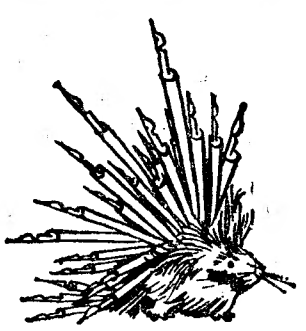
comportamento por meio da etologia (ou ciência dos costumes) comparada, ou com mais exactidão da «anatomia comparada do comportamento»: fez incidir esta modalidade de investigações sobre séries de espécies aproximadas (dezasseis espécies de patos, por exemplo) criadas em semiliberdade. Lorenz estabeleceu «etogramas» para os animais que observava: uma espécie de «filmes» relatando todas as sequências de um comportamento durante horas ou dias. Cada sequência pode ser provocada por um estímulo ou elemento evocador («ausloser») cuja determinação é facilitada pelo emprego de engodos mais ou menos próximos da estimulação natural. Deste modo, os gestos que um ganso cinzento (uma das espécies de gansos selvagens da Europa) efectua para voltar a colocar um ovo no seu ninho dividem-se em várias sequências: trémulo estende primeiramente o pescoço para o ovo (mesmo que seja um engodo), depois segura-o com gestos tão esteriotipados que são possíveis de decorrer «em vazio» após desencadeados; a manutenção do ovo entre o pescoço e o bico, pelo contrário, está ligada estritamente às circunstâncias do momento.

Na obra apresentada este ano ao público de língua francesa, Lorenz faz-nos penetrar na vida diária que ele partilha com as aves, os macacos e outros animais que circulam livremente em sua casa — isto não sem prejuízo da sua vida familiar; por mais de uma vez se achou colocado em situações embaraçosas, amiúde mal compreendidas pelos vizinhos. Mas, para ele, qualquer incidente que sobrevenha na vida dos seus hóspedes é matéria de reflexão que conduz a grandes problemas biológicos ou psicológicos.

A DANÇA GUERREIRA DOS PEIXES MACHOS

Eis, no aquário, a dança guerreira de dois peixes machos: cada um dos adversários tenta assustar o outro, ao mesmo tempo que se excita a si próprio, com uma exibição das suas cores sumptuosas — rito simbólico nascido duma longa evolução do comportamento da espécie. Nos carapaus, a vantagem pertence ao macho que estando mais próximo do seu ninho persegue o rival até ao deste — o que provoca uma série de vaivens seguida por um combate severo no limite dos dois «territórios».

Uma das aves mais estudadas por Lorenz é a chuca, pequena gralha de grito estridente cujos voos são dirigidos frequentemente para catedrais e torres. E' em parte devido a esta espécie que se estabelece a noção de «impregnação», capital na obra de Lorenz. O pequeno pássaro identifica-se ao primeiro ser que vê: uma pequena chuca criada por Lorenz tomava-se por homem quando ia a pé, mas considerava-se uma gralha «pintada» quando voava, porque fora esta a primeira espécie (vizinha da sua) que vira em voo. É pelo mesmo fenómeno de impregnação que um pavão pode cortejar... tartarugas, ou então que um pardal dava em considerar Lorenz a sua fêmea. E o biologista apreciava pouco as larvas de gorgulho que uma chuca lhe metia na boca, o que testemunha um sentido anatómico extraordinário. A mesma espécie apresenta uma reacção inata em relação a um homem que estenda um objecto preto (ou seja, da sua cor) e ataca-o então de enfiada. Em contrapartida, a jovem chuca tem de aprender de outros mais velhos quem são os seus inimigos; o que explica a indiferença dum exemplar



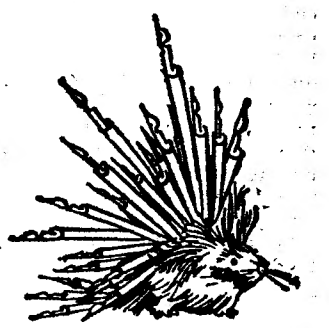
criado longe dos seus perante um gato. Existe uma nitida hierarquia nas colónias de chucas: Lorenz conseguiu desvendar-lhes os mecanismos, reconhecendo «pessoalmente» os exemplares médios por meio de anéis de cores: notou deste modo que quando um macho de alta categoria desposa uma fêmea de espécie inferior, esta adquire a posição hierárquica do esposo; os outros exemplares mudam de atitude a seu respeito, e — facto mais notável ainda — em menos de quarenta e oito horas a fêmea assim enobrecida permite-se audácias que nunca teria tido anteriormente.

ONDE ESTÁS? Interrogava o gansinho.

O diálogo mais extraordinário que Lorenz conseguiu entabular com um animal foi aquele em que tranquilizava um pequeno ganso que passava a noite no seu quarto. «*Vivivivi?*» que é como quem diz «*Eu estou aqui, e tu onde estás?*», interrogava a ave. «*Gangangang*» («*estou aqui*»), respondia Lorenz. «*Virrrrr*» (Vou dormir, boa noite»), concluía o ganso, tranquilizado. O autor também nos dá o seu parecer quanto ás capacidades dos papagaios e de outros pássaros palradores: se bem que limitada, a sua linguagem reflecte uma grande memória e certo espírito repentista.

Uma gralha ferida relatou a sua captura com a frase: «Com uma armadilha eles apanharam-na!». Estas palavras, ouvidas no entanto uma só vez, tinham-se gravado na ave sob o efeito da forte emoção da captura.

A atenção de Lorenz foi



também atraida pelo desenrolar dum combate de cães ou de lobos; quando um dos adversários é vencido, oferece a garganta aos caninos do vencedor, mas contra toda a expectativa este perdoa ao seu congénere. Trata-se duma inibição cujo fim manifesto é a conservação da espécie e cuja origem parece estar ligada ao desenvolvimento, em certos animais, de perigosas armas naturais cujo uso precisa ser limitado. A mesma inibição impedia um corvo domesticado de dar uma bicada no olho de Lorenz quando este, com grande susto dos que o rodeavam, lhe estendia a cabeça. Em contrapartida, a inibição não existe nos animais (cabrito montês ou pombo) cujos combates não originam ferimentos tão graves.

A este respeito Lorenz tenta aproximações com o procedimento humano. Desde o guerreiro de Homero pedindo mercê, de cabeça curvada, até à nossa moral social moderna, passando pelas regras da cavalaria, encontra-se certa inibição na história da humanidade, mas raramente tão absoluta como nos lobos.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Resistência criativa

por José Vaz Pereira

OS EXÉRCITOS DA NOITE (The Armies of the Night), por Norman Mailer, Livro Um — A história como romance: os degraus do Pentágono (History as a Novel: The Steps of the Pentagon) Publicado pelos Penguin Books.

OS EXÉRCITOS DA NOITE. A história, contada por um romancista, da marcha sobre o Pentágono, em Outubro de 1967, nos E. U. Mas também motivo ou pretexto para um dos mais espantosos ensaios sobre a civilização americana dos nossos dias. Civilização essa que simultâneamente exerce fascínio e repulsa sobre Mailer, paralelamente traumatizada e seduzida pela violência, constantemente separada pelo dissídio, com a generosidade equívoca dos temperamentos brutais. Marchar com os «exércitos da noite» equivale a um mergulho numa consciência que procura razões. E ao choque com uma muralha que demonstrou uma vulnerabilidade nervosa ao ser investida por inimigos sem armas.

O escritor falou, lutou, discutiu, participou, retificou. Sempre na 3.ª pessoa. E o estudo de Mailer sobre Mailer está à altura das suas considerações sobre a sociedade em que o mesmo Mailer vive. A sociedade que se levantou, de repente, contra a legião pacifista, com o receio absurdo que a cidadela fosse conquistada por «slogans» e por flores. *Os Exércitos da Noite* são a história dum protesto e também dum medo, a análise sociológica, sob forma literária, do movimento que deu a estocada final na administração Johnson; a descrição colorida dos tipos de manifestantes que retomavam nas suas mãos o conceito de «America is moving again» (A América volta a estar em movimento), há já muito tempo atraiçoado pela dinastia Kennedy.

Inesquecível o capítulo «Avózinha com cabelo cor-de-laranja» em que Mailer retrata a imponente galeria de *marshals*, rostos sombrios e impenetráveis, com toda a malignidade desinteressada, toda a hostilidade melancólica das cidadezinhas do Sul, espiando os manifestantes, ao lado de soldados e de guardas nacionais de capacete de aço e rostos adolescentes.

Marchando sobre este reduto encontra-se um mar humano que compreende homens de negócios e sacerdotes, gente do poder negro e «hippies», ex-combatentes e universitários. Todos os gropúsculos que personificam a eterna pulverização da Esquerda americana estão representados com uma lista infindável de iniciais, algumas delas que, como nomes de marcos, poderiam perfeitamente vender uma nova aspirina».

Acreditamos que ninguém evitará uma ideia inicial de haver um certo cabotinismo na maneira como Norman Mailer participa no livro, na aparente imodéstia da 3.ª pessoa do singular. Mas logo deparámos com o tratamento que Mailer-romancista dá ao Mailer-romancista-que-chegou-de-avião-a-Washington-para-participar-na-marcha e encontramos, imediatamente a seguir, a tremenda liberdade dum homem que se bate, que insulta, que se organiza, que transpira, que comunica, que ama, que se indigna, que vence e é derrotado, que procura compreender, numa espécie de lucidez auto-destruidora, os próprios adversários. E essa dualidade transforma-se, sem dúvida, num dos esquemas mais ambiciosamente fascinantes desta primeira parte do testemunho de Mailer.

Na própria confusão da «New Left» em que Trotskystas acotovelam maoístas, o autor volta a descobrir as cicatrizes do longo isolamento que transformou os progressitas dos E. U. em isolacionistas dentro do seu próprio país mas igualmente as raízes que fazem com que uma corrente, aqui e ali imobilizada pelo dique do Estabelecimento, retome a impetuosidade do seu curso caudaloso.

Porque a grande lição da «história como romance» resulta neste fluir que equivale a afirmar que há forças verdadeiramente em acção, movimentando-se, reivindicando, modificando, criando um novo clima.

Norman Mailer: a resistência ideológica não tem de ser artisticamente desinteressante nem chatamente dogmática

Mailer é o grande individualista, atormentado por saudades da mulher, dores de cabeça, provocadores, integrando-se na multidão e procurando uma razão de ser para a caminhada, polemizando e batalhando, insistindo em fazer da sua prisão o inevitável fenómeno de «mass media».

Fundamentalmente, *Os Exércitos da Noite* provam, uma vez mais, que a resistência ideológica não tem de ser artisticamente desinteressante nem chatamente dogmática. O livro de Mailer prova-nos o contrário. Prova-nos até que se resiste melhor, indo até ao fundo duma explicitação poética do indivíduo, duma interpretação da sociedade que nos rodeia que ultrapasse o esquematismo mas que se integre nos costumes, «habitat», tiques, perfumes, cores e catástrofes vivenciais dum tipo de civilização que produziu simultâneamente o *napalm* e a carne congelada, Norman Rockwell e Norman Mailer.

Oitavário pela Unidade da Igreja

Sabe quais as diferenças superficiais e quais as profundas entre

CATÓLICOS E PROTESTANTES

Tem a certeza?

Conheça o pensamento PROTESTANTE

lendo os livros da

LIVRARIA ALEGRIA L.da

Rua da Prata, 156—LISBOA-2—T. 361239

Peça catálogo grátis

Carta aberta a Laura Alves (*)

por Carlos Porto

OUVI, por acaso, as suas declarações à Emissora Nacional na noite de 15 para 16. As suas palavras não teriam importância se a Laura Alves (desculpe o à-vontade) não fosse uma actriz importante. Como é, de facto. Com a mania que temos de aceitar, sem discutir, as opiniões das pessoas importantes — as suas palavras passam a ser, além de importantes, perigosas.

Tentemos resumir, sem atraiçoar. A Laura Alves começou por anunciar a próxima peça que vai interpretar. Disse que a viu em Paris. Onde é um grande êxito. E, pelo que percebemos, além de Paris, viu teatro em Madrid e, possìvelmente, em Londres. Fez, em seguida, uma síntese da peça que vai apresentar e que definiu como sendo teatro para rir. Declarou, então: «Em todo o Mundo as pessoas só se interessam por este género de teatro. Em todo o Mundo as pessoas têm problemas e por isso correm ao teatro alegre. Há também teatro sério, teatro clássico, de «avant-garde». Mas o público não se interessa.» Não garanto, como é óbvio, estar a ser textual.

Curioso. A justificação — que ninguém lhe pediu — do facto da sua actividade de actriz estar virada para um tipo de teatro que parece considerar inferior em relação ao, infelizmente chamado, teatro sério — não tinha, de facto, nenhuma razão de ser. Porque na verdade a Laura Alves não tem justificações a dar: o seu contacto com o público estabelece-se qualquer que seja o nível do texto que representa. Nem por isso as suas declarações deixam de reflectir uma atitude perante o teatro que a nós nos parece absurda.

Vejamos. Em primeiro lugar, a Laura Alves generaliza. Outra mania. Um amigo nosso publicou um livro. Formidável, pá. Ainda não se fez nada no Mundo que se pareça. Outro tem um filho. É das crianças mais espertas que há debaixo do Sol. Os benfiquistas dizem a brincar que o Benfica é o melhor do Mundo (mas pensam-no a sério). A Laura Alves viu, pelos vistos, algum teatro. Mas não viu o suficiente para inferir que «em todo o Mundo, etc.». Na realidade, os problemas não são iguais em toda a parte, e o teatro também não, é claro. Nem as pessoas reagem da mesma maneira perante os problemas, e o teatro também não, é claro. É possível que em Paris o teatro de «boulevard» vença neste momento. E noutros sítios. Mas como será em Nova Iorque, em Moscovo, em Praga, em Havana, em Tel-Aviv, em Pequim, em Tóquio, em Hanói, em Villeurbanne, no Alasca? Diferente, com certeza.

Depois, há uma grande confusão à volta das expressões com que pretendemos definir géneros de teatro. Teatro para rir, teatro sério. Não preciso de lhe lembrar o que disse Brecht do teatro como diversão.

Na verdade, o que é indispensável é distinguir teatro de chanchada. Com toda a franqueza: a Laura Alves, cujas qualidades de actriz são indiscutíveis e cujas capacidades de comunicação com o público são inestimáveis e tão mal aproveitadas, geralmente não faz teatro, faz chanchadas. Porque o teatro pode ser divertido sem deixar de ser inteligente. Veja «A Preguiça» que o Solnado está a fazer com aquele seu talento de cómico nato, eis um exemplo — não excessivamente eloquente, é certo — de como um teatro pode ser divertido sem deixar de falar de coisas bem sérias. Tem graça o facto de «O Século» ter publicado no mesmo dia da sua entrevista a fotografia de uma cena da comédia de Shakespeare «Love's Labour Lost». Trata-se, diz a legenda, do maior êxito da actual temporada londrina. E não está o «Tango» — peça difícil — a ter sucesso?

Há também o problema do público. É que, Laura Alves, não há um público. Há públicos. Há um público burguês, há um público intelectual, há um público popular, há um público jovem — isto correndo o risco de ser demasiado esquemático. Congregar o interesse de todos estes públicos — eis ao que deve aspirar um artista de teatro que se respeite a si próprio. Quer um exemplo: o «Théâtre National Populaire» é um êxito estatisticamente indiscutível. E não me diga que em Portugal tal não seria possível. Estamos a falar de teatro em todo o mundo, não é? Concordamos que em Portugal o público se interessa mais por chanchadas do que por teatro. E depois? Há uma editora que lança anualmente milhões de exemplares de publicações que pertencem ao domínio da subliteratura. Vamos por isso pedir ao Cardoso Pires, ao Namora, ao Redol, ao Gomes Ferreira que se deixem de literaturas e passem a escrever porcarias?

Termino perguntando-lhe: se é certo as pessoas terem problemas, é igualmente certo que os resolvem vendo o teatro que a Laura Alves defende? Dir-me-á que também o outro teatro não os resolve. Pois não. A diferença é esta: enquanto o teatro de *boulevard* escamoteia os problemas, o teatro dito sério (e já vimos que este termo deve apenas ser uma referência de qualidade) põe o espectador perante uma perspectiva diferente desses problemas (ou de outros). Trata-se, portanto, de uma atitude de honestidade perante a vida.

(*) Pedindo licença ao Nikias Skapinakis para o imitar nesta correspondência inconfidencial.

EDITORA

COMPRA-SE. Ou toma-se posição em pequena editora, mesmo em inactividade.

Resposta a este jornal ao n.º 208.